
Aquele beijo
MARI MONNI


Aquele beijo
MARI MONNI

MARI MONNI



MIGUEL PEREIRA

2019

Copyright © Mari Monni
Todos os direitos reservados.

É proibida a distribuição, reprodução total ou parcial de qualquer parte desta obra, de qualquer forma ou por qualquer meio mecânico ou eletrônico, sem o consentimento por escrito da autora.

Esta é uma obra de ficção, produto da imaginação da autora. Qualquer semelhança com nomes, lugares, pessoas ou acontecimentos é apenas coincidência.

Este romance segue as regras da Nova Ortografia da Língua Portuguesa.

Escrito no Brasil.

Capa: Thati Machado



Quando se tem uma vida inteira planejada à sua frente, nada pode interromper o que está por vir.

Certo?

Lola estava realizando seu sonho de conhecer a Irlanda, tinha acabado de completar dezoito anos e estava começando a faculdade.

Mas então veio aquele beijo...

Um beijo capaz de fazer com que ela perdesse o chão e sentisse, pela primeira vez, a sensação gostosa de finalmente estar completa.

Só que sua família já tinha decidido o que seria melhor para ela.

Carrick Griffin sabia como seria sua vida e não estava nada feliz com o que havia sido posto em seu caminho. Porém, já estava conformado. Afinal, ele era o herdeiro de um império.

Mas então veio aquele beijo...

Um beijo capaz de fazer com que ele se sentisse diferente. Todas as suas convicções e responsabilidades perderam foco e ele só conseguia pensar naquela brasileira.

Um momento.

Um desencontro.

Um destino já traçado.

E nenhum dos dois consegue esquecer aquele beijo...

Alerta: Leia com cuidado. Este livro é tão doce que pode te deixar com cárie. Ah, e não esqueça de ficar com a varinha mágica da fada madrinha do lado. Você vai precisar ??

Para todas aquelas que acreditam em contos de fadas e em príncipes encantados.
Vamos continuar torcendo para que eles existam de verdade.

Capítulo 1

Lola

— Eu acho que estou bêbada — Ana fala pela quinta vez nos últimos trinta minutos e eu preciso me conter para não revirar os olhos. Enquanto ela acha que está bêbada, eu tenho certeza de que ela já ultrapassou esse nível há algum tempo.

— Que tal um pouco de água? — ofereço.

— Água? Lola, minha amiga — Ana passa a mão nos meus cabelos, olhando bem nos meus olhos —, pra que eu quero água? Você não sabe que, na Irlanda, nós somos obrigadas a ficarmos bêbadas a ponto de não lembrarmos nada no dia seguinte? — ela pergunta e eu posso sentir seu hálito de cerveja.

— De onde você tirou essa ideia? — Afasto-me dela. Não só pelo cheiro, mas principalmente pelo fato de que odeio quando as pessoas encostam na minha cabeça.

— É a regra universal por aqui — Ana diz, olhando para mim como se o que acabou de dizer fosse a coisa mais óbvia de todas. — Se amanhã eu acordar e me lembrar do que fiz, é sinal de que não me diverti o suficiente.

Dessa vez, não consigo me conter e reviro os olhos.

É cada ideia que ela tem…

Em vez de me preocupar, resolvo apertar o botãozinho vermelho do *foda-se* e deixar que ela faça o que quiser.

— Então, o que está esperando. Vamos pedir mais uma *pint* — falo, me referindo aos enormes copos de cerveja que servem nos pubs daqui.

Minha amiga faz que sim com a cabeça, agora muito animada, e se volta para o barman, provavelmente para seguir meu conselho.

Desde que chegamos à Irlanda, beber é a única coisa que Ana quer fazer. Minha melhor amiga sempre foi da pá virada, mas parece que tudo se intensificou no instante em que pousamos na Ilha Esmeralda.

Há anos queria vir pra cá. Não consigo explicar o motivo, mas sempre que via algo relacionado à Irlanda, eu parava e prestava atenção. Quando finalmente

completei dezoito anos e decidi que viria para cá sozinha, Ana disse que se juntaria a mim. Vários meses se passaram desde então — tempo suficiente para nos organizarmos — e, hoje, estamos aqui.

Já fui a algumas cidades, como Galway, Limerick, Kilkenny e Cork, mas agora finalmente chegamos a Dublin. Este é nosso quinto dia aqui e eu não poderia estar mais apaixonada. Tudo nesta cidade parece ser mais gostoso — desde o clima frio até o sanduíche do McDonald's. Dizer que estou encantada seria diminuir, e muito, o que sinto neste momento. Nem as loucuras de Ana são capazes de interferir no meu bom-humor.

Por isso, deixo que ela beba o quanto quiser. Se tiver que segurar sua cabeça mais tarde enquanto coloca tudo pra fora, que seja. Vai valer a pena. Amanhã, enquanto ela estiver dormindo ou de ressaca, eu vou passear pela cidade, me encantar com mais um milhão de coisas, ouvir as pessoas tocando música no meio da rua e desejar poder ficar aqui pra sempre. Mas, infelizmente, irei embora em menos de quarenta e oito horas, depois de quase três semanas longe de casa.

Vejo minha amiga beber mais uma *pint* de Guinness — também conhecida como o novo amor de sua vida — e balanço a cabeça negativamente, mas com um sorriso no rosto. Ela vai em direção a um grupo de pessoas que estão conversando alto e rindo mais alto ainda.

Ana não tem jeito mesmo…

Não importa onde esteja, ela dá um jeito de se divertir. Eu sei que *pubs* são muito comuns por aqui, mas, se não fosse por ela, estaria no *hostel*, pronta para descansar a fim de acordar cedo amanhã. O lado de fora é muito melhor do que o de dentro.

— Vai querer alguma coisa? — Escuto a voz masculina atrás de mim e me viro para ver se estão falando comigo.

Outro barman me olha, esperando que eu faça meu pedido.

— Se eu disser que meu fígado está prestes a falhar, você acreditaria? Acho que nunca bebi tanto na minha vida — confesso e dou um sorriso sem graça.

— Turista?

— Infelizmente. Estou cada vez mais apaixonada por essa cidade — digo e me sento no banco vago de frente para ele.

— E por que não se muda para cá? — dessa vez, é outro homem que faz a pergunta, fazendo com que eu me assuste por ter um intruso na conversa.

— Não liga para ele. Meu irmão não tem qualquer bom senso. — O barman volta a falar, mas eu não consigo tirar os olhos do homem à minha esquerda. De

onde ele surgiu e como eu não o notei antes? — Sou Fergus e ele é o Carrick.

Sou obrigada a desviar o olhar de Carrick e forço um sorriso simpático para Fergus.

— Muito prazer, sou a Lola. — Ofereço minha mão a ele, que a aperta.

Eu me viro para Carrick e ofereço a minha mão também, mas ele, diferentemente de seu irmão, não a aceita. Apenas me encara, como se quisesse desvendar todos os meus mistérios. Quero dizer para ele que não tenho nenhum, mas sou interrompida.

— De onde você vem, Lola? — Fergus pergunta, provavelmente na tentativa de me fazer sentir menos constrangida pelo maior vácuo do século.

— Sou do Brasil, do Rio de Janeiro — explico.

— Ah, agora entendi o sotaque. Tem muitos brasileiros por aqui — ele diz, sempre com aquele sorriso simpático no rosto. — Eu, se pudesse, sairia da chuva e do frio e iria correndo para as praias e para o calor — Fergus brinca.

Enquanto nós conversamos, posso sentir o olhar de Carrick sobre mim. Preciso de muito autocontrole para não o encarar de volta nem perguntar qual o seu problema. Ele me fez uma pergunta e depois não disse outra frase sequer. Inclusive, se recusou a me tocar, como se eu fosse portadora de uma doença contagiosa.

Em contrapartida, seu irmão é um cara supersimpático e parece bem feliz em conversar comigo e descobrir mais sobre minha vida no Brasil. Explico a ele que estar perto da praia não significa ficar de biquíni tomando caipirinha todos os dias. Além disso, o Rio é uma cidade bem grande e nem todos moram perto do mar.

Enquanto ele serve os clientes, nós dois conversamos sobre assuntos variados. Fico feliz por meus pais terem insistido tanto para que eu fizesse um bom curso de inglês. Por mais que eu não tenha qualquer pretensão em usar a língua para fins profissionais, poder estar na Irlanda e conversar com quem eu quiser está sendo bem legal.

— Nós somos de Monaghan, no nordeste da Irlanda. Lá em cima, perto da Irlanda do Norte — ele explica e fico encantada em ouvir um pouco mais sobre os outros condados.

Este é um país cheio de cultura e tradições. Cada vez que descubro mais coisas, fico mais apaixonada.

— Uma coisa que achei incrível é que as placas são bilíngues — digo, aceitando a *pint* que Fergus me oferece e esquecendo completamente de que a havia rejeitado.

— Ah, sim. Em Inglês e em Gaélico — ele complementa e, em seguida, explica da importância da língua antiga na atualidade.

De acordo com ele, todos aprendem Gaélico na escola e é uma matéria exigida para o vestibular — independente de qual curso você tem em mente. Não apenas as placas contêm informações em Gaélico, alguns restaurantes também deixam seus cardápios na língua antiga. Porém, como estamos no *Temple Bar*, a região de *pubs* mais turística da cidade, a única língua aqui é o Inglês.

— Fergus, preciso falar com você — um homem de meia-idade interrompe nossa conversa. Quando ele se vira de costas, Fergus faz uma careta e preciso me controlar para não soltar uma gargalhada alta.

Meu novo amigo faz um sinal com o dedo, indicando que volta em um minuto, e eu assinto com a cabeça.

É então que me vejo novamente sozinha. Não exatamente, pois Carrick continua ao meu lado, seus olhos ainda fixos em mim. Finjo não notar sua presença e procuro Ana pelo bar. Eu a vejo sentada com um grupo de mulheres, que aparentemente estão tendo uma despedida de solteira, já que uma delas usa um arco com um véu.

Minha amiga sabe que não sou a pessoa mais animada na hora de curtir a noite. Prefiro ir a museus e galerias de arte do que passar horas dentro de um bar, enchendo a cara. Ela diz que eu sou certinha demais, mas simplesmente não me interesso por isso. Quero conhecer a cultura da cidade, observar as peculiaridades e pessoas; não vou conseguir fazer isso se estiver bêbada ou de ressaca.

Era por isso que eu queria viajar sozinha, mas Ana insistiu para vir e eu fui incapaz de dizer não.

Ainda no mesmo lugar, começo a ficar incomodada com o modo intenso com que Carrick me observa. Eu posso ser uma pessoa calma, mas acho que tudo tem limites. Eu me viro para ele e o encaro de volta.

Seus olhos muito azuis contrastam com seus cabelos castanhos — um traço tipicamente irlandês. Ele seria mais bonito se não fosse tão sério. Carrick e Fergus são muito parecidos, dá pra ver que são irmãos. Mas suas expressões são tão diferentes…

— Qual o seu problema? — não resisto e pergunto.

Acho que minhas palavras o pegam de surpresa, porque ele ajeita a coluna, se afastando um pouco de mim.

— Não tenho nenhum problema — ele diz com seu sotaque. Sua voz é grossa e baixa, e se eu não estivesse bem ao lado dele, provavelmente não escutaria o que

acabou de dizer.

— É claro que tem, senão não estaria olhando para mim desse jeito — rebato, tentando manter uma expressão firme no rosto.

Não quero que ele veja qualquer fraqueza em mim. Muito menos que saiba que sua beleza me intriga e que eu estou morrendo de vontade de fazer algo bem idiota só para que ele perca um pouco a seriedade.

Então, permaneço no mesmo lugar, esperando que ele diga mais alguma coisa.

Capítulo 2

Carrick

Às vezes, eu odeio meu irmão. Na verdade, sinto inveja da forma natural que consegue conversar com qualquer pessoa a qualquer momento. Principalmente quando esse alguém é a mulher mais linda que eu já vi na vida.

O pior de tudo é que o desgraçado do Fergus sabe disso, e só por esse motivo ele está deixando claro que é o mais legal da família Griffin. Assim que Lola entrou, algo fez com que eu me virasse para ela. Na mesma hora, fiquei sem reação. O ar me faltou e alguma coisa em mim gritou que era *ela*. O que, eu não sei. Agora, com Lola ao meu lado — mesmo que conversando com meu irmão —, eu me vejo impedido de desviar o olhar. É como se um fio invisível me mantivesse aqui, preso a ela, impedindo que eu me afaste.

O que está acontecendo?

Ela fala que é do Brasil e, na mesma hora, a aflição me bate. Ela não pode ir embora. Então, quando ela diz que está apaixonada por Dublin, eu não consigo resistir e pergunto a ela por que não se muda logo para cá. Com certeza, facilitaria as coisas para mim.

Eu juro que tento pensar em outra coisa, mas tudo que ela fala tem importância para mim. Meus olhos não desgrudam dela por um segundo sequer, impossível ela não ter notado. Até Fergus já percebeu que tem algo de errado comigo. Volta e meia, ele olha para mim, como se perguntasse o que diabos está acontecendo.

Eu também não sei, meu irmão. Também não sei…

Não faço ideia de quanto tempo Lola e Fergus ficam conversando, mas eu passo cada segundo olhando para ela, tentando entender como ela funciona… o que a faz sorrir… o que a faz franzir o cenho. Cada pedacinho dela é um convite a ser descoberto, e eu sou o convidado de honra.

Quando Jensen, um dos gerentes do *pub*, chama Fergus para conversar em particular, a oportunidade de ficar com ela a sós se apresenta sem que eu precise fazer qualquer esforço. Porém, novamente me vejo incapaz de dizer qualquer coisa com sentido.

Deixo meus olhos percorrerem cada centímetro de Lola, que finge não prestar atenção em mim. Eu nunca vi uma mulher tão perfeita antes. Desde seus cabelos claros até sua pele bronzeada, passando por seus olhos muito escuros e sua boca grossa e bem desenhada. Até a curva entre seu pescoço e seu ombro me parece atraente. Nunca pensei que essa parte do corpo de uma mulher me excitaria, mas tudo nela me chama a atenção — e eu não faço a menor ideia do porquê.

A maioria das mulheres no bar está vestida para chamar a atenção. Todas de vestido, apesar do frio lá fora. Já Lola usa apenas uma calça jeans e uma blusa preta de manga comprida, não se importando com o que os outros vão pensar ou deixar de pensar a respeito dela.

— Qual o seu problema? — pergunta de repente, fazendo com que eu pare de olhar de forma apreciativa para seu corpo cheio de curvas e volte minha atenção para o seu rosto. Ela me encara como se me desafiasse, o que me deixa ainda mais curioso.

— Não tenho nenhum problema — minto. Eu tenho um enorme problema e ele se encontra dentro da minha calça.

Desde o momento em que a vi pela primeira vez, meu corpo deixa claro que a deseja mais do que já desejei qualquer outra mulher — o que é algo bem perigoso, dadas as circunstâncias.

— É claro que tem, senão não estaria olhando para mim desse jeito — ela me instiga e tudo que sinto vontade de fazer no momento é continuar com essa onda de acusações para que seus olhos continuem brilhando com o desafio.

Em vez de respondê-la mais uma vez, opto por tomar um gole da minha Guinness, que havia ficado esquecida sobre o balcão desde que ela parou ao meu lado e começou a conversar com Fergus. Ao mesmo tempo, não tiro os olhos dela.

— Você não vai dizer nada? — ela questiona, agora com ambas as mãos em seus quadris largos e convidativos.

— Nada que eu diga vai fazer com que você mude seu conceito pré-formado. Então, me diga, por que eu deveria tentar te convencer? — eu a respondo com outra pergunta, fazendo com que ela erga uma sobrancelha.

Por um segundo, acho que ela pode não ter entendido o que quis dizer — afinal, a minha não é a sua língua nativa —, mas, logo em seguida, ela dá um passo à frente, se aproximando de mim.

— Você tem razão — ela diz, me pegando de surpresa. — Oi, tudo bem? Eu sou a Lola, muito prazer. — Ela estende a mão para mim, como se oferecesse me cumprimentar.

Ela está me dando uma segunda chance. Da primeira vez que fez isso, fui incapaz de aceitar seu toque. Estava muito fora de controle para sequer cogitar permitir que minha pele entrasse em contato com a dela. Não sabia se seria capaz de me controlar. Mas, agora, após observá-la por não sei quanto tempo, tudo em mim grita para que eu a puxe para perto de mim e a impeça de sequer pensar em se afastar. Mesmo eu sabendo que é errado e que não posso me permitir.

Respiro fundo e, com meus olhos fixos nos dela, tomo sua mão na minha.

— Carrick Griffin, e o prazer é todo meu. — "Ou será", quero acrescentar, mas seria mentira. Eu faria questão de que ela sentisse muito mais prazer do que eu. Faria, não. Farei. Porque eu não estou nem um pouco disposto a deixar que ela saia de perto de mim.

Sua mão pequena se encaixa perfeitamente na minha e eu fico curioso para saber se o resto do nosso corpo também encaixaria da mesma forma. Não sei de onde todos esses pensamentos saem, mas algo em Lola desperta um lado meu que há muito estava adormecido e que deveria permanecer assim.

Meus olhos não desviam dos dela, e aquele fio invisível está cada vez mais forte, me puxando para perto de Lola. Sua pele macia é um convite para meus lábios. Quero poder beijá-la inteira e saber quais sons emitiria se eu sugasse seu mamilo ou mordesse seu quadril.

Minha ereção lateja em minha cueca. Por sorte, estou sentado e usando jeans, senão ela já teria percebido.

Lola olha para nossas mãos ainda juntas e depois para mim, como se quisesse entender o que se passa em minha mente.

"Acredite em mim, querida, você não vai querer saber", penso em dizer, mas acho melhor ficar quieto.

Ela também opta pelo silêncio, o que me faz ter esperanças de que esse pequeno toque é tão importante para ela quanto é para mim. Se estou assim, *hiperalerta*, apenas com nossas mãos se encostando, imagina o que aconteceria caso eu a beijasse. Ou melhor ainda, se eu me permitisse fazer com ela tudo que se passa na minha cabeça neste momento.

Dou um passo em sua direção, encurtando a distância entre nós. Lola ergue a sobrancelha, notando minha aproximação. O sobe-e-desce dos seus seios aumenta a velocidade e sei que sua respiração está acelerada. Quero tranquilizá-la e dizer que também me sinto assim, mas não consigo encontrar as palavras.

Dou mais um pequeno passo, parando logo à sua frente. O mínimo de espaço entre nós e com nossas mãos ainda uma na outra. Em vez de soltá-la, resolvo

tentar ser um pouco mais audacioso. Com os dedos da outra mão, subo meu toque por seu braço, fazendo com que ela se assuste um pouco.

A energia vibra ao nosso redor, ficando quase palpável. Seus olhos fecham por um segundo, como se ela quisesse absorver a sensação. Meu coração acelera cada vez mais. Nunca pensei que sentiria frio na barriga, mas é exatamente isso o que está acontecendo agora.

Quem é essa mulher e o que ela fez comigo?

Meu corpo está esperando pelo dela, pronto para dar a Lola todo prazer que ela desejar.

— Lola, olhe para mim — digo e ela faz o que peço.

Seus olhos brilham com a expectativa do que está por vir. Eu não tenho mais como resistir a ela. Sei que não deveria fazer isso, que as circunstâncias não são favoráveis, mas resolvo que, agora, não está na hora de pensar no que dizem que é certo, e sim no que eu sinto que é certo.

Emolduro seu rosto e coloco a mão dela, que eu segurava, na minha cintura. Preciso sentir seu toque. Mais do que isso, preciso saber qual seu gosto.

A ponta do meu dedão encontra seu lábio inferior, e as pálpebras dela tremulam com o gentil contato. Sua boca é grossa, macia e tudo que eu preciso no momento é beijá-la. Eu tento manter a calma, acariciando seu lábio com cuidado. O toque é leve, sem pressa, enquanto eu traço as curvas da boca mais perfeita que já vi na vida.

Com cada carícia, meu corpo se acende mais, e posso jurar que consigo escutar meu coração batendo no peito e meu sangue correndo nas veias.

Quando os lábios dela se entreabrem um pouco, sua língua toca suavemente o meu dedo e não consigo conter o grunhido que se forma em minha garganta. Ela entende isso como um sinal de que pode continuar e lambe a ponta do dedão, me obrigando a fechar os olhos para absorver a sensação de puro prazer.

Não resisto à tentação e coloco meu dedo um pouco mais para dentro da sua boca, implorando que ela o chupe. Minha Lola não desaponta e, sem tirar os olhos dos meus, suga delicadamente meu dedo.

Encaramos um ao outro, ambos ofegantes.

— Eu preciso te beijar agora — confesso em um sussurro. — Por favor, diz que quer me beijar também.

Ela não responde, mas novamente me surpreende ao me puxar para mais perto de si, mordiscar a ponta do meu dedo e ficar na ponta dos pés. A minha mão que estava em seu rosto vai para sua nuca, permitindo que eu emaranhe meus dedos

em seus cabelos sedosos, enquanto a outra segura seu quadril largo, perfeito.

Porém, em vez de beijá-la, passo meu nariz por seu pescoço, inalando seu perfume doce e acendendo o animal dentro de mim. Não consigo conter o grunhido. Estou tão duro que chego a sentir dor.

O último fio de sanidade que tinha se rompe no momento em que ela geme meu nome, como se pedisse por mais.

Não penso duas vezes e tomo sua boca na minha.

Nada me preparou para esse momento: o resto do mundo parece deixar de existir. De agora em diante, somos apenas Lola e eu. Completamente entregues.

Nossos movimentos parecem sincronizados. Eu a beijo com paixão e ela devolve com a mesma intensidade.

Puta. Que. Pariu.

Exploramos a boca um do outro, mas muito mais do que isso, entregamos nossas almas. Depositamos tudo que temos em um único beijo, que parece não ter fim. Que não quero que tenha fim.

Quero poder ficar com ela assim para sempre — em meus braços. Minha.

Minha Lola.

Puxo um pouco o cabelo em sua nuca e ela volta a gemer na minha boca. O beijo ganha cada vez mais força, fazendo com que eu sinta meu corpo inteiro se acender. Suas mãos vão para o meu cabelo, me impedindo de interromper o beijo. Se existissem pessoas ao nosso redor, elas provavelmente achariam que estamos nos devorando, mas como não há ninguém no mundo além de nós, pouco importa. Nós nos beijamos da forma que parece certa, que nossos corpos pedem.

Somos nós e, ao mesmo tempo, apenas um.

Ela tem gosto de cerveja e chocolate, de fogo e tesão — a combinação exata para me fazer querer mais. Suas mãos passeiam por minhas costas, puxando-me sempre para mais perto, como se não aguentasse a mera ideia de eu me afastar.

Nosso beijo é perfeito, delicioso, daqueles que fazem com que você pare de pensar no resto da vida e foque apenas na forma como está se sentindo. Meu corpo pede mais, minha mente grita que é *ela*.

Se não fosse pelo som de algo muito grande se quebrando ao nosso lado, provavelmente o beijo não acabaria. E, para ser sincero, morreria feliz se esse fosse o meu fim. Só que o estrondo a assusta, e ela dá um pulo para trás. Imediatamente, sinto sua falta.

Ao nosso lado, um homem está no chão, com a garrafa de cerveja quebrada à sua

direita.

Lola olha para mim, sua respiração ofegante e sua boca inchada — e a imagem faz com que eu queira beijá-la novamente.

— Tudo bem? — pergunto, minha voz rouca e grave.

Suas bochechas ficam rosadas na mesma hora. Como é possível ela sentir vergonha depois do melhor beijo que já tive na vida? Porém, sua resposta me acalma um pouco:

— Nunca estive melhor. — Lola sorri timidamente para mim.

— Ah, vejo que já viraram melhores amigos — Fergus nos interrompe no instante que vou me aproximar de Lola para beijá-la novamente. — Ei, aquela não é a garota com quem estava com você? — ele diz e aponta para uma mesa ao canto, onde uma mulher dança, mexendo com os quadris de uma forma impressionante e descendo o máximo que pode, quase encostando no tampo.

— Ai, meu deus! É a Ana — Lola diz e sai correndo para tentar impedir que a amiga continue dando um *show*. Com certeza, a outra está completamente bêbada, porque assim que Lola se aproxima, ela tenta afastá-la.

Eu a observo. Não sei o que fazer no momento. O beijo que acabamos de compartilhar me tirou do sério. Na verdade, parece que ele despertou algo em mim que deveria ter ficado em hibernação, mas agora tudo está perdido.

Finalmente, depois de alguns minutos tentando, Lola consegue fazer com que a amiga desça da mesa. Algumas pessoas vaiam, mas ela não está nem aí. Saio do meu transe e vou para perto dela, caso alguém tenha alguma ideia idiota — como mexer com ela ou dizer qualquer coisa ofensiva —, mas vejo que Lola está levando a amiga para o banheiro. Provavelmente para ajudá-la a voltar à sobriedade.

Enquanto ela cuida da morena, fico no mesmo lugar de antes. Peço mais uma Guinness para Fergus, que olha para mim com um sorriso babaca no rosto. Ele sabe o que aconteceu e sabe a merda que vai dar.

Capítulo 3

Três meses depois do beijo
Lola

— Eu acho que estou bêbada — Ana fala, fazendo com que eu tenha um *flashback* de alguns meses atrás, quando tudo na minha vida parecia simples.

— E eu acho que você deveria começar a cogitar a hipótese de estar virando uma alcoólatra. Só dizendo… — Ela me olha como se eu tivesse criado mais duas cabeças. Seus olhos estão arregalados, quase na mesma proporção que sua boca. Mas nem me importo com seu teatro dramático.

Toda vez é a mesma coisa. Ana não pode sair de casa sem ter como objetivo principal entornar litros e litros de alguma bebida alcoólica. A escolha de hoje foi a famigerada caipirinha. Não sei por que, mas não me dou muito bem com ela. Deve ser a cachaça… ou o limão… ou o fato de que, ultimamente, nada na minha vida tem me dado felicidade.

Não desde aquele beijo…

— O que está acontecendo com você que tá tão azeda? — ela pergunta pela milésima vez desde que voltamos da Irlanda. Assim como em todas as outras, eu apenas dou de ombros. Não quero entrar no mérito, muito menos dizer que a culpada de toda essa minha infelicidade é ela.

— Eu estou cansada, tive um dia puxado hoje — desconverso, passando as mãos nos olhos e tentando aliviar um pouco da pressão.

— Hoje é o seu aniversário. Você deveria estar pulando de alegria e não mais murcha do que uma velha de noventa e sete anos. — Ana empurra meu ombro de leve, como se tentasse me animar. Só que o que ela não sabe é que nada será capaz de me tirar essa sensação de vazio que ficou em mim desde que voltei da Irlanda e deixei Carrick para trás, sem ao menos ter a chance de me despedir.

— Não estou no clima, Ana… Só isso — tento me justificar, mas ela não parece acreditar em minhas palavras, porque, logo em seguida, pula do banco em que está sentada e me oferece a mão.

— Vem comigo. Precisamos dançar. — Eu apenas olho para sua mão estendida.

Não quero aceitar seu convite. Na verdade, a única coisa que quero fazer é absolutamente nada. Talvez ler um livro ou então escutar uma música de fossa, daquelas bem *choraminguentas*.

— Vai você. Depois te encontro na pista.

— Ah, não. Se você não vier agora, tenho certeza de que nunca irá. Eu te conheço, Lola.

Preciso respirar fundo para não retrucar e dizer que, apesar do que ela acha, Ana não me conhece nem um pouco. Se me conhecesse, saberia que, quando estou assim, a última coisa que quero é socializar. Tudo bem que é meu aniversário, mas uma noitada na Lapa nunca esteve nos meus planos. Nem antes de ter ido à Irlanda.

Não vou dizer que sou uma garota caseira, porque sempre amei fazer coisas ao ar livre, mas posso garantir que não sou festeira. Prefiro a tranquilidade do que o caos.

A gafieira para a qual ela me trouxe parece ser o caldeirão do inferno e não estou nem um pouco confortável aqui. Tudo que quero no momento é chegar na minha casa, deitar na minha cama e me afogar em uma piscina de autopiedade.

Porém, não consigo fazer nada disso. Ana me puxa e me leva para o meio do povo, que dança o samba com tanta animação que me sinto até mal de estar com a cara tão fechada.

— Não é todo dia que você completa dezenove anos! — ela exclama e começa a sambar na minha frente.

Quero dizer para ela que não é todo dia que completamos qualquer outra idade, mas resolvo ficar quieta. Já estou chata demais, não há necessidade de piorar as coisas.

De repente, sinto uma mão na minha cintura e, antes que eu consiga ver quem é, estou sendo girada. O homem desconhecido me puxa para os seus braços e começa a dançar comigo. Fico completamente sem reação, mas seu sorriso fácil me diz que isso é mais do que comum por aqui.

Espero que ele me diga qualquer coisa — como seu nome ou então apenas um “oi” —, mas sou contemplada com seu silêncio, que contrasta com a música alta ao nosso redor. Fico sem reação por um tempo e ele percebe isso.

— Relaxa, vamos dançar — ele diz e pega minha mão, nos colocando em posição de dança. Sambar é uma coisa. Dançar samba com alguém é outra completamente diferente.

Só que ele parece saber o que está fazendo, porque, com facilidade, começa a me guiar para frente e para trás no ritmo animado.

Eu até me solto um pouco, mas, mesmo assim, não me sinto confortável o suficiente para continuar aqui por não sei quanto tempo. Então, quando a música acaba, eu peço licença e me afasto dele. Não só dele, mas da pista de dança como um todo — e quando eu volto para onde estávamos, vejo que ainda não é longe o bastante para o meu agrado.

Sem dar qualquer satisfação a Ana, saio pela porta da gafieira. O suor escorre pelo meu rosto enquanto caminho em direção ao ponto de táxi mais próximo.

Eu não deveria estar aqui, não deveria estar dançando com um homem que nem conheço e também não deveria estar passando o meu aniversário em um lugar que não me traz qualquer felicidade.

Assim que vejo um carro amarelo, faço sinal para que ele pare e me leve embora daqui.

Minha vontade é de ir direto para o aeroporto e pegar o primeiro voo para Dublin, mas é muita loucura. Em primeiro lugar, não tenho dinheiro para isso. Em segundo, meus pais me matariam se eu fizesse isso sem ao menos falar com eles. Em terceiro, tenho medo de chegar lá e não saber o que fazer.

Sento no banco traseiro do carro e solto um suspiro de alívio. Logo, logo estarei em casa, onde tomarei um bom banho e lavarei esse cheiro de cerveja velha de cima de mim.

— Para onde vamos, moça? — o motorista pergunta, esperando minha instrução para começar a corrida.

— Praia do Flamengo — digo, sem dar muitas explicações. Mais perto, mostro o prédio suntuoso onde moro.

Ninguém precisa saber que meus pais estão falidos, nem que vivem de aparências há alguns anos. Eles queriam que eu fizesse faculdade na Fundação Getúlio Vargas ou no IBMEC, mas eu confesso que me senti muito aliviada quando passei dentre os primeiros lugares para Jornalismo na UFRJ. Pelo menos, não teremos mais esse gasto.

Como se meus pais se importassem com isso… Semana passada mesmo, papai comprou um Audi novo. Vai entender…

Eu nem sei se Jornalismo é exatamente o que quero fazer da vida, mas achei a grade curricular interessante e pensei que, caso quisesse, poderia trocar de área mais pra frente. O primeiro semestre da faculdade tem sido bem agradável, mas nada parece me empolgar. Nada consegue despertar em mim um décimo da emoção que aquele beijo conseguiu.

Recosto a cabeça no encosto do carro e fecho os olhos. Na mesma hora, o rosto de Carrick aparece na minha mente, zombando de mim. Por que eu não consigo

parar de pensar nele nem no beijo que me deu meses atrás? Eu já deveria ter me esquecido. Ou então, aceitado como apenas uma aventura de viagem. Mas, a cada dia que passa, a saudade fica maior, assim como a vontade de vê-lo e de estar em seus braços novamente.

— Eu devo estar ficando louca… — sussurro para mim mesma.

— O que foi que você disse, moça? — o motorista pergunta.

— Nada, não.

Assim que o táxi para na frente do meu prédio, eu entrego o dinheiro ao motorista e cruzo o enorme portão de ferro. O porteiro da noite sorri para mim e abre a porta de vidro, liberando a entrada.

— Filha, você demorou. Estava preocupada — minha mãe diz no instante em que cruzo a porta.

Ela está carregando uma bandeja com algumas taças de champanhe e indo em direção à sala. Franzo o cenho, não entendendo muito bem o que está acontecendo, mas resolvo não perguntar.

— A Ana me convenceu a sair um pouco depois da aula.

— Então, corre para o seu quarto e se arruma. Tenho uma surpresinha pra você — ela fala e dá uma piscadinha.

Não estou muito a fim de conversa, por isso faço o que ela pede sem contestar e vou tomar um banho rápido. O banheiro cor-de-rosa com alguns azulejos de borboletas brancas faz com que eu me sinta um pouco melhor. É infantil, mas é meu. Sempre morei aqui e sempre amei meu banheiro. A vontade que tenho no momento é de me enfiar na banheira e ficar lá até que meus dedos fiquem todos enrugados, mas sei que, se fizer isso, minha mãe virá aqui perguntar por que estou demorando tanto.

Por isso, opto por uma chuveirada rápida, apenas para tirar o suor e o mal cheiro da gafieira.

Em menos de cinco minutos, estou pronta. O calor carioca está infernal — como sempre, mesmo não estando no verão —, então coloco apenas um vestido leve e uma sandália rasteira. Escovo meu cabelo loiro e o prendo em uma trança de lado, nada elaborada. Passo apenas um *gloss* clarinho na boca e volto quase que correndo para a sala. Sei que, se eu me deitar na cama por um minuto sequer, ninguém será capaz de me arrancar dela.

Quando chego à sala, vejo várias pessoas ali. No instante que entro, todos se voltam para mim, como se estivessem aguardando minha chegada.

— Feliz aniversário, Lola! — Sou recebida por um coro de parabéns. Reconheço

algumas pessoas, todos homens e colegas de trabalho do meu pai. Também noto algumas amigas da minha mãe.

Meu pai vem para o meu lado e me puxa para um meio abraço.

— Que bom que você chegou, filhota. Já estava ficando preocupado — ele diz e beija o topo da minha cabeça.

— Desculpa, pai. Se eu soubesse que vocês estavam me esperando, teria vindo mais cedo — digo com sinceridade e ele sorri para mim. Porém, conheço o doutor Fernando Fernandes, o famoso advogado, e sei quando seu sorriso é verdadeiro e quando não é. E é a segunda opção a que vigora neste momento. Acho melhor ficar quieta e não questionar.

— Não tem problema. Vem, vamos comemorar seu aniversário — ele diz, me puxando para a sala. — A aniversariante chegou! — anuncia e todos batem palmas para mim, como se eu tivesse conquistado uma medalha de ouro nas Olimpíadas.

Pelo visto, todos querem puxar o saco dele. O motivo, eu ainda desconheço, mas desconfio que algo não esteja certo por aqui.

Capítulo 4

Quatro meses depois do beijo
Carrick

— Eu os declaro marido e mulher. Pode beijar a noiva — o padre diz, fazendo com que ela abra um enorme sorriso, daqueles que você tem certeza de que são genuínos. Em contrapartida, meu coração se aperta e eu sinto vontade de sair correndo daqui e mandar toda essa palhaçada para a puta que pariu.

Mas eu tenho deveres a cumprir. Por isso, permaneço onde estou e bato palma assim que meu primo coloca a aliança no dedo de sua nova esposa.

Eu serei o próximo a estar ali, me casando. Meu pai me avisou ontem que minha noiva já havia sido escolhida. O nome dela é Shayla Walsh, filha de um dos melhores amigos de meu pai e, assim como eu, herdeira de um império. No caso dela, de cerveja.

As pessoas ao nosso redor batem palmas e vibram com o beijo — se é que isso pode ser chamado de beijo. Os dois apenas encostam os lábios por alguns segundos. Não há qualquer emoção ali. Claro que não há; nenhum dos dois está apaixonado. Estão apenas cumprindo com seus deveres.

Os livros e certidões já foram assinados antes mesmo da cerimônia. Inclusive, eu fui uma das testemunhas, assim como sou um dos padrinhos. Estamos aqui apenas para mostrar para o mundo que o dinheiro da nossa família pode pagar uma enorme festa, mesmo que a única coisa importante seja o fato de, agora, ela ter o mesmo sobrenome que meu primo. Sua esposa agora é uma Griffin.

Todos aplaudem, sorriem e parecem encantados com a linda cerimônia que uniu duas das famílias mais tradicionais da Irlanda. Todos, menos Fergus, que parece tão desanimado quanto eu. Meu irmão sabe que a vez dele também está chegando.

Várias limusines nos esperam do lado de fora da igreja, prontas para nos levarem para a mansão da família Griffin, onde ocorrerá a festa de casamento. A elite de todo o país viajou para Monaghan, onde temos uma propriedade imensa.

Mais de quinhentas pessoas foram convidadas e o jardim foi arrumado para

comportar todos os presentes. É uma festa para ser lembrada.

Assim como será a minha em alguns meses.

— Que merda… — Fergus diz para mim no instante em que a porta se fecha e o motorista arranca com o carro. — Você viu a cara de desespero de Rory?

— Ele já sabia o que estava por vir, Fergus. Mas nunca é fácil dar adeus àquilo que queremos.

Minha mente vai para Lola, como sempre tem ido nos últimos meses.

Desde aquele beijo, não consigo parar de pensar nela. Em seu gosto, seu cheiro, os sons que emitia quando eu a puxava para mais perto.

Só de pensar que jamais terei a chance de beijá-la novamente sinto vontade de deixar toda essa merda para trás e correr atrás daquilo que me fará feliz.

Mas sou Carrick Griffin, o filho mais velho de Dailey Griffin, também conhecido como o Rei do Whisky. Minha vida inteira foi planejada no momento em que nasci. Somos o mais perto que a Irlanda tem de uma nobreza. Muito é esperado de nós e não podemos simplesmente virar as costas para nossas famílias e tradições.

— O pai disse ontem para mim que a minha noiva já foi escolhida. — Fergus arregala os olhos, não acreditando no que acabou de ouvir. — Já ouviu falar em Shayla Walsh? — pergunto a ele, porque sei que meu irmão conhece todo mundo.

Com seu jeito fácil e extrovertido, Fergus se dá bem tanto com a elite quanto com as pessoas normais. Enquanto eu sou o mais reservado da família.

— É a filha de Cormac, certo? O “Imperador da Cerveja”? — Ele faz o sinal de aspas com os dedos, zombando do título que o pai de minha noiva se deu há alguns anos.

Não consigo conter a risada. Patético. Muitos tentam se mostrar mais do que realmente são, e Cormac é um deles.

— Esse mesmo… Mas não me lembro da filha dele — confesso.

— Eu também não. E olha que eu conheço muita gente. — Ele faz uma pausa e parece estar tentando puxar da memória a imagem da minha futura esposa. — Acho que ela mora na Suíça ou na França, mas não tenho certeza. Vou perguntar por aí.

— Não precisa. Não quero me decepcionar antes mesmo de ser casado.

Jogo minha cabeça para trás e solto o ar em frustração.

Meu destino está batendo à porta, e tudo que eu quero na verdade é poder estar com aquela brasileira de novo.



Sete meses depois do beijo

Lola

— Acho que estou bêbada — Ana diz e eu já perdi as contas de quantas vezes ouvi a mesma frase da minha melhor amiga. Mas, diferente da maioria das vezes, eu a acompanho no estado de torpor.

— Eu também — confesso e um sorriso escapa meus lábios. É o primeiro que dou em muito tempo.

— Isso aí. Aproveita enquanto pode, porque, em breve, você será a senhora Lola Magalhães, esposa de um famoso dono de empreiteira e vítima do próximo escândalo da lava-jato! — Ela ergue o pequeno copo de tequila como se brindasse à minha felicidade.

Mas suas palavras resumem exatamente o que venho sentindo há um tempo. Fora, claro, o desespero em saber que meu mundo está prestes a virar de cabeça para baixo e que todos os meus planos de vida serão apagados.

Não sei de onde meu pai teve a brilhante ideia de me casar com um homem quase trinta anos mais velho do que eu. Ah, claro que sei. Ele precisava salvar o bom nome da família e, em vez de trabalhar mais, resolveu me vender para o primeiro comprador. Não literalmente, mas quase isso.

— Em dezesseis horas, quarenta e dois minutos e trinta e nove segundos — completo e passo a mão no rosto, sem saber o que fazer para me livrar da situação na qual meu pai me meteu.

Se alguém me dissesse que, antes dos vinte anos, estaria prestes a casar com alguém única e exclusivamente por interesse, além de forçada, provavelmente eu iria dar uma gargalhada alta, daquelas que fazem com que todos parem para olhar. É algo inconcebível. Fantasioso demais para ser levado a sério. Ou, pelo menos, era o que eu imaginava. Só que, no dia do meu aniversário de dezenove anos, meu pai começou a mexer os pauzinhos. Aquela festinha de aniversário surpresa nada mais era do que um leilão — e só depois de alguns meses que eu fui descobrir isso.

Meu pai, claro, negou, dizendo que eu estava exagerando e que a única coisa que

ele queria era que eu fosse feliz. Porém, a minha felicidade vinha atrelada a um contrato milionário de dez anos, no qual a firma do meu pai seria beneficiada imensamente ao ser a principal forma de defesa legal de uma das maiores construtoras da América Latina.

Nossa, que felicidade…

— Amiga, pelo amor de todos os santos, tira essa cara de suicida do rosto e vamos beber. Olhe pelo lado positivo: a partir de amanhã, você terá uma desculpa excelente para beber todos os dias e se entupir de remédios para dormir. — Ana dá de ombros e, em seguida, dá um gole na tequila.

— Ana, para de palhaçada por um minuto — peço, minha voz sai embargada, presa pelo desespero. — Eu estou com medo. Apavorada. Eu vou casar com um homem que desprezo, um machista desgraçado e que tem cheiro de cigarro velho. E o pior é que eu tenho certeza de que ele vai querer consumar o casamento. — Só de pensar na possibilidade, a bile vem à minha boca. — Não quero perder a minha virgindade assim… — Meus olhos se enchem de lágrima. Não sei o que fazer para conseguir me livrar dessa loucura em que meu pai me enfiou.

Não consigo mais conter o choro. A barreira se rompe e eu caio em prantos. Estou tremendo de medo, literalmente. Ana tenta me consolar, mas nada é capaz de fazer com que essa sensação vá embora. Meu destino está selado. Estou de mãos atadas.

Minha conta bancária foi cancelada; minha matrícula na faculdade, trancada. Em pouco tempo, perdi tudo que tinha conquistado, inclusive o meu simples sonho de ser feliz.

— *Shhhh*, fica calma, Lola. Vai dar certo — Ana diz, afagando minhas costas.

— Claro que… não… vai… — As palavras saem cortadas pelo choro, mas eu tento me controlar e olhar para ela. — Estou fadada a ser estuprada em menos de vinte e quatro horas e em todos os próximos dias da minha vida. Você não vê o modo como aquele velho nojento olha para mim? Cheio de luxúria?

— Claro que ele não vai fazer isso. É só você dizer que não está pronta, que precisa de mais tempo — minha amiga argumenta, mas posso sentir a apreensão em sua voz. Nem ela acredita nas próprias palavras.

— Eu não sei o que fazer, Ana. Preciso de ajuda.

Ana para, me encara e fica em silêncio por alguns segundos. Sua sobriedade, pelo visto, está de volta. Assim como a minha. É só pensar no futuro que está destinado a mim que todo o efeito do álcool sai do meu corpo e da minha mente.

— Tem certeza de que você não quer dar uma chance a esse casamento? — ela

pergunta, sua voz agora firme.

— Claro que tenho, mas não sei o que fazer. Não tenho recursos para fugir desse barco sem fundo. — Dou de ombros e volto a me sentar no banco do bar.

O mundo ao meu redor continua o mesmo. As pessoas conversam alto, dão risadas, se beijam… Enquanto isso, meu medo aumenta, meu desespero me consome e a falta de esperança me impede de ver qualquer luz no fim do túnel.

Como é possível que tudo esteja tão normal, sendo que o meu *tudo* não existe mais? Tudo que eu queria, tudo que eu sonhava, tudo que eu imaginei que pudesse ser o meu futuro… Tudo será destruído com apenas uma palavra de três letras: *sim*.

— Em primeiro lugar, vamos parar e pensar nas suas opções — Ana diz, se sentando no banco ao meu lado.

— Não tenho opções. Não tenho mais conta, carro, nem mesmo minha faculdade. Tudo foi tirado de mim para garantir que eu não fuja antes da cerimônia — explico.

— E seu passaporte?

— De que adianta um passaporte se eu não tenho sequer um cartão para comprar a passagem?

— Esquece o dinheiro. Onde está o passaporte? — ela quer saber, mas parece que não estamos na mesma página.

— Em algum lugar no escritório do meu pai — explico.

— No de casa ou no do trabalho?

— No de casa, junto com os dele e da minha mãe. — Dou de ombros.

Sei que nunca conseguirei colocar as mãos nele. Na minha casa, tem sempre alguém me observando. O único motivo para eu estar aqui hoje é que minha mãe e meu pai acham que esta é uma despedida de solteira. Fora que estou na companhia de Ana Lombardi, filha do melhor amigo do meu pai e uma garota que todos acham ser a melhor influência para mim. Eles não sabem o que Ana faz sempre que está longe dos olhos reprovadores dos pais. Minha amiga não tem nenhuma conta nas redes sociais e nunca, jamais, tira fotos quando está na rua. Por isso, acaba enganando todo mundo.

— Eu tenho um plano, mas vou precisar da sua ajuda. Isso se você quiser arriscar tudo e ter coragem de fugir sem olhar pra trás. — O modo como ela fala, sem titubear ou desviar o olhar, faz com que eu tenha medo por alguns segundos.

Porém, não tenho mais nada a perder. Tudo que eu tinha já foi tirado de mim. Agora, a única coisa que preciso é encontrar uma maneira de escapar desse

pesadelo.

— Para onde você quer ir? — ela pergunta.

— Como assim?

— Vamos pegar o seu passaporte, mas antes temos que deixar tudo pronto para a sua partida. Então, eu repito: para onde você quer ir? — Ana insiste.

Na mesma hora, o rosto de Carrick me vem à mente.

— Dublin. Quero voltar para a Irlanda.

Capítulo 6

Carrick

— O de sempre? — Fergus pergunta, mas, dessa vez, seu sorriso costumeiro não está presente. Assim como eu, ele sabe o que nos espera assim que chegarmos à casa de nosso pai hoje à noite.

Tem sido a mesma coisa há meses. Todo sábado, somos convocados para um jantar. Se fosse apenas a família, seria mais fácil. Só que meu pai, o rei do império Griffin, jamais perde a oportunidade de mostrar sua opulência ou sua família feliz. Assim que fiquei noivo de Shayla, é como se nossas famílias tivessem se tornado uma só (pelo menos aos olhos deles). Dailey Griffin e Cormac Walsh, meu futuro sogro, resolveram mostrar para o mundo como somos todos felizes e cheios de planos para o futuro.

Os dois querem netos, herdeiros para ambos os lados, e sempre falam que, assim que eu e Shayla nos casarmos, a casa ficará cheia de crianças. Mal sabem eles que nunca encostarei um dedo sequer em Shayla. A não ser que ela tenha um caso e engravide do vizinho, da minha parte, não teremos filhos.

— Como estão as coisas no trabalho? — meu irmão pergunta, aproveitando que o bar está um pouco vazio antes do horário de *rush* para conversar um pouco comigo.

— A mesma merda de sempre. Meu pai só reclama, diz que quer adiar a data do casamento, enquanto eu dou desculpa atrás de desculpa para postergar o inevitável. — Fergus me entrega a *pint* da cerveja escura e um pouco amarga. Bebo metade do conteúdo do copo de uma só vez, mas nem o álcool é capaz de aliviar meu estresse.

Na verdade, só tem uma coisa capaz de me fazer bem. Uma coisa, não. Uma pessoa, e ela está muito longe daqui.

— Por quanto tempo você acha que vai conseguir se manter solteiro? — Meu irmão aponta o dedo pra mim, como se estivesse me acusando de algo. Mas ele sabe, melhor do que ninguém, o que me casar com Shayla significa para mim.

— Por quanto tempo for necessário até eu sair dessa ilha…

— E ir para um certo país tropical em busca de uma brasileira? — insinua.

— Cara… sei lá. — Enterro meu rosto nas mãos. Estou cansado…

Ultimamente, a única coisa que me faz querer levantar de manhã é saber que Lola está por aí, em algum lugar. Não sei onde ela mora nem o que ela faz. Não sei seu sobrenome nem se ela tem namorado. Tudo que sei é que ela tem gosto de pecado e cheiro de *minha*.

Aquele beijo mexeu comigo, deixou uma marca tão profunda que me impede de sequer pensar em outra mulher — especialmente minha futura esposa.

Olho para a minha mão esquerda, onde, em breve, uma grossa aliança dourada estará.

Dou mais um gole longo na cerveja e tento controlar minha raiva, porque é isso que estou sentindo: raiva do meu pai, raiva do seu império de *whisky*, raiva de mim mesmo, raiva do meu sobrenome e de tudo que ele carrega.

— Eu juro que não aguento te ver assim — Fergus diz, interrompendo meu silêncio.

— Esse será você em breve, irmão… — Lembro a ele que seu casamento acontecerá alguns meses depois do meu. A noiva de Fergus também já foi escolhida, mas ainda não sabemos seu nome. Meu pai diz que irá revelar esse pequeno detalhe assim que eu estiver com minha certidão de casamento assinada.

— Ah, não sei. Já que serei obrigado a me casar, então vou tentar fazer o melhor que posso da situação — ele fala, dando de ombros.

Para Fergus, o mundo sempre foi mais simples. Não que ele tenha tido qualquer privilégio sobre mim, mas, aos seus olhos, as coisas nunca foram muito complicadas. É por isso que digo e repito que tenho inveja do meu irmão e da simplicidade como ele leva sua vida.

— Além do mais, ninguém nunca recrimina os homens quando eles têm amantes. Minha vida não vai mudar em nada, a não ser meu emprego.

Eu solto uma risada debochada.

— Você não conseguiria ser mais babaca nem se tentasse — zombo, mas nem sei por onde começar a criticá-lo.

Ao meu ver, a última coisa que um homem deve desejar ao se casar com uma mulher é ter um caso com outra. Sempre aprendi que casamentos eram sagrados, que deviam ser honrados e cheios de amor. Não que o exemplo que tive em casa fosse esse, mas, mesmo assim, havia me prometido que só me casaria se fosse para sempre.

Mas, às vezes, não temos escolhas.

Por mais que eu queira manter meus princípios e jamais ser infiel à minha futura esposa, meus pensamentos não seguem a mesma lógica. Muito menos meu coração. Enquanto meu corpo permanece longe de outras mulheres, tudo que mais desejo é poder ter Lola novamente em meus braços e poder beijá-la sempre que quiser.

As pessoas menosprezam coisas tão corriqueiras como o beijo. Muitos nem ligam pra ele. É normal poder beijar a pessoa com quem se relaciona. Na maioria das vezes, o beijo mesmo — daquele de verdade, cheio de paixão e língua — só acontece antes do sexo. Beijar é bom, é essencial. É íntimo e fala tudo que as palavras não são capazes de expressar. Se eu tivesse a chance, beijaria Lola todos os dias da minha vida. Daria nela, todos os dias, um beijo de verdade, que demonstrasse tudo aquilo que sinto. Não a beijaria apenas uma vez por dia; eu a beijaria sempre que tivesse a oportunidade. Porque se tem uma coisa que aquele beijo me provou é que a gente nunca sabe quando ele pode ser o último.

Quando ela estava com os braços em torno do meu pescoço, pensei que teria muitas outras oportunidades de beijá-la — de novo, de novo e de novo…

Como eu estava errado…

Enquanto isso, tudo que penso, que sonho, é em poder sentir sua boca se mover com a minha mais uma vez, sentir suas mãos pequenas percorrerem minhas costas, ouvir os gemidos baixos que ela solta quando aperto sua cintura…

— Você está longe mesmo — Fergus diz, fazendo com que eu volte à realidade. — Ainda não conseguiu esquecer a brasileira? — pergunta, mesmo já sabendo a resposta.

Meu irmão é o único com quem posso compartilhar toda a minha aflição — tanto por ter perdido Lola quanto por estar prestes a casar com uma mulher que não suporto.

Em um dos jantares na casa de meu pai, acabei conhecendo Shayla — e a experiência não poderia ter sido pior. Se, em algum momento, pensei que poderia suportar minha futura esposa, todas as minhas esperanças foram embora no instante em que ela abriu a boca.

Além de não saber conversar sobre as coisas mais simples, ela tem a voz aguda e nasalada. Fora que, toda a oportunidade que tem, ela vem pra cima de mim.

— Quando foi que a vida virou essa boa merda? — Olho para o meu irmão, que me olha de volta.

— Quando a nossa mãe morreu e deixou expresso em seu testamento que queria os dois filhos casados antes de completarem trinta anos. E que isso era uma das

exigências para que pudéssemos assumir o controle da empresa — ele diz aquilo que já sei.

Os termos do testamento de nossa mãe foram bem explícitos, não dando brecha para qualquer contestação. Ela disse que ambos deveríamos nos casar e que nossas noivas deveriam ser aprovadas pelo nosso pai. O sonho dela era que tivéssemos uma "vida completa". Para isso, uma família seria inevitável.

A destilaria da família Griffin é a mais famosa da Irlanda — e uma das mais conhecidas no mundo inteiro. Há mais de seis gerações, produzimos os melhores *whiskies* e distribuímos para diversos países. Produtos caros, mas de altíssima qualidade.

Eu e Fergus, assim como todos os outros homens da família, fomos criados e educados para assumirmos nossos postos na empresa que carrega nosso sobrenome. Casar com uma mulher da elite e cuja família possa, de alguma forma, contribuir para melhorar ainda mais o nosso status sempre esteve nos planos de meus pais.

Na minha família, as coisas são assim desde sempre. Tanto que meus pais são, na verdade, primos de terceiro ou quarto grau. Sei lá… Ao menos tive a sorte de não ser obrigado a me casar com uma mulher da família. Não que ela seria pior do que Shayla e sua compulsão por compras e sua mania de tentar me seduzir. Mas, pelo menos, nós dois não temos o mesmo sangue.

— Sabe o pior de tudo? — pergunto de forma retórica, fazendo com que Fergus preste atenção em mim novamente. — Eu não sei o que fazer — confesso.

— Como assim?

— Não sei como me livrar dessa merda toda.

— Não tem como se livrar dessa merda toda — ele repete minhas palavras —, mas acho que você precisa achar um modo de voltar a viver de novo, meu irmão. — Fergus se debruça sobre a bancada e dá um tapa no meu ombro.

Respiro fundo, indeciso sobre voltar para o escritório e fingir ter uma reunião ou ir para o jantar na casa do meu pai.

— Em quanto tempo você acaba aí? — quero saber. Se Fergus estiver do meu lado, pelo menos tenho com quem conversar. Ou com quem trocar olhares entediados, porque eu juro que, às vezes, conseguimos ler o pensamento um do outro.

— Meia hora no máximo. Vai me esperar?

— Só se você encher meu copo.

— É pra já.

Fergus repõe minha bebida e volta para o trabalho. Se ele quisesse, não precisaria desse emprego, mas acho que ele trabalha aqui mais para perturbar nosso pai do que qualquer outra coisa. Dinheiro nunca nos faltou, apesar de ele estar sempre atrelado a alguma exigência — como, no caso, de sermos casados com “moças exemplares da sociedade”.

Enquanto meu irmão trabalha, eu observo as pessoas ao meu redor. No momento, o bar não está muito cheio, há apenas alguns clientes. Mas sei que, em breve, isso aqui estará abarrotado de gente. É sempre assim, principalmente nos fins de semana.

No pouco tempo que espero, várias pessoas começam a entrar. Elas falam alto, conversam e dão risadas — completamente felizes por estarem aqui. É nítido que a maioria delas são turistas. Quase nenhum irlandês vem ao Temple Bar, já que aqui é sempre mais caro e lotado.

Fecho os olhos e respiro fundo. No mesmo instante, a imagem de Lola entrando por aquela porta me toma. Ela estava tão linda… Apesar de tê-la conhecido no verão, a temperatura estava amena. No instante em que ela removeu o casaco que estava usando, ficando apenas de calça jeans e uma camiseta preta, meus olhos não conseguiram se desviar de seu corpo cheio de curvas. Os cabelos loiros e compridos emolduravam seu rosto, dando a ela um ar de liberdade — e, quem sabe, uma certa rebeldia. Lola não usava maquiagem nem estava calçada com um sapato de salto enorme… Tudo nela era verdadeiro. Desde seu sorriso até o jeito como me desafiou a aceitar sua mão.

Se eu soubesse que nunca mais a veria, teria saído correndo com ela daqui e nunca mais voltado. Depois daquele beijo, é impossível viver sem continuar formando uma porção de “e se” na minha mente.

Não sei o que acontece, mas todo sábado desde aquele beijo, eu volto para o mesmo bar, sento no mesmo banco e espero que, um dia, ela apareça e faça com que eu saia desse estado de apatia em que me encontro.

E se ela estivesse aqui hoje… o que eu faria?



Lola

“Eu consegui”, é a primeira coisa que penso quando piso no aeroporto de Dublin. Olho ao meu redor e não reconheço um rosto sequer. Estou sozinha, sem ninguém à minha espera, e isso faz com que eu me sinta… livre.

Meus olhos se enchem de lágrimas. Acho que nunca me senti tão aliviada na vida inteira. Sinto vontade de pular, gritar, cantar e abraçar o primeiro estranho que aparecer na minha frente, mas me controlo e começo a caminhar, puxando a pequena mala de rodinhas que trouxe comigo na aeronave.

Dentro dela, estão apenas algumas roupas de Ana. Na minha bolsa de mão, estão meus documentos e algumas notas de Euro. Minha vida agora se resume a isso. Não sei o que vou fazer daqui pra frente, mas pouco importa: eu estou livre para ser o que eu quiser.

Paro na pequena banca de jornal que tem dentro do aeroporto e compro um chip de celular de uma companhia qualquer. Em seguida, coloco crédito e envio uma mensagem para Ana, dizendo que cheguei bem e que, finalmente, estou na Irlanda.

O meu voo fez escala em São Paulo e em Paris até chegar em Dublin. Foi quase um dia inteiro em trânsito, mas pouco importa. Nenhum cansaço agora se compara à agonia que estava sentindo ontem à noite.

Ontem à noite… Só de pensar em tudo que fizemos em tão pouco tempo sinto vontade de rir.

Quando Ana me disse que tinha um plano, eu pensei que fosse algo simples, descomplicado. Mas, conhecendo minha amiga, já deveria ter imaginado que sua loucura iria além de qualquer coisa tradicional ou básica.

Fomos até minha casa, onde ela criou uma distração para que eu pudesse pegar meu passaporte. A distração poderia ser sentar e conversar com meus pais, mas ela achou melhor pôr em prática os seis meses que ela fez de Teatro enquanto estava na sétima série e fingiu estar tendo um *piripaque*.

Claro que todo mundo foi acudi-la, inclusive o segurança que ficava sempre por

lá. Eu disse que ia buscar algum remédio, mas corri para o escritório. Por sorte, os passaportes estavam na segunda gaveta da escrivaninha do meu pai. Com cuidado para não deixar claro que alguém tinha fuçado em suas coisas, retirei o passaporte e o enfiei no meu sutiã. Dane-se que a câmera de segurança estava gravando cada movimento meu. Quando eles descobrissem, eu já estaria longe.

Não tive tempo para pegar minha bolsa nem qualquer outro item pessoal meu. Nada naquela casa era importante para mim, a não ser meus livros e fotos de outras viagens. Mas ter uma nuvem na internet facilita muito as coisas.

Usando a "doença" de Ana como desculpa, disse que passaria a noite na casa dela e, no dia seguinte, voltaria para casa a fim de me arrumar para o casamento. Meus pais, claro, não desconfiaram de nada.

Antes mesmo de chegarmos à casa de meus pais e dar início ao *show*, Ana já tinha comprado a passagem. Eu não sei se chamo de sorte, intervenção divina ou simplesmente o destino me dizendo que estava fazendo a coisa certa, mas tinha um voo — com assento disponível — para Dublin em apenas quatro horas. O tempo exato para pegarmos tudo e irmos para o aeroporto Galeão.

Ando pelo terminal até chegar à saída. O ar gelado de Dublin é um alívio comparado ao calor carioca. Respiro fundo e deixo o frio me acalmar.

O único casaco mais quente que trouxe é o que estou vestindo no momento. Não tinha espaço na mala para mais nada. Inclusive, tivemos que sentar nela, literalmente, para conseguirmos fechar o zíper.

Eu nunca serei capaz de pagar Ana por tudo que ela fez por mim na noite passada…

Não só as roupas e o dinheiro emprestado, mas a chance de ser livre novamente.

Faço um sinal para o táxi, feliz em estar olhando para o lado errado de novo. Sorrio para mim mesma. Aqui na Irlanda, assim como na Inglaterra, a mão dos carros é invertida. Lembro-me de que quase fui atropelada algumas vezes quando vim para cá no ano passado, mas hoje essa confusão é bem-vinda.

— Para onde, moça? — o motorista pergunta em inglês, com um sotaque carregado.

Nos primeiros dez segundos, fico sem saber o que responder. Afinal, não tenho para onde ir. Preciso encontrar um albergue… algum lugar para ficar até ser capaz de encontrar um apartamento definitivo.

Mas, por enquanto, preciso ao menos de um endereço para dar ao motorista.

— Temple Bar — digo.

Capítulo 8

Carrick

— Você já pediu demissão? — pergunto a Fergus assim que ele volta para me encontrar, depois de já ter trocado de roupa e batido o ponto. Geralmente, ele trabalha até mais tarde e sempre fica com o turno da noite, mas, de uns tempos pra cá, seu horário mudou aos sábados para não perder o encontro marcado que temos com nosso *querido papai*.

— Ainda não… Na verdade, eu nem sei se vou mesmo pedir demissão ou se vou tentar dar um jeito de diminuir minha carga horária — ele diz, enfiando o gorro na cabeça, e andamos em direção à porta da saída.

— Você realmente acha que vai conseguir fazer um malabarismo entre a Griffin e o Temple Bar? Isso sem falar na sua futura esposa, porque ela vai querer sua atenção. Eu sei que você só está aqui para conhecer turistas novas e ter a chance de sexo sem compromisso com alguém que você tem certeza de que não verá no dia seguinte. — Foi exatamente isso que fez com que Fergus viesse procurar um emprego aqui, dentre tantos outros milhares de bares na cidade.

Meu pai sabia da intenção dele em trabalhar, mas detestou a ideia. Para implicar um pouco mais, Fergus se justificou, dizendo que precisava entender o consumidor do seu produto, e nada melhor do que estar em um bar para fazer isso. Dailey Griffin não ficou nada feliz, mas acabou cedendo. Mesmo que, até hoje, ele critique o fato de Fergus trabalhar em todas as oportunidades que tem.

— O problema é que tudo é preto no branco pra você. As coisas não são assim, Car. Tem sempre um colorido no meio. — Ele dá um tapa no meu ombro e abre a porta para que eu saia na frente. — Sério, meu irmão, tente levar a sua vida com mais tranquilidade. Você está trabalhando demais, às vésperas do casamento…

— Se eu quisesse trabalhar na empresa e fosse apaixonado por minha futura esposa, pode ter certeza de que minha vida seria mais *colorida*. — Reviro os olhos com a estupidez que acabei de falar. — Mas sou obrigado a trabalhar quatorze horas por dia em um lugar que odeio e, quando volto pra casa, recebo uma ligação diária da insuportável da Shayla e tenho que ouvir sua voz

esganiçada e sua conversa sem conteúdo. Fora que ela vem me dizer o que está vestindo… todos os dias.

Fergus dá uma risada alta, chamando a atenção das pessoas ao nosso redor.

— Isso é uma tentativa dela de sexo por telefone, Car.

— Eu sei! Por isso mesmo que é insuportável. Imagina ouvir aquela mulher gemendo do outro lado da linha?

Nós rimos com o comentário estúpido, mas, infelizmente, essa é a minha realidade.

Se eu chegasse em casa todos os dias e pudesse sentir o prazer daquele beijo, com certeza as coisas seriam diferentes. Por mais que o trabalho fosse cansativo, acordaria no dia seguinte com um sorriso no rosto e pronto para qualquer coisa que meu pai exigisse de mim.

O ar frio da noite queima meu rosto. Este mês de fevereiro tem estado mais frio do que o normal e a neve, volta e meia, insiste em cair. Passo o cachecol em torno do pescoço e ando ao lado do meu irmão na direção do rio Liffey.

Só de pensar no que irá se resumir as minhas próximas horas já sinto o frio na barriga. Não quero as mesmas coisas de sempre. Tenho vontade de gritar, de sair correndo, de fugir daqui e ir viver em algum lugar isolado do mundo, onde a fortuna da minha família e as minhas responsabilidades não façam a menor diferença.

— Vai dar certo, Car… — meu irmão diz, sentindo a aflição que me toma.

— Sendo muito honesto com você, Fergus, eu não aguento mais. Preciso da minha vida de volta… — confesso.

— E *dela*, você precisa? — Sua pergunta faz com que eu estanque no lugar e volte minha atenção para ele, que me olha também.

— Eu nunca pensei que fosse capaz de me apaixonar, não tendo nossos pais como exemplo. Mas desde aquele beijo… eu não consigo parar de pensar em Lola. Sinto seu cheiro o tempo todo. Escuto sua voz. Eu devo estar ficando louco, mas me apaixonei perdidamente por uma mulher de quem não sei absolutamente nada.

— É… você tem razão. — Olho para ele espantado e espero que continue com a frase. — Você realmente está ficando louco. — De repente, ele olha para algo atrás de mim e abre um sorriso. — Mas sabe o que mais, meu irmão? Acho que, dessa vez, o destino está apoiando sua loucura.

Ele coloca ambas as mãos no meu ombro e me vira — e a cena que eu vejo faz com que eu perca a força nos meus joelhos, que titubeiam com o impacto.

— Carrick… — Lola sussurra meu nome, mas eu posso ouvir sua voz com perfeição.

Ela está aqui.

Capítulo 9

Lola

Ele está aqui.

Depois de um ano sonhando com ele — dormindo e acordada —, nem posso acreditar que estou cara a cara com Carrick mais uma vez.

Como é possível pensar tanto em uma pessoa que mal se conhece?

Por não sei quanto tempo, apenas nos olhamos. Eu posso sentir seu calor, mesmo a metros de distância e com a neve caindo em cima de mim. O modo como ele me encara, como se eu fosse uma assombração, faz com que eu pense que, talvez, essa obsessão por aquele beijo, e por ele, tenha sido unilateral.

Mas algo me diz — nem que seja essa maldita esperança que carrego dentro de mim — que ele também não conseguiu tirar aquele beijo da cabeça. Foi um beijo perfeito, daqueles que fazem com que a gente não sinta vontade de parar. Nunca.

É o beijo que eu quero pra sempre.

Todas os problemas e medos do último ano se dissolvem em apenas um olhar. Basta um olhar de Carrick e o meu passado fica para trás, onde ele merece estar.

Meu coração dispara, minhas mãos suam, minha respiração acelera e eu não sei o que fazer agora. É como se algo me obrigasse a ficar aqui, esperando por ele e pelo que sei que será o melhor momento da minha vida.

Ele está aqui…

Tão familiar e, ao mesmo tempo, tão desconhecido.

Tento me acalmar, mas não consigo. Eu preciso estar em seus braços novamente. Dou um passo à frente, o que faz com que ele saia do estado de hipnose e se dê conta de que eu estou à sua frente.

— Lola? — pergunta, como se quisesse confirmar que sou real e que isso não é apenas mais uma ilusão.

Sinto o conflito em sua voz. Então, em vez de responder, crio coragem para fazer o aquilo que meu corpo pede desde o instante em que se afastou de Carrick.

Com passos rápidos, encerro a distância entre nós e me jogo em seus braços.

Envolvo seu rosto com as mãos e fico na ponta dos pés, trazendo-o para um beijo.

Preciso sentir aquele beijo de novo.

Carrick não hesita, e no instante em que nossos lábios se encostam, sinto como se o peso do mundo fosse tirado das minhas costas. A partir de agora, existe apenas nós dois e o nosso beijo.

Não precisamos de palavras nem declarações. Tudo que eu tinha que saber está sendo demonstrado da maneira mais deliciosa de todas. As mãos de Carrick, grandes e firmes, passeiam pelo meu corpo, que, apesar de coberto pelas camadas de roupa, é capaz de sentir cada toque como se não houvesse nada entre nós.

Ele sussurra meu nome várias vezes enquanto me beija, como um mantra que precisa repetir para si mesmo. Eu me delicio com seu gosto, com seu cheiro, com o fato de que, mais uma vez, estamos juntos. Posso sentir seu desespero, que é quase tão intenso quanto o meu.

O beijo é rápido.

Eu não sabia que estava com tanta fome até sentir o gosto dele novamente.

Preciso de mais. Preciso de tudo.

Emaranho meus dedos em seus cabelos e ele solta um grunhido com o puxão. Suas mãos fincam em minha cintura e posso senti-lo enrijecer contra minha barriga.

Mas nada disso é suficiente.

Eu me entrego por completo e o beijo com essa paixão desenfreada que sinto, despejando toda a necessidade desse último ano.

Ao fundo, escuto alguém pigarrear, mas não é suficiente para que eu me afaste do homem que vem dominado meus pensamentos no último ano. Da última vez que nos afastamos, fiquei sem ele por muito tempo. Não quero correr esse risco de novo. Por isso, intensifico ainda mais o beijo e o devoro com vontade.

Quando as mãos de Carrick descem para a minha bunda e me trazem ainda para mais perto — como se houvesse qualquer centímetro indesejado entre nós —, sinto um puxão e sou forçada a interromper o beijo.

Minha respiração está acelerada. Eu apenas olho para Carrick, que se vira para o lado para ver o que fez com que a gente se separasse.

— Desculpa interromper o reencontro de vocês. — Olho para o dono da voz e vejo Fergus. Seu sorriso sarcástico no rosto reflete seu bom humor em relação à cena que acabou de presenciar. Eu deveria estar envergonhada ao perceber que

tinha gente olhando para nós enquanto nos beijávamos como dois loucos, mas nada disso importa. — *Ahmm*, Car… — Fergus aponta para a esquerda e eu sigo a direção de seu dedo.

É então que eu vejo um homem tirando uma foto da gente.

O ar me falta.

— Você é famoso por acaso?

Capítulo 10

Carrick

— Você é famoso por acaso? — A pergunta de Lola faz com que nossa bolha seja rompida.

É então que me dou conta do que acabei de fazer.

— Merda. — Esfrego o rosto com as mãos e não consigo segurar o grito de frustração, que acaba escapando.

Lola dá um passo para trás, assustada com a minha reação. A vontade que sinto é de sentar no chão e esperar que esse pesadelo acabe, mas ele não vai acabar enquanto eu não tomar medidas com as minhas próprias mãos.

Respiro fundo e analiso o que posso dizer para amenizar a situação. Preciso pensar na melhor forma de explicar a ela toda a loucura em que se resume minha vida, mas não posso correr o risco de perder Lola de novo. Simplesmente não posso.

— Lola, a situação é muito mais complicada do que você imagina. — Antes que ela possa me interromper, eu complemento: — Vem comigo. Temos muito o que conversar.

Tento soar calmo e ser direto, mas, por dentro, há um turbilhão de emoções me dominando.

Em vez de me responder, ela desvia o olhar para o homem com a câmera. Fergus diz alguma coisa para o segurança do bar, que vai até lá e conversa com o paparazzo.

— Onde foi que eu me meti? Será que essa foto vai chegar ao meu pai? Quem é esse homem na minha frente? E tudo por causa de um maldito beijo… — Não consigo entender uma palavra sequer do que ela acabou de falar. Imagino logo que ela esteja falando algo em Português enquanto anda de um lado para o outro.

— Ei, por favor. Me deixe explicar. — Vou até ela e coloco um fim à sua caminhada, fazendo com que ela se vire para mim novamente. — Eu preciso te explicar muita coisa. Você só precisa me ouvir. Me dá uma chance de te contar o que está acontecendo — peço, tentando colocar em minha voz toda a angústia

que sinto no momento.

Por uns instantes, ela apenas me encara. Com ambas as mãos segurando seu braço, fito-a com atenção.

Nossa… Ela é ainda mais linda do que eu me lembrava.

Seus olhos escuros demonstram toda a apreensão que ela carrega. Quero poder beijá-la de novo, só para que ela não duvide do que eu sinto por ela.

Mas como dizer a uma pessoa que você acabou de reencontrar que está completamente apaixonado? Ela provavelmente riria da minha cara, diria que sou louco.

"E você não é?", meu cérebro me pergunta, mas faço questão de ignorá-lo.

Lola está em meus braços de novo. O resto do mundo pode ir se danar.

Seus cabelos claros balançam com o vento suave que bate em nós e eu posso sentir seu cheiro. Quero afundar minha cabeça neles e me perder nas sensações.

— Tudo bem — ela diz, parecendo um pouco apreensiva. — Para onde vam…?

Antes que ela termine a frase, eu a interrompo. Mas em vez de usar palavras, eu a calo com um beijo. Não consegui me controlar.

Dessa vez, o beijo é simples, leve, só um encostar de lábios. Eu encosto minha testa na dela e fecho os olhos, apenas para ter mais uma vez a sensação de sua pele na minha.

— É tudo muito mais complicado do que você imagina, Lola. Mas, por favor, me escute. Eu não quero que você vá embora nem que saia da minha vida de novo. Precisei ficar todo esse tempo longe de você e não estou disposto a deixar que isso aconteça mais uma vez.

Ela apenas me olha com curiosidade, provavelmente pensando em todas as possibilidades. Nem sei como começar a contar o que está acontecendo, mas de uma coisa tenho certeza: agora que ela voltou pra mim, não a deixarei ir embora de novo.

— Eu passei sete meses pensando naquele beijo, Lola. Sete meses sonhando em poder ter você em meus braços.

Quando ela coloca uma mão no meu peito, tenho certeza de que pode sentir meu coração descompassado.

— Me leva para onde quiser — sussurra e eu não consigo conter o sorriso.

— Obrigado.

Seguro sua mão na minha e me afasto um pouco, só um pouco, apenas para olhar para Fergus. Meu irmão tenta conter o paparazzo, que faz menção de pegar a câmera para continuar tirando fotos minhas.

É sempre assim… Por isso que tento me manter longe da vida social de Dublin. Em primeiro lugar, odeio ter minha privacidade invadida. Eu não sou uma celebridade, nunca fiz filmes ou séries de TV. Mas nada disso importa. Aos olhos da imprensa, os Griffin são um prato cheio.

— Preciso de alguns minutos. Se o pai ligar, diga que estamos a caminho — falo para ele, que faz um sinal positivo com o dedo.

Não dou tempo para ele me responder e saio puxando Lola pelas ruas de Dublin até chegarmos à margem do rio que corta a cidade. Eu amo esse lugar e poderia ficar sempre aqui. Olho para os lados e não vejo ninguém que possa nos interromper agora.

Atravessamos a rua e paramos, ambos voltados para o rio. A noite gelada deixa tudo ainda mais difícil — uma metáfora perfeita para como tem sido minha vida nos últimos meses.

— Eu me chamo Carrick Griffin — começo. — Não sei se você já ouviu falar no *whisky* Griffin, mas é um dos mais famosos do mundo. Minha família é dona da destilaria que produz a bebida. Temos outras linhas também, com nomes diferentes. Para resumir, somos um império, com centenas de anos de existência.

Despejo a primeira bomba e dou um tempo para que ela absorva a informação.

— Então, você é rico?

— Podre de rico. Somos a segunda família mais rica das Ilhas Britânicas. — Dou de ombros. — Mas isso pouco importa para mim.

— Disse o menino rico… — Lola zomba, um sorriso debochado começando a despontar em seu rosto.

Quero beijar esse sorrisinho até que ela esteja gemendo meu nome novamente.

Foco, Carrick.

Mas é difícil manter o foco quando Lola está ao meu alcance, toda linda e me desejando também. Porque o beijo que ela iniciou há poucos minutos deixou isso muito claro.

Sacudo a cabeça e tento fazer com que meus pensamentos voltem ao normal.

Certo, ela estava me zombando por ter grana.

Não vou ser hipócrita e dizer que odeio ser rico. Não é isso. Mas as responsabilidades e exigências que esse dinheiro traz fazem com que o lado bom não seja tão bom assim. Principalmente quando o preço que tenho que pagar é alto demais.

— Se você soubesse o que preciso fazer para ter esse dinheiro, concordaria comigo — digo e passo a mão pelo rosto, num gesto de frustração com o qual já

estou acostumado.

— Então, me conta — ela diz em um desafio.

Eu adoro esse lado dela. Lembro-me perfeitamente da primeira vez que ela fez isso, quando me ofereceu a mão, me desafiando a apertá-la. Por um lado, ela tem a beleza de um anjo. Por outro, a atitude de uma verdadeira mulher latina.

— Como você disse, sou o menino rico. Herdeiro de um império e com a vida pré-definida antes mesmo de eu ter decorado a tabuada, assim como todos os outros Griffin da história. Pode parecer ridículo, e é, mas é a minha realidade. — Eu me encosto na mureta e narro tudo olhando para ela. — Sempre soube que teria que me casar com uma mulher que se encaixasse no estereótipo de esposa perfeita, além de fazer parte da mesma elite. *Esposa-troféu*, como muitos chamam.

Lola revira os olhos, nitidamente incomodada com o que acabou de escutar. E eu só posso pedir aos céus que isso seja um indicativo de que ela está com ciúmes.

— Foi assim que conheci Shayla. Antes de te conhecer, já sabia que estava praticamente noivo de uma mulher, mesmo sem saber seu nome. Afinal, isso não importava. O sobrenome que era o ponto principal da questão. Meu pai havia deixado claro que me queria casado antes dos trinta. De acordo com ele, fica feio para um Griffin não ter uma família bem estruturada. — Não sei quantas vezes ouvi o mesmo discurso, mesmo que ele nunca tenha entrado realmente na minha cabeça.

— Só me responde uma coisa — ela diz, me olhando atentamente, como se quisesse ter certeza da veracidade de minhas palavras. — Você é casado?

— Não — digo quase que de imediato —, mas estou noivo. Meu casamento está marcado para daqui a três semanas.

Ela fica boquiaberta e dá um passo para trás.

— Logo depois que você foi embora, eu descobri com quem iria me casar. Juro para você que nunca imaginei que poderia te encontrar de novo… Você sumiu.

Eu me lembro daquela noite como se fosse hoje. Depois do melhor beijo da minha vida, Lola foi atrás de sua amiga e simplesmente desapareceu… Quando a vi novamente, ela estava correndo ao lado de uma maca, acompanhando sua amiga, que estava desacordada, para o hospital. Não tive como me despedir nem perguntar seu sobrenome. Apenas trocamos um olhar desesperado. Eu sabia que nunca mais a veria. Mas, pelo visto, estava errado.

Explico isso para ela, que balança a cabeça negativamente.

— Ela quase entrou em coma alcoólico. Não tive o que fazer…

— Ei, eu entendo. Não precisa se explicar — falo rápido, não quero que ela pense que eu a culpo por termos nos desencontrado na vida. — Eu só quero que você saiba que, se as circunstâncias tivessem sido outras, eu jamais teria aceitado me casar com Shayla. Para ser sincero, não tive escolha.

— Como assim, não teve escolha?

— Todos da minha família se casam dessa forma. A ideia é gerar herdeiros de boa linhagem.

Assim que as palavras saem da minha boca e eu as escuto, vejo o quão patético isso tudo parece.

— Quase como um príncipe… — ela sussurra para si mesma, mas eu escuto o que diz.

— Exatamente.

O silêncio impera sobre nós. Lola se vira para o rio e o encara por algum tempo, nenhuma palavra sai de sua boca.

Pelo menos, ela não está gritando mais comigo nem dizendo que eu sou um filho da puta.

Vou interpretar isso como um avanço.

Deixo que ela faça suas próprias reflexões. Não tenho muito mais para contar, a não ser…

— Eu e Shayla temos um noivado de fachada, Lola. Eu nunca sequer a beijei mais do que apenas um selinho, e só quando estamos em público, tirando fotos para a imprensa. — Isso faz com que ela olhe para mim, a boca escancarada. — Todos os meus beijos são seus…

Seguro sua mão novamente. Preciso que ela entenda os meus motivos. Mesmo sem um futuro certo para nós, eu não posso aceitar o fato de que ela não fará parte da minha vida.

— Eu fugi do Brasil. Vim pra cá sem nada… Meu pai estava me forçando a casar com um de seus parceiros de negócios. Mas, diferente de você, o meu casamento seria consumado — ela diz e suas palavras me pegam de surpresa. — Irônico como nossa situação é parecida…

Fico sem saber o que dizer. Meus olhos estão arregalados.

O que ela me falou é sério? Eu preciso saber em detalhes tudo que aconteceu com ela durante o tempo em que estivemos afastados. Porém, o que ela diz em seguida acaba ganhando mais importância. Pelo menos, agora.

— Eu não tenho para onde ir, Carrick. O que vou fazer agora?

Respondo a primeira coisa que vem à minha mente:

— Você vai ficar comigo, na minha casa.

Capítulo 11

Lola

Se Ana estivesse aqui agora, ela provavelmente diria que está bêbada e que a frase de Carrick foi uma alucinação. Mas Ana não está aqui e eu, definitivamente, não estou bêbada.

— Você pode repetir, por favor? Porque eu só posso ter ouvido errado — digo na esperança de que Carrick não tenha perdido todo e qualquer tipo de juízo.

— Você vem pra minha casa comigo, Lola. Não tem o que discutir — ele fala, seu tom agora um pouco mais autoritário.

Instintivamente, coloco as mãos na cintura e ergo o queixo, encarando-o com firmeza.

— Se você acha que sou o tipo de mulher que aceita ficar em *standby* na vida de um homem, é melhor você pensar de novo. Eu nunca, *nunca* ficaria na sua casa, sob o título de "amante oficial do príncipe", enquanto sua noiva te espera para o café da manhã no dia seguinte. Eu sei que não nos conhecemos bem, mas quem você acha que eu sou? — Não consigo controlar minha voz, que fica mais aguda a cada palavra que sai da minha boca.

— Não… não é isso… — Ele passa as mãos pelos cabelos, bagunçando-os ainda mais, e solta o ar em frustração. — Eu não estou pedindo que seja minha amante, é só…

Pela segunda vez na noite, Carrick solta um grito. Não tão alto quanto o outro, mas é evidente que ele está carregando um peso maior do que é capaz de suportar. Então, eu me aproximo dele, que está agachado no chão, e imito seu movimento, colocando uma mão em seu ombro.

— Eu também não sei o que fazer… — confesso. — Minha vida está um caos completo e eu não sei por onde começar a reconstruir.

Carrick sobe o olhar para mim e, por alguns segundos, apenas nos encaramos, compartilhando em silêncio nossos problemas, medos e desejos.

— Queria que tudo fosse simples. Que a gente pudesse sair daqui e deixar tudo pra trás — ele diz, agora baixinho, em um sussurro. Seus olhos deixam nítida a falta de esperança que sente. Eu sei exatamente como é: era assim que me sentia

ainda ontem.

— Ignorar o problema não faz com que ele desapareça. — Pego sua mão na minha e faço com que ele se levante do chão.

Um homem como Carrick não merece se sentir menos do que é.

— Vem pra minha casa. Eu prometo que não vou fazer nada… é só… não consigo saber que você está em algum lugar do mundo, precisando de ajuda, e não fazer nada ajudar. Eu preciso te ajudar de alguma forma, Lola.

Eu não deveria sequer cogitar a possibilidade de ir para a casa dele. São vários os motivos que deveriam me impedir.

1) Ele é noivo e eu estou completamente apaixonada por ele. Há sete meses;
2) Nunca vou aceitar ser a amante de alguém. Mesmo ele dizendo que não fará nada, não sei se *eu* serei capaz de me controlar com Carrick por perto;
3) Tecnicamente, estarei morando com um estranho.

Ao mesmo tempo, tenho motivos muito relevantes que me fazem querer dizer *sim*:

1) Não tenho para onde ir;
2) Meu pai já deve estar à minha procura;
3) Eu não consigo ficar longe de Carrick. Foram sete meses sentindo sua falta e me perguntando um monte de “e se”.

Neste momento, meu coração grita uma coisa enquanto meu cérebro e meus princípios gritam outra.

Dizer que estou confusa seria pouco para definir o que sinto agora.

— Como você acha que sua noiva vai se sentir quando você começar a dividir o apartamento com outra mulher? — pergunto, olhando para ele com apreensão.

Carrick se recosta na mureta que separa a rua do rio e abaixa a cabeça. Assim como eu, ele está em um beco sem saída. O frio do inverno irlandês deixa tudo mais complicado, porque tudo que eu quero neste momento é me aninhar em seus braços e pegar um pouco de seu calor.

Ele é, sem sombra de dúvidas, o homem mais lindo que já vi na vida. Só o fato de ele estar disposto a pôr tudo em risco para me ajudar já deixa claro também que, por trás de toda a sua beleza, existe um homem com um coração de ouro.

Porque aquele beijo foi muito mais do que um prenúncio do que aconteceria caso estivéssemos sozinhos em um quarto. Aquele beijo me mostrou o que significa descobrir o amor da sua vida. Um beijo perfeito. Um beijo de encontro de almas.

Saber que ele colocaria tudo em risco só para me livrar dessa situação em que me encontro faz com que eu me apaixone um pouco mais. Mesmo sendo errado. Mesmo que nós dois não tenhamos um futuro.

— Lola… — ele me chama, fazendo com que eu me desvie de meus pensamentos. — Eu e Shayla somos noivos apenas de aparência. Eu já te disse isso e juro que é a verdade. Sequer encostei um dedo nela.

Essa revelação ainda me choca. Por mais que eu ache que ele não está sendo completamente sincero, bem lá no fundo, há aquele pequeno raio de esperança que cisma em brilhar e dizer que sim, que isso é real.

Carrick para à minha frente e emoldura meu rosto com suas mãos. O modo que me encara, tão cheio de carinho e sofrimento, traz um aperto ao meu peito. Queria poder abraçá-lo, beijá-lo, dizer que, de alguma forma, faremos dar certo. Mas não sei se isso será possível.

— Por favor, Lola. Vem comigo.

A proximidade faz com que eu pense em dizer “dane-se o mundo, esse homem é meu”, ficar na ponta dos pés e colocar meus lábios aos dele. Mas não faço isso. Apenas fecho meus olhos e deixo que seu calor me envolva.

Eu nunca pensei que teria que tomar uma decisão mais difícil do que a de fugir de casa às vésperas do meu casamento com aquele crápula, mas, pelo visto, o destino tinha outros planos para mim — e eles não são, de forma alguma, mais simples.

— Eu vou. Mas você promete que não faremos nada? Promete que vai me ajudar e depois vai me deixar ir?

— Não faço promessas que sei que não serei capaz de cumprir.

Capítulo 12

Carrick

— Eu não pude deixar de ouvir, mas — a voz de Fergus atrás de mim faz com que o momento seja quebrado —, sinceramente, acho que vocês dois estão fazendo uma tempestade em copo d'água.

Olho para Fergus e ergo uma sobrancelha.

Eu estava prestes a dizer para Lola que, de tudo que ela pediu, a única coisa que estava realmente disposto a fazer era ajudá-la. Quanto a ficar longe dela e deixá-la ir depois… não. Não mesmo.

Mas agora a oportunidade se perdeu, e o que me restou foi um irmão intrometido. Olho para ele e, em seguida, para Lola, que parece tão intrigada quanto eu.

— Do que você está falando, Fergus? — pergunto.

— Em primeiro lugar, meu irmão, acho que você esqueceu de uma coisa um pouquinho importante, chamada boas maneiras. — Ele vem em nossa direção e puxa Lola para um abraço, erguendo-a do chão. O gesto de carinho não deveria me incomodar, mas não consigo relaxar sabendo que Lola está nos braços de outro homem. Nem o tal homem sendo meu próprio irmão e melhor amigo.

Engulo o desconforto e finjo que nada demais está acontecendo — e não está mesmo, sou apenas eu que estou tenso com o que pode vir a acontecer —, apesar de o abraço estar durando mais do que deveria. Além disso, acabei de encontrar Lola novamente, não quero que nada faça com que ela saia de perto de mim.

Não estou pronto para ver a mulher dos meus sonhos ir embora mais uma vez.

— É muito bom te ver de novo, *brasileira*. — Estranho quando meu irmão fala uma palavra que acho que está em Português e ergo a sobrancelha. Não sei o que ele disse, mas só o fato de ele ter se esforçado para aprender alguma coisa já me deixa cismado.

— Calma, Car. Algumas brasileiras já passaram por minha cama e me ensinaram algumas palavras. — Fergus parece ter lido minha mente e pisca para mim. Na mesma hora, eu me sinto relaxar. Pelo menos, nada disso foi por conta de Lola.

— É muito bom te ver também, Fergus. Agora, você pode explicar sobre o que estava falando? — Lola pede, já se afastando dele. Instintivamente, vou para o seu lado. Preciso fazer um esforço hercúleo para não pegar sua mão na minha, como qualquer casal faria.

Não somos um casal. *Ainda*.

— Vocês estão esquecendo de algo muito mais simples — meu irmão diz, parecendo entediado.

— E qual seria essa solução *super* simples? — Lola quer saber, colocando as mãos na cintura.

— Várias, na verdade. Carrick pode pagar um hotel para você, o que é muito mais óbvio, ou então você pode vir ficar comigo. *Mi casa, su casa*.

— Isso é Espanhol, Fergus, e nem por cima do meu cadáver — digo logo.

Só de pensar em Lola dividindo um apartamento com Fergus sinto meu estômago revirar. Dessa vez, não é por conta do ciúme, e sim pela forma como meu caro irmão leva a vida.

Quando ele vai retrucar, eu dou um passo à frente, me colocando no caminho. Meu olhar diz tudo, tanto que Fergus levanta as mãos em um sinal de rendição e, em seguida, solta uma risada tipicamente dele.

"Nem pense em fazer isso", pergunto mentalmente.

"Por quê?", Fergus se finge de indignado.

"Porque você é um pervertido."

"Sou nada, sou um anjo!"

"Preciso lembrá-lo do verão de 2012?"

"Filho da puta."

— Tudo bem, tudo bem… Lola não vai para a minha casa.

— Não entendi. O que está acontecendo? — Minha conversa telepática com Fergus não parece ter sido o suficiente para fazer com que Lola entendesse. É claro que não. Ela não sabe de tudo que meu irmão apronta quando está em casa.

— Lola… — começo a dizer, mas sou interrompido.

— Meu irmão tem medo do que você pode ver, *brasileira* — Fergus tenta explicar.

— Você não pode colocar roupas enquanto eu estiver com você?

Se esse fosse o problema, tudo será mais fácil. Antes que ela possa continuar insistindo e pensar em ficar longe de mim, resolvo dar uma resposta mais completa:

— Fergus é um cara… *libertino*.

— Ah… isso quer dizer que tem um entra e sai de mulheres na sua casa? — ela questiona.

— Não só de mulheres… E não apenas uma pessoa de cada vez. — Fergus pisca para ela, que abre a boca em formato de *O*. — Não sou um cara seletivo, se você me entende. — Ele dá de ombros e isso faz com que Lola apenas balance a cabeça afirmativamente.

— Ou seja, orgias para o café da manhã. — É a vez dela de dizer e nós dois acabamos rindo.

— Mas eu posso tentar ficar mais quieto por uns tempos e… — ele começa a argumentar, mas corto logo sua tentativa.

— Não, não consegue. E não quero que Lola se sinta desconfortável.

— Não mais do que me sentirei na sua casa, com a sua noiva observando cada passo que dou. — As palavras dela são como um soco no estômago, e eu preciso respirar fundo para manter meu controle. Essa situação é horrorosa.

— Só tenta, Lola. Por favor. Shayla nunca vai à minha casa e nem eu à dela — digo, olhando para ela.

Maldito Fergus e sua tentativa de simplificar as coisas.

— E o hotel? Eu poderia…

— Só tenta, Lola. Se não der pra você continuar lá, eu prometo que te levo par o melhor hotel da cidade. Mas não me pede pra ficar longe de você. Não agora… Eu acabei de te encontrar.

Minha força de vontade se esvai e eu preciso tê-la em meus braços de novo.

Puxo-a para um abraço, envolvendo seu corpo pequeno e deixando que ela sinta exatamente a aflição que me corrói por dentro.

Essa necessidade que sinto dela é muito mais forte do que qualquer conceito pré-definido do que é certo ou errado. Até porque, no nosso caso, nada faz sentido nem pode ser explicado.

Se eu for parar para refletir sobre todas as repercussões dessa minha decisão impensada, provavelmente acabaria desistindo dela. Mas não quero pensar em mais nada. Não quando Lola está aqui, abraçada a mim, e seus pequenos braços me apertam, como se me pedisse que nunca mais a deixasse ir.

Se tudo que eu posso fazer é abraçá-la, então não quero que ninguém me peça para parar.

Dessa vez, nosso momento não é quebrado por Fergus, e sim pelo toque do celular no meu bolso.

Sei quem é. Sei o que quer.

— Você não vai atender? — ela pergunta, mas não faz menção de me soltar.

— Não quero — digo com sinceridade.

— Por quê?

— Porque é a minha realidade me ligando, e eu prefiro muito mais viver nos meus sonhos.

— Carrick… — Não sei como ela consegue soar sonhadora e reprovadora ao mesmo tempo, mas sinto em sua única palavra que chegou a hora de encararmos o que espera do lado de fora de nossa bolha de sentimentos inexplicáveis e expectativas inalcançáveis.

Capítulo 13

Carrick

— Oi, pai? — atendo à ligação.

— Carrick, cadê você? Até sua noiva já chegou, só estão faltando você e o Fergus — ele diz e posso sentir sua ira daqui.

Aos olhos de Dailey Griffin, tudo tem sempre que estar na mais perfeita ordem, senão significa caos. Logo, se eu não estou em sua casa antes do combinado, o mundo inteiro pode ruir a qualquer segundo — e o *mundo inteiro* pode ser interpretado como a *imagem pristina de meu pai*.

— Tivemos um contratempo, mas estamos a caminho. Avise à Janice que teremos mais um convidado para jantar. — Aproveito a chance para tentar amenizar o impacto de chegar à casa de meus pais acompanhado de Lola. Se eles souberem com uma certa antecedência, a *tragédia* com certeza será menor.

Os olhos arregalados de Lola deixam claro que ela também não estava esperando por essa notícia. Claro que não estava. Eu também não. Mas o ditado "se está no inferno, abraça o capeta" nunca me pareceu tão oportuno quanto agora.

— Quem você está trazendo? — ele quer saber.

— Uma surpresa bastante agradável, pai. Estaremos aí em meia hora — aviso e não dou tempo para ele retrucar. Encerro a chamada. Se eu começar a conversar com ele agora, sei que terminaremos brigando.

Quando olho para Lola, vejo que a mesma expressão de antes continua no lugar. Olho para Fergus, que ri, como sempre.

— Eu preciso confessar que esse Carrick impulsivo tá muito mais divertido do que aquele Carrick deprimido de horas atrás. — Meu irmão dá dois tapas no meu ombro e depois estala os dedos, como se tivesse se preparando para alguma coisa.

Não tive tempo de pensar em nada, muito menos pesar as consequências dos meus atos. O certo seria deixar Lola em um hotel, fazer o que tivesse que ser feito para ajudá-la e, depois, deixar que seguisse seu rumo. Enquanto isso, eu continuaria com a minha vida.

Mas o destino me deu uma segunda chance de entender por que essa mulher, dentre todas as outras no mundo, é capaz de mexer tanto comigo. Dou um passo à frente, me aproximando dela, e tomo seu rosto nas minhas mãos.

— Eu não vou deixar que nada demais aconteça com você. Não importam as circunstâncias, desde aquele beijo, você é minha para cuidar e proteger. — Ela vai dizer alguma coisa, provavelmente protestar minha declaração, mas eu continuo falando: — Vai dar certo, Lola. *Tem que dar*. A única coisa que eu preciso saber antes de te levar pra casa dos meus pais é se você sente por mim o mesmo que sinto por você. Não me peça para colocar um nome nesse sentimento…

Eu vejo quando ela engole em seco. Vejo quando sua respiração acelera e suas pupilas dilatam.

— Eu não consigo ficar longe de você. Não agora que a tenho novamente. — Em um gesto tão característico nosso, encosto minha testa na dela e deixo que o sentimento entre nós fale mais alto do que qualquer bom senso que possa nos restar. — Você sente isso? — pergunto, me referindo a essa energia que vibra entre nós, impedindo que eu me afaste e pense em qualquer coisa que não seja ela. — Desde que você foi embora, não consegui te esquecer. Não consegui te tirar da minha cabeça.

Ela fecha os olhos, como se estivesse absorvendo o impacto das minhas palavras, mas vejo quando um pequeno sorriso começa a decorar seus lábios.

— Eu sinto tudo isso, Carrick… Mas, diferente de você, eu consigo dar um nome a esse sentimento. Eu sou completamente apaixonada por você… — As palavras dela fazem com que meus joelhos fraquejem. Meu coração dispara no peito. Fito seus olhos, que refletem exatamente o que acabou de dizer.

Eu quero puxá-la para mais perto e beijá-la até não restar mais ar em meus pulmões, só para depois enchê-los novamente e continuar com o beijo.

O mundo inteiro deixa de existir quando estamos assim, tão perto um do outro. Pouco importa se Fergus ou a maldita Irlanda inteira está presenciando nosso momento. Tudo que eu sempre quis da minha vida está logo à minha frente — e se eu já estava decidido a não deixar que ela fosse, agora que jamais permitirei que isso aconteça.

— Lola, eu…

— Não fala mais nada, por favor. Não quero saber que você está apaixonado por mim também. Já será difícil demais ter que estar ao seu lado sem saber que o que eu sinto é recíproco. Por favor… — O modo como ela pede faz com que eu precise respirar fundo. Quero dizer tudo que sinto para ela, mas concordo com

Lola. Será muito mais difícil se nossos sentimentos estiverem tão expostos assim.

— Tudo bem. — Não consigo me segurar e a puxo para um abraço. Ele não chega nem perto de ser o suficiente para aplacar a necessidade que sinto por essa mulher, mas terá que servir por agora.

O calor do seu corpo contra o meu faz com que tudo pareça mais real. Mesmo com a neve caindo, o frio não tem espaço entre nós. Acaricio suas costas levemente, sonhando com o momento em que poderei fazer isso sem nenhuma peça de roupa no caminho.

Seus seios sobem e descem contra meu corpo em uma respiração acelerada, deixando claro que o contato a afeta tanto quanto a mim. Emaranho meus dedos nos cabelos em sua nuca e preciso me controlar para não puxar sua cabeça para trás e tomá-la em um beijo.

— Vocês dois são tão doces que eu acho que virei diabético — Fergus comenta, quebrando completamente o clima. Mas, ao mesmo tempo, faz com que Lola caia na gargalhada.

Meu irmão pode ser um idiota, mas é mestre em quebrar a tensão — e ele sabia exatamente aonde essa nossa conversa poderia chegar. Faço uma nota mental para agradecê-lo depois.

— Então eu vou conhecer seus pais hoje? — Lola pergunta, mordendo o lábio inferior em um gesto de incerteza.

— Não só nosso pai — Fergus diz antes que eu consiga falar qualquer coisa —, mas alguns dos amigos dele e a futura Sra. Griffin.

— Sua noiva? — Seus olhos agora estão focados em mim.

As palavras formam um bolo em minha garganta, me impedindo de dizer qualquer coisa. Faço que sim com a cabeça e é a vez dela de fechar os olhos. Mas logo ela os abre e se afasta de mim, erguendo o peito e mantendo uma expressão firme no rosto.

— Tudo bem. Vamos lá.

— Ainda não — Fergus interrompe. — Acho que você precisa de alguma coisa um pouco mais… formal se quer conhecer a família Griffin em toda a sua glória.

Lola olha para suas roupas e, pela primeira vez, eu também a analiso. Ela é linda de qualquer jeito, mas Fergus tem razão. Se quisermos que Lola cause uma boa primeira impressão, então teremos que fazer algo a respeito do que ela está vestindo.

— Eu sei que passei as últimas vinte horas entre aviões e aeroportos, mas estou

tão feia assim? — ela pergunta, um pouco insegura e olhando para mim.

— Nem se você tentasse muito conseguiria ser feia, mas é que meu pai tem alguns… padrões a serem cumpridos — digo, tentando amenizar um pouco a situação. — Você tem alguma coisa aí na sua mala?

— Sinceramente? Não sei. Não tem nenhuma roupa minha aqui. — Lola diminui o tom de voz e olha para baixo, deixando claro que está desconfortável com a situação.

— Como assim, linda?

Ela não responde de imediato, apenas morde o lábio inferior, como se tentasse conter as palavras. Ou então está pensando na melhor forma de contar algo que sei que irá me deixar cheio de raiva. Pelo que ela falou antes, imagino que a ausência de coisas dela seja um indicativo de que tudo foi muito pior do que pensei.

— Lola…? — incentivo-a a falar.

— Tudo que tem aqui é de Ana. Quando saí do Brasil, não tive tempo de fazer uma mala. Foi Ana quem me deu algumas coisas dela. — Lola dá de ombros, insinuando que essa é a coisa mais simples do mundo.

Neste momento, eu me vejo apenas com duas opções à minha frente. A primeira é ceder ao acesso de raiva que está pedindo para ser liberado. A segunda é respirar fundo, deixar esse assunto de lado para um momento mais oportuno e encontrar alguma solução para o que precisamos agora.

É com muito esforço que eu opto pela segunda.

— Faremos o seguinte: vamos até meu carro e lá você procura alguma roupa para usar. Tudo bem? — Com as pontas dos dedos, eu ergo seu queixo e faço com que ela me olhe. Ofereço um sorriso de lado, tentando assegurá-la de que tudo ficará bem. Ou a mim mesmo, porque eu só posso estar ficando louco em pensar levar Lola para o meio de leões e achar que, assim, a estarei protegendo.

Na verdade, eu sou apenas muito egoísta. E desesperado. E completamente apaixonado por essa brasileira.

Capítulo 14

Lola

— Pronta? — Carrick pergunta, olhando para mim e fazendo menção de tocar a campainha.

Quero dizer que sim, que estou pronta para o que der e vier, mas eu estaria mentindo se dissesse isso. Na verdade, estou morrendo de medo. Aterrorizada até o último dos meus ossos.

Mas, neste momento, não sei muito bem se tenho outra alternativa. Ou eu enfrento a família de Carrick ou enfrento a minha — e, definitivamente, o que me espera em casa é a minha definição de inferno.

Por isso, faço que sim com a cabeça e tento colocar um pequeno sorriso no rosto.

Carrick aperta minha mão, mas logo a solta e toca a campainha.

A enorme casa de pedra à minha frente é amedrontadora. Não pelo material usado para sua construção, mas pelo seu esplendor. Quando Carrick disse que era *podre de rico*, ele não estava mentindo. A casa de seu pai, pelo que posso ver aqui de fora, tem três andares e o terreno ocupa quase um quarteirão inteiro. A entrada é opulenta, assim como o jardim bem iluminado, que não deixa dúvidas de que estamos entrando no lar de pessoas que sabem muito bem o significado da palavra *luxo*.

— Essa é só uma das nossas propriedades, mas fique tranquila que vai dar tudo certo — dessa vez, é Fergus quem sussurra ao pé do meu ouvido. Ele está atrás de mim e sinto sua mão em meu ombro em uma tentativa de me fazer sentir menos em pânico.

As borboletas no meu estômago parecem fora de controle, e por mais que eu queira sair correndo daqui, não tenho em mim a força necessária para deixar Carrick para trás.

E tudo por causa de um maldito beijo…

— Boa noite, senhores Griffin. Senhorita — um homem de cabelos grisalhos nos cumprimenta e abre a porta para que possamos entrar. O sorriso genuíno que ele nos oferece me acalma de certa forma. De repente, posso estar fazendo uma

tempestade em copo d’água…

— Boa noite, Oliver. Como passou a semana? — Carrick pergunta e dá um passo para o lado, gesticulando com a mão para que eu entre primeiro. Ele logo me segue e, depois, Fergus se junta a nós no *hall* de entrada.

Eu me controlo para não olhar para os lados que nem uma turista faria ao entrar no Louvre.

— Muito bem, senhor. Obrigado por perguntar. Posso pegar seus casacos? — Ele oferece as mãos para que depositemos as peças de roupas que nos protegem da neve, que cai lá fora com cada vez com mais força.

Carrick me ajuda a remover meu casaco, revelando o único vestido que Ana colocou em minha mala, e pelo qual sou muito grata. É um vestido preto, justo e um pouco mais curto do que gostaria, mas marca minhas curvas muito bem. Como ele não tem decote e a manga é comprida, eu me sinto menos exposta. Por sorte, ela também colocou uma bota que chega acima do joelho. Como isso coube na mala, pra sempre será um mistério. Mas dou graças a tudo que é sagrado por ter pelo menos algo apresentável para usar.

O fato de Carrick ter perdido a voz ao me ver com essa roupa serviu de indicativo que estou bonita — e isso já me basta no momento. O conjunto da obra deveria ter me deixado com um ar vulgar, mas, felizmente, não é o que acontece. Eu pensei que seria impossível, mas me sinto elegante. Penteei meus cabelos da melhor forma possível e passei um pouco de gloss. Como não tinha espelho no banco de trás do carro, resolvi deixar o resto da maquiagem de lado.

Agora, seja o que deus quiser.

Entrego meu casaco para Oliver, que o aceita com um sorriso. Sorrio de volta para ele e sussurro um “muito obrigada”. Em seguida, ele pega os casacos dos “senhores Griffin” e indica o corredor à frente.

Nós três seguimos e, dessa vez, Carrick toma a frente. Fergus coloca a mão nas minhas costas, me guiando para onde devem estar as demais pessoas da casa.

— Se tudo der errado, finja que é minha namorada — Fergus diz baixinho, apenas para que eu possa ouvir.

Olho assustada para ele, que faz um sinal positivo com a cabeça, me reassegurando de que tudo ficará bem. Mas só o fato de ele ter um plano B na cabeça faz com que eu me sinta ainda mais nervosa.

No que estou me metendo?

— Ah, eles finalmente chegaram! — um homem exclama e se levanta da cadeira, vindo em nosso encontro.

Eu não deveria, mas me espanto com a semelhança que ele tem com os dois que me trouxeram até aqui. Sem dúvida, esse é Dailey Griffin, meu anfitrião.

— Boa noite, pai. Desculpe-nos pela demora, mas alguns imprevistos aconteceram — Carrick é o primeiro a falar e me assusto com a formalidade com que ele se dirige ao pai.

Por mais que o meu, nos últimos anos principalmente, tenha sido um babaca, eu nunca precisei ser formal com ele.

Os dois apertam as mãos e vejo Dailey abrir um sorriso — que imagino ser falso.

— Que besteira. Estamos em família, Carrick. Nós entendemos. — Os dois apertam as mãos e trocam um olhar que diz "mais tarde conversamos". — Fergus. — Agora o homem se dirige ao filho mais novo, que aperta a mão do pai e maneia a cabeça apenas uma vez. — Ah, e essa bela moça deve ser o tal imprevisto. — Dailey vem em minha direção e me analisa por alguns segundos.

— Sim, senhor. Gostaria de pedir desculpas pela intrusão e por ter feito com que seus filhos se atrasassem para este compromisso. Acabei de chegar do Brasil e sequer avisei a eles que viria. Por sorte, nos encontramos quando ambos estavam vindo para cá e eu acabei atrapalhando as coisas — tento dar uma explicação perto da verdadeira, mas sem entrar nos mil detalhes que aconteceram entre esses eventos.

— Ah, uma brasileira! — ele exclama e sorri para mim, olhando em seguida para as outras pessoas na sala. De novo, imagino que não seja genuíno. — Venha, venha. Vou apresentá-la aos demais convidados. — Dailey me oferece o braço, que aceito sem pestanejar.

Carrick pode não saber desse detalhe sobre mim, mas eu sei como me comportar quando estou em um círculo de homens influentes.

Escuto os dois vindo atrás de nós e juro que posso sentir a apreensão de Carrick ao me ver nesta situação. Quero dizer a ele que também estou nervosa e que tudo que queria era estar a sós com ele em algum lugar calmo, onde pudéssemos nos conhecer melhor antes de tomarmos qualquer decisão. Porém, faço um esforço para não demonstrar qualquer desconforto.

— Agora que todos estamos aqui, gostaria de apresentar nossa mais recente convidada — Dailey diz, parando comigo no centro da sala para que todos possa me ver. — Esta é…

— Lola Fernandes — termino sua frase. — É um prazer enorme estar aqui com vocês hoje, e, por favor, me perdoem a invasão.

As muitas outras pessoas na sala me encaram como se não acreditassem que eu pudesse estar aqui. Mesmo assim, mantenho o melhor sorriso que consigo preso

nos lábios. Não posso titubear agora, senão serei presa fácil para eles.

Pelo visto, o “jantar em família” é muito mais do que isso. A enorme sala está cheia de gente, todo mundo bem vestido. Acabo de descobrir que invadi uma festa.

No sofá da esquerda, um casal franze o cenho. Chega a ser engraçado como suas expressões são parecidas. Ambos têm os olhos semicerrados, como se forçassem a vista para me ver melhor, e suas bocas estão contraídas em um sinal de desgosto.

As pessoas que estão de pé também me analisam e fazem gestos com a cabeça. Uns me oferecem um “olá” enquanto outros permanecem calados.

Um segundo casal me avalia com curiosidade. A mulher mais parece uma estátua e não exibe sinal de qualquer sentimento no rosto. Já o homem ao seu lado abre um enorme sorriso e é o primeiro a se levantar. Enquanto caminha em minha direção, me olha de cima a baixo, parando mais tempo do que deveria no pequeno pedaço da minha perna que está à mostra.

— Lola, este é Art O’Leary e aquela é sua adorável esposa, Caitlín — Dailey diz, se referindo ao homem que está à minha frente e sua mulher, também conhecida como “a estátua”. Eu os cumprimento e, em seguida, ele continua: — Aqueles são Cormac e Lucinda Walsh, os futuros sogros de Carrick e meus caríssimos amigos.

Meu estômago dá um pulo. Assim como meu coração. Tento disfarçar a tristeza em ouvir a palavra “sogros”, mas talvez não consigo ser tão convincente assim. Dailey me olha com cuidado, tentando entender o impacto que a palavra causa em mim.

Ofereço um sorriso amarelo e os cumprimento também.

— Carrick chegou? — Uma voz feminina inunda o ambiente e interrompe minhas boas maneiras.

Olho para a direção de onde ela vem e vejo a pessoa que menos queria encontrar: a noiva de Carrick.

Dona de um par de pernas maior que a Bahia, Shayla entra na sala, usando um vestido longo e fluido, completamente diferente do meu. Ela estanca no lugar no instante em que me vê, mas, ao invés de se mostrar incomodada, abre um enorme sorriso, deixando em evidência seus dentes muito brancos e perfeitamente alinhados. Porém, em seus olhos, tudo que vejo é animosidade.

— Carrick, meu amor. — Shayla passa direto por mim, sem sequer me dar um oi, e se joga nos braços de Carrick.

Se meu estômago estava se revirando apenas de olhar para ela, agora meu corpo

inteiro entra em modo de protesto. Tudo que eu quero é puxá-la pelos enormes cabelos pretos e lisos e arremessá-la para longe dele.

Pior ainda quando ela o beija na frente de todo mundo.

O ar me falta e meus joelhos quase cedem ao presenciar a pior cena da minha vida.

Nunca fui ciumenta, nem sei se o que sinto agora é ciúmes. Raiva, desespero e uma tristeza tão profunda por saber que o homem por quem sou apaixonada nunca será meu faz com que um turbilhão de emoções se revolte dentro de mim.

A vontade que eu sinto é de voltar para o Brasil e encarar o destino sujo que me aguarda por lá. Tudo e qualquer coisa para não ter que estar na presença de Carrick e Shayla.

Eu vejo que ele tenta se desvencilhar dela, que parece fazer de tudo para dar um *show* de mulher apaixonada.

Sinto a mão de Fergus na base das minhas costas, mas seu toque não é capaz de fazer com que eu desvie o olhar.

O beijo dura dois segundos, mas, para mim, a sensação é de que durou dois séculos — dois séculos de pura tortura e agonia.

— É apenas fachada — Fergus sussurra em meu ouvido, tão baixinho que quase não sou capaz de escutar. Mas suas poucas palavras deixam tudo ainda mais difícil.

Por que as coisas têm que ser tão complicadas? Por que não posso simplesmente ficar com ele?

Porém, algo dentro de mim desperta com essas perguntas que acabei de me fazer.

— Shayla, por favor… — Carrick diz, finalmente se afastando dela.

Ele olha para mim e noto a apreensão em seu olhar. Ele sabe o que aquele beijo me causou, mas não sabe o que eu estou disposta a fazer para nunca mais ter que vê-lo nos braços de outra mulher novamente.

Capítulo 15

Carrick

Eu sabia que Shayla daria um jeito de marcar seu território assim que visse Lola. É bem a cara dela fazer algo do tipo. Mas pensei que ela faria isso usando palavras, tentando diminuir Lola de alguma forma. Sinceramente, não esperava que ela fosse agir de uma forma tão… física. O modo como ela esteve grudada comigo a noite inteira foi incômoda, para dizer o mínimo. Mesmo que eu me desviasse e tentasse a todo custo sair de perto dela, Shayla insistia em ficar ao meu lado.

A vontade que tinha era de brigar com ela e pedir que parasse com essa farsa. Shayla nunca se comportou dessa maneira. Inclusive, sabe que eu sempre mantenho a distância. Porém, sempre que tinha a oportunidade, ela vinha para cima de mim e me beijava ou então fazia algo que deixasse claro que eu e ela somos um casal super apaixonado — o que não poderia estar mais longe da verdade.

Não vou mentir e dizer que ela nunca tentou algo assim antes, mas nunca de forma tão descarada. Nas pouquíssimas ocasiões que estivemos a sós, ela era mais direta. Só que mantinha o senso de decência na presença dos pais,

Durante o jantar, ela chegou ao ponto de tentar dar comida na minha boca. Eu, claro, não aceitei, o que fez com que ela ficasse emburrada por um tempo, mas depois ela decidiu que era a oportunidade perfeita de compartilhar com todos os presentes as nossas histórias românticas — que nunca aconteceram.

O pior de tudo é saber que ela está agindo e falando dessa forma apenas por conta de Lola, o que faz com que minha brasileira fique cada vez mais desconfortável com a situação.

Quando eu sugeri que Lola viesse comigo, estava sendo tão egoísta e pensando apenas em mim mesmo, em não a perder de novo, que acabei ignorando coisas que poderiam acontecer. Por conta do meu egoísmo, acabei expondo Lola de uma maneira repreensível. Para piorar ainda mais a situação, Shayla, ao se sentir ameaçada, resolveu de dar uma de noiva muito amada e tentar deixar claro para Lola que eu não estou mais disponível.

Merda… eu não estou mais disponível. Só posso estar perdendo a cabeça. Mas até que eu diga “aceito” e assine os papéis, ainda tenho uma chance de deixar tudo isso de lado e seguir o caminho que quero. Preciso de um plano, e rápido.

— Eu acho que você está precisando de uma dose tripla de whisky — Fergus diz, se aproximando de mim no bar que meu pai tem no canto da sala.

— Eu estou precisando de muitas coisas, mas, milagrosamente, acho que álcool não é uma delas. Pelo menos, não hoje — comento e termino de colocar a bebida nos copos dos demais homens na sala. — Preciso estar sóbrio para dar continuidade à loucura que comecei.

— Sério… só você mesmo para achar que seria uma excelente ideia trazer Lola para cá. O que você vai fazer na hora de ir embora? Como você vai dizer para Shayla que sua amante irá pra casa com você?

— Lola não é minha amante — digo, usando um tom defensivo.

— Tem certeza que não? Pelo que eu posso ver, isso é exatamente o que ela é.

Merda. Merda. Mil vezes merda.

Como eu pude ter sido tão burro a ponto de me colocar em um beco sem saída? Onde eu estava com a cabeça?!

— Não — digo, tentando colocar o máximo de convicção em minha voz. — Lola não é nem será minha amante. Ela será minha esposa, Fergus, nem que eu tenha que…

— Tá, então deixe-me reformular minha frase anterior — Fergus me interrompe. — Como você vai dizer para Shayla, sua atual noiva, que sua *futura esposa* irá pra casa com você?

Deixo meu irmão falando sozinho e saio de perto dele. Não estou a fim de ficar escutando as merdas que cometi e as que estou prestes a cometer. Em vez disso, faço o que estou morrendo de vontade de fazer desde que coloquei meus pés nessa casa e vou em busca de Lola. Preciso ficar um minuto sozinho com ela e saber se ela está bem.

Eu vi quando, pouco antes de Fergus vir falar comigo, ela saiu em direção ao banheiro. Os copos de whisky ficaram esquecidos no bar, mas isso não importa agora.

Vou para o banheiro do térreo e vejo que a porta está aberta — não tem ninguém lá. Não sei o que me dá, mas é como se algo me dissesse para ir ao banheiro do segundo andar. Então, é exatamente isso que eu faço.

Assim que subo as escadas, dou de cara com Lola.

— Carrick, o que…?

Não deixo que ela termine a frase e a puxo para o quarto que era meu quando ainda morava nesta casa.

Ela não protesta e vem comigo. No instante que fecho a porta, sinto o ar ficar mais rarefeito. Estou ofegante e tudo que quero é poder puxá-la para um beijo e dizer que tudo ficará bem, que eu darei um jeito para ficarmos juntos.

Mas não é isso o que eu faço.

Lola está contra a parede e eu fico parado à sua frente. Não resisto e colo minha testa na dela, apenas usando do pouco contato para me dar a esperança de que, um dia, as coisas podem melhorar para o nosso lado.

— Desculpe… — sussurro. Meus olhos estão fechados e eu tento absorver o máximo que posso do seu calor, do seu cheiro… É como se ela fosse uma droga, e eu, um viciado precisando da próxima dose.

— Por quê? — ela pergunta, mas não faz qualquer menção de me tocar, o que me mata um pouco por dentro. Pelo menos, ela não busca se afastar de mim.

— Por tudo, mas principalmente pelo *showzinho* que Shayla está tentando dar em seu benefício. Eu juro que as coisas não são assim. Ela nunca é tão…

— Pegajosa? — Lola termina minha frase fazendo uma careta e eu balanço a cabeça de forma afirmativa.

— Aham. Acho que ela sabe que você é uma ameaça e está fazendo de tudo para deixar claro que não está disposta a perder o posto.

— E eu sou uma ameaça, Carrick? — Lola pergunta, seus olhos fixos nos meus.

Aquelas três palavrinhas estão quase saindo da minha boca e preciso me controlar para não gritar a todo pulmão que eu sou completamente louco pela mulher que está à minha frente.

— Eu não sei o que você é, Lola, mas é a única capaz de fazer com que eu sinta vontade de deixar tudo para trás e viver apenas para te fazer feliz.

— Você não pode falar coisas assim… — ela diz, balançando a cabeça.

— Não posso falar a verdade? Por quê?

— Porque me deixa com vontade de embarcar na sua loucura e me permitir achar que teremos algum futuro.

Suas palavras fazem com que meu coração acelere de forma descompassada. Deixo minhas mãos caírem para sua cintura e colo meu corpo ao de Lola, que coloca ambas as mãos no meu pescoço. Ela fica na ponta dos pés e nossas bocas estão quase se encostando quando uma voz aguda soa de algum lugar no corredor.

— Carrick, meu amor. Cadê você? — Shayla pergunta e, instintivamente, dou

um passo para trás.

— Vai ser sempre assim? — Lola pergunta em um sussurro. É nítida a sua decepção. Afinal, como não se sentir desse modo?

— Vou dar um jeito de sair dessa loucura, Lola. Eu prometo.

— Uma vez você me disse que não fazia promessas que não poderia cumprir. — Ela me deixa sem saber o que falar. — Vai lá, Carrick. Preciso ficar sozinha um instante.

A voz de Shayla soa mais uma vez. Eu respiro fundo e faço que sim com a cabeça. Mas, no momento em que eu encosto a mão na maçaneta, tenho a sensação de estar virando as costas para o que pode ser a melhor coisa da minha vida. Por isso, estanco no lugar e me volto para Lola, pegando-a de surpresa.

Sem pedir permissão e sendo o maior babaca do planeta, planto um beijo em seus lábios. Dessa vez, é *aquele beijo*. Aquele que faz com que o resto do mundo deixe de existir enquanto exploramos a boca um do outro. Aquele que faz com que não me restem dúvidas de que a única mulher que quero beijar nessa vida é Lola. Aquele que me faz ter coragem para fazer o que eu quero, não o que eu preciso.

— Eu prometo — digo, olhando em seus olhos, assim que nossos lábios se descolam. — Eu prometo, Lola. Prometo.

Ela abre um sorriso, mas vejo as lágrimas se formarem.

Então, quando viro de costas e volto para a sala, algo em mim diz que a tempestade está chegando, mas que, depois dela, a calmaria virá.

Capítulo 16

Lola

— Muito obrigada por me receber, Sr. Griffin. E, mais uma vez, me perdoe a invasão. Se eu soubesse que seus filhos já tinham compromisso, não teria procurado por eles hoje — digo, oferecendo meu melhor sorriso ao meu anfitrião.

— Eu já disse e repito que foi um prazer tê-la aqui, Lola. Volte sempre que estiver pela cidade — Dailey responde, mas sei que seu convite é tão falso quanto meu sorriso.

O tempo todo que estive aqui foi uma mistura de testes e afrontas. Mas eu cresci em meio a lobos, leões não me assustam. Eles me perguntaram sobre minha família, meu status, o que eu fazia da vida e o que eu pensava a respeito do meu futuro. Eu, claro, dei as respostas que eles queriam, mas não esperavam ouvir. Fergus ficou ao meu lado na maior parte do tempo, e senti que, várias vezes, ele tinha vontade de rir.

O que me chateou foi o fato de Carrick ter se mantido tão distante. Mas eu entendo… Sabia que ele estava tentando facilitar as coisas para mim e não me fazer um alvo ainda maior de perguntas e desconfianças.

E aquele beijo… Ah, aquele beijo…

Por que algo tão errado tem que ser tão bom?

Volto ao presente e tento manter a pose ao me despedir de todos. Carrick e Fergus alegaram cansaço e criaram a deixa para que pudéssemos ir embora.

A pior coisa é ter que ver Shayla nos seguir. Pelo visto, ele sempre a leva para casa ao fim do jantar.

Quando a porta da casa é fechada, caminhamos em direção ao carro de Carrick em silêncio. Em um gesto impensado, ele abre a porta do carona para mim. Shayla arregala os olhos, indignada com o que está vendo.

Eu poderia fingir que nada aconteceu, mas, ao invés disso, abro um sorriso para ela.

Eu já estava decidida a lutar por aquilo que quero, mas quando Carrick me

beijou e me fez aquela promessa, as minhas forças se multiplicaram.

Que os jogos comecem…

Entro no carro e, pelo outro lado, Fergus vai para o banco de trás. Em seguida, Carrick se coloca no banco do motorista, deixando sua noiva ter todo o esforço de abrir a própria porta. Fergus olha para mim de maneira conspiratória.

— É sempre assim… — ele sussurra no meu ouvido e o sorriso em meus lábios apenas aumenta. — Ela estava achando que o *show* continuaria depois que as portas fossem fechadas. Tadinha…

Preciso me controlar para não dar uma risada alta.

De repente, estou me sentindo a vilã dos filmes de comédia romântica. Daquelas que planejam o fim do relacionamento alheio.

Mas, nesta história, eu não sou uma vilã. Nem Carrick. Somos apenas duas pessoas que tiveram nossas vontades arrancadas de nós e agora precisamos encontrar formas de lidar com o que temos.

Pode ser errado e, com certeza, algumas pessoas irão nos julgar. Eu jamais teria decidido lutar por ele se Carrick tivesse *escolhido* se casar com Shayla. Mas eles não estão casados e, por tudo que vi hoje, esta é a última coisa que ele quer.

Eu repito essa desculpa para mim várias e várias vezes. Mesmo assim, fico muito incomodada com toda essa situação. Fergus, sentindo minha apreensão, aperta meu ombro. Se eu pudesse olhar para ele agora, veria aquele sorriso típico decorar seu rosto. Em vez disso, olho para Carrick ao meu lado. Ele mantém a concentração na pista e vejo que seus dedos apertam o volante com força.

— Essa é sua namorada do momento, Fergus? Você já pegou meninas mais bonitas — Shayla diz do nada, interrompendo o silêncio constrangedor que havia se instalado no carro.

Carrick começa a tossir e Fergus dá uma gargalhada alta. Pela primeira vez desde que chegamos à casa de seu pai, ele não precisa mais se conter, e antes que eu responda alguma coisa bem malcriada, ele diz:

— Ah, Shay… Você não sabe de nada. Mas fica tranquila que Lola não é nada *minha*, apenas uma boa amiga que fará parte da minha vida por muitos e muitos anos.

— Pelo amor de deus, Shayla, comporte-se. — É Carrick quem fala dessa vez.

— Eu? Me comportar? Tem uma estranha no carro do *meu* noivo, provavelmente portadora de malária, que apareceu no jantar com a *minha* família, e vocês pedem para *eu* me comportar?

— Shayla, minha querida — eu falo em um tom baixo e calmo, bem diferente do

dela, e me viro um pouco para encará-la do banco da frente. — Acho que não tem a menor necessidade de você tentar me ofender. Nada que você disser será capaz de diminuir o que eu penso a seu respeito.

Dessa vez, Fergus olha espantado para mim. Pelo visto, ele não pensou que esta gata aqui tivesse garras. Eu não vou facilitar a vida de Shayla, principalmente se ela tentar fazer da minha um inferno.

Nem Carrick consegue se conter dessa vez e acaba soltando um riso.

— Você está vendo, Carrick? *Essazinha* aí está me ofendendo e você não vai fazer nada?!

— Nós colhemos o que plantamos, Shayla. Se você é grosseira com Lola, não pode esperar receber elogios em troca — Carrick responde e continua dirigindo como se nada estivesse acontecendo dentro do seu carro.

As palavras dele são suficientes para que Shayla fique quieta, pelo menos até estacionarmos na frente da casa dela. Shayla sai do carro sem dizer mais uma palavra sequer. Imagino que, em sua cabeça, já esteja planejando maneiras de fazer da minha vida um inferno.

— Ah, Car… Quem diria que você se tornaria a ovelha negra da família? — Fergus brinca assim que Carrick volta a dirigir.

— Por que você diz isso? — quero saber.

— Não dê ouvidos a Fergus, Lola. O principal objetivo da vida dele é tentar fazer com que eu pareça um idiota.

— Que nada, Car. Eu te amo. — O tom debochado que usa faz com que eu solte uma risada. — Se você quer saber, Lola, nosso querido Carrick sempre foi o filho pródigo. Lindo, trabalhador, contido… — Fergus bate os cílios, se fingindo de apaixonado.

Esse cara é uma figura.

— Eu só fiz o que era esperado de mim, diferente de você, Fergus. Você sabe o motivo disso. — Carrick não entra em detalhes, mas sua frase é suficiente para que Fergus se recoste no banco e seu bom-humor vá embora.

Ele olha pela janela, observando a rua pouco movimentada, e fica em silêncio até chegarmos ao prédio onde mora.

Saio do carro para me despedir dele, que me envolve em um abraço assim que estamos frente a frente.

— Você vai ficar bem. Mas, se não ficar, me liga que eu vou te socorrer. — Fergus me estende um cartão de visita, onde estão seu nome, e-mail e número de celular. — Pode me ligar sempre que precisar, *brasileira*.

O modo carinhoso como ele fala me tranquiliza. Nós todos sabemos que essa história vai dar errado. Não tem como dar certo. Mesmo assim, ele está disposto a me ajudar — e só isso já faz com que eu me sinta menos desamparada.

— Obrigada, Fergus — digo com sinceridade.

— Agora, vai lá que seu príncipe encantado deve estar louco para ficar a sós com você. — Ele me dá uma piscadinha e depois joga um beijo para o irmão, que faz o sinal do número dois com os dedos.

Fico sem entender o que está acontecendo, mas crio coragem para voltar para o carro. É agora ou nunca.

Capítulo 17

Carrick

O trajeto até aqui foi feito em silêncio. A expectativa vibrava entre nós e tudo que eu queria era parar o carro, puxar Lola para o meu colo e repetir aquele beijo várias e várias vezes.

Isso que eu sinto por ela está deixando de ser desejo e passando a ser uma necessidade. Parece que meu corpo não consegue estar próximo do dela sem reagir, sem exigir mais… Meu autocontrole está quase se esvaindo, ao mesmo tempo que, em minha mente, eu entendo que Lola precisa de mais do que apenas sexo.

Eu quero dar tudo a ela. Sexo, amor, uma vida, sonhos… Qualquer coisa que ela quiser, quando ela quiser, simplesmente porque ela quer; e isso já é o bastante para mim.

Agora, sozinhos na minha casa — realmente sozinhos pela primeira vez —, parece que a loucura que nos envolve foi deixada do outro lado da porta e tudo que nos resta aqui dentro é esse sentimento inexplicável, que me impede de fazer qualquer outra coisa que não pensar em Lola, em seu beijo, em seu corpo junto ao meu.

— Eu nunca conheci alguém tão fora da caixinha quanto você. — É a primeira coisa que Lola diz assim que tranco a porta.

— Eu acabei de descobrir isso, mas vamos dar um jeito — repito a mesma coisa que tenho dito desde que essa ideia de fazer com que ela seja uma parte fixa na minha vida veio à minha mente e tento deixar de lado os outros pensamentos. Aqueles que envolvem minha cama ou qualquer outra superfície da minha casa.

— Não, não vamos dar. Mas não tenho nada a perder. É com você que estou preocupada. — Espanto-me com sua declaração. Eu me viro para Lola, que me encara com algo que só pode ser decifrado como apreensão.

Dou alguns passos em sua direção, parando logo à sua frente. Por um instante, me vejo incapaz de formular palavras.

Quero gritar e dizer que ela foi a melhor coisa que já aconteceu à minha vida.

Foda-se se não nos conhecemos há muito tempo, mas é essa energia que vibra entre nós e o modo como ela faz com que eu me sinta que deixam claro que... é ela. Apenas ela.

Todo mundo sempre me disse o que eu deveria fazer, e eu acreditava que era o certo.

Até Lola.

Depois dela, eu *sinto* o que é certo.

Então, em vez de gritar e obrigá-la a aceitar que farei tudo por ela, por nós, resolvo mudar de tática.

— Por quê?

— Porque você tem tudo a perder. — Dá de ombros.

— Não mais do que eu tenho a ganhar se você aceitar ser minha. — As palavras saem da minha boca antes que eu as possa controlar, mas também já passei do ponto de ficar pisando em ovos com essa mulher que me alucina, que domina meus pensamentos e comanda meu corpo.

Com ela, posso ser eu mesmo. Dizer o que penso, o que sinto e o que quero.

Depois da minha pequena declaração, Lola apenas me encara, como se duvidasse do que acabei de dizer.

— Tenha um pouco de fé em mim. Você ter aparecido me pegou de surpresa. Eu estava conformado com meu destino de merda, mas, agora que tenho você de volta, eu não vou parar até que a gente possa ficar junto. — Pego sua mão, mas Lola não aceita meu toque e se afasta de mim. Esse pequeno gesto de rejeição me assusta, e algo em mim se revolta.

— Não dificulte as coisas nem faça com que eu me sinta ainda pior. Por favor, Carrick. Por favor. — Sua súplica me atinge em cheio.

— Por que você se sentiria pior? — quero saber.

Eu me aproximo dela e emolduro seu rosto com as mãos. Os olhos castanhos me fitam com um misto de apreensão e carinho, e eu preciso fazer alguma coisa para aplacar suas dúvidas. Estamos tão perto um do outro que posso sentir o calor radiando de seu corpo e incitando o meu a fazer aquilo que não deveria, mas que tão desesperadamente precisa.

— Eu estou destruindo a sua vida — Lola confessa.

— Não, linda. Você está me dando uma.

Ela abaixa o olhar, como se quisesse se esconder de mim. Porém, tudo que eu quero é vê-la por inteiro. Conhecê-la por dentro e por fora. Por isso, dobro um pouco meus joelhos para que a nossa diferença de tamanho não seja tanta. O que

eu tenho a dizer precisa ser olhos nos olhos.

— O que você quiser, eu vou te dar. Sempre. Você me devolveu a chance de ser feliz, e prometo que, se você deixar, darei tudo de mim para que você se sinta do mesmo jeito — prometo a ela, que abre um pequeno sorriso.

— A única coisa que preciso neste momento é entender o que estamos fazendo — Lola diz em um sussurro, buscando em meu rosto a resposta para seus questionamentos.

Perco um segundo apenas olhando para ela.

Mulher nenhuma deveria ter o direito de ser tão linda assim. Uma beleza como a dela é capaz de fazer com que homens caiam a seus pés, desistam de tudo e se entreguem sem pensar duas vezes.

Mas é muito mais do que isso que me instiga...

Já tive minha cota de mulheres lindas, só que Lola tem algo que me faz querer ficar... e nunca mais ir embora. Nunca. Mais.

Os olhos mais escuros que já vi me fitam com atenção, obrigando-me a fazer mais, instigando-me a convencê-la de que eu realmente a quero.

— Há algumas horas, eu pensei que a minha vida fosse ser resumida a *infelizes para sempre*, mas você me trouxe a força que precisava para lutar pelo que quero. — "E o que eu quero é você", quero acrescentar, mas não sei como ela pode interpretar minha frase. — Só tenho que saber que você está nessa também, porque estou a ponto de deixar tudo de lado. Tudo, menos você. Só me diz que *sim*.

Eu posso até ser um babaca egoísta — completamente louco por uma mulher que não é a minha —, mas ainda me resta um pouco de decência. Talvez não, mas vou fingir que sim. Quando Lola disse estar apaixonada por mim, toda a minha ideia sobre o que tinha que fazer pela minha família se dissolveu. Agora, o que importa é ela, e não vou aceitar menos do que isso; menos do que tudo.

Lola permanece em silêncio, mas quando morde o lábio inferior e dá um simples aceno positivo com a cabeça, deixo que o resto do mundo desapareça e me permito beijá-la da forma que quero, que preciso.

Eu a empurro contra a primeira parede que vejo e a levanto do chão, fazendo com que suas pernas circulem minha cintura. Nunca pensei que um beijo pudesse ser assim, tão cheio de vida e de paixão, mas sempre que meus lábios se colam com os de Lola, parece que o resto do mundo deixa de existir. Sentir seu gosto me deixa tonto de tesão e sempre que ela geme, acorda uma parte de mim que estava adormecida.

— Carrick… — ela chama meu nome, pedindo por mais, e quem sou eu para

negá-la qualquer coisa?

— Diz o que você quer, linda. O que você precisa? — pergunto, deixando beijos por seu pescoço e sentindo seu perfume doce.

— Eu preciso de você…

Não é apenas o que ela diz, mas o modo como diz que faz com que o último fio de sanidade que eu mantinha se rompa, deixando que o meu desejo por esta mulher fale mais alto do que qualquer bom senso.

Ela está aqui.

Lola está aqui, dizendo que também me quer.

— Parece… — deixo que um dedo meu trace o contorno do seu rosto, descendo devagar até chegar à lateral de seus seios e fazendo com que ela estremeça em meus braços — …que chegamos a um impasse, linda.

— Im…passe?

Sugo o lóbulo de sua orelha e ela se contorce com a sensação. Não preciso dizer que meu corpo responde a cada movimento sutil que ela faz.

— Eu não sei se te levo para minha cama ou se levanto esse vestidinho preto e te faço minha aqui mesmo.

Ela arfa com a minha revelação e posso ver seus olhos escurecerem ainda mais com a promessa do que será um momento inesquecível para nós dois. Só que, em vez de me responder, ela me puxa para um beijo, enquanto aperto sua coxa com força e roço minha ereção em sua calcinha. O contato me faz gemer.

Só de sentir seu calor, mesmo que por cima da roupa, tenho a intensa necessidade de estar dentro dela, de senti-la se contrair ao meu redor. De fazê-la gozar para mim, gritando meu nome e pedindo sempre por mais.

— Diga o que você quer, Lola. Diga e será seu — peço entre beijos e movimentos, entre carícias e apertos.

Lola não consegue falar nada, apenas se entrega ao momento, permitindo-se sentir prazer.

Sem pensar duas vezes, deixo que minha mão suba pela lateral de sua coxa, chegando à sua calcinha. Ela estremece mais uma vez e solta um gemido baixo quando brinco com a tira de tecido.

— Se eu colocar a mão por dentro da sua calcinha, vou descobrir que você está tão excitada quanto eu? — pergunto próximo ao seu ouvido e me delicio ao senti-la arrepiar.

— Por que você não descobre? — Sua pergunta é um desafio, mas o que mais me excita é o tom de sua voz, entre um murmúrio e uma provocação.

No estado que me encontro, não vou conseguir ser cuidadoso com ela, principalmente se Lola continuar testando meu equilíbrio desse jeito.

— Você devia ter cuidado com as coisas que diz, linda… — Mas antes que ela possa responder, deixo meu indicador percorrer sua fenda molhada.

Lola se agarra a mim de tal forma que chega a fincar as unhas em meus ombros, como se precisasse disso para se manter no lugar.

Seus gemidos ficam mais altos cada vez que meu dedo circula seu clitóris. Beijo sua boca enquanto arranco dela todo seu prazer, engolindo cada som, sentindo cada gota escorrer por minha mão e deixando que ela entenda de uma vez por todas o que significa essa atração entre nós.

— Grita meu nome, Lola… Quero que todo mundo na cidade saiba quem está te fazendo gozar. — Minhas palavras servem de gatilho para que ela se permita atingir o clímax.

— CARRICK! — ela me obedece, berrando meu nome enquanto se liberta sobre mim.

Mesmo com ela ofegante em meu colo, devoro sua boca em um beijo faminto. Eu nunca vi nada tão lindo nesse mundo quanto Lola gozando para mim. Ela retribui meu beijo, ainda sentindo os efeitos do orgasmo.

Essa mulher ainda vai me matar de tesão.

Com cuidado, deixo que seus pés toquem o chão. Lola me olha com um sorriso tímido no rosto, fazendo com que eu não perca a vontade de continuar com nosso beijo.

— Agora, eu vou te levar pra minha cama. — Encosto minha testa na dela, sentindo nosso suor se misturar. — Você é perfeita, Lola. Perfeita pra mim.

Dessa vez, é ela quem me beija. Um beijo calmo, sereno, apenas para aplacar esse desejo que parece não querer ir embora.,

— Você é perfeito, Carrick… Eu nunca tinha… — ela para de falar e esconde o rosto em meu peito, soltando uma risadinha baixa.

— Nunca tinha o que, linda?

De repente, ela sai dos meus braços e se afasta de mim. Olho para ela com apreensão, temendo o que vem a seguir, mas seus olhos não indicam que ela tenha algo negativo na cabeça. Apenas vergonha.

— Lola? — Dou um passo em sua direção, mas ela dá um para trás e ergue uma mão, impedindo que eu me aproxime.

Meu coração acelera dentro do peito com medo do que ela pode me dizer agora.

— *Eusouvirgem* — ela fala tão rápido que as palavras saem grudadas e quase

inteligíveis, mas nem isso é capaz de conter meu espanto.

Minha boca se escancara e tenho certeza de que meus olhos estão arregalados. De todas as coisas que pensei que ela fosse dizer, esta não era uma delas. Lola percebe a minha reação e se vira de costas, ajustando o vestido e se escondendo de mim.

— Ei… Por favor, não faça assim. — Vou até ela e a envolvo em um abraço por trás. — Você é perfeita de qualquer jeito, Lola. Já te disse isso. E esse fato não muda nada. Nada mesmo — tento reassegurá-la de que está tudo bem, mesmo que minha consciência esteja me recriminando por ter lidado com ela de forma tão… sexual.

A última coisa que quero no momento é afastá-la. Com gentileza, faço com que ela se vire para mim e a encaro.

— O que você quer, linda? — refaço a mesma pergunta que já fiz diversas vezes. Lola precisa entender que, entre nós, a última palavra será sempre a dela.

— Eu quero você, mas…

— Mas… — incentivo-a a continuar.

— Mas eu preciso esperar mais um pouco. — Dessa vez, não me espanto com o que ela diz. Encosto minha testa na dela e respiro fundo, tentando fazer com que meu corpo volte a se acalmar.

— O tempo que você quiser, linda…

Capítulo 18

Lola

Dormir a noite inteira ao lado de Carrick, sentir seu corpo colado ao meu e poder beijá-lo até cair no sono só pode ser considerado um sonho virando realidade. Porém, acordar sozinha na cama, sem tê-lo aqui para me dar bom dia e me fazer sentir a mulher mais linda do mundo é um verdadeiro pesadelo.

O espaço ao meu lado está frio, o que indica que ele já se levantou há muito tempo. No primeiro momento, as dúvidas de que minha revelação de ontem o tenha afastado começa a me perturbar, mas então me lembro de tudo que ele me disse.

Ontem foi o dia mais incrível da minha vida — e o mais longo também. Eu nunca pensei que tanta coisa fosse capaz de acontecer em um período tão curto de tempo. Só que não tenho como me arrepender de um segundo sequer.

Relaxo nos travesseiros, olhando para o teto, enquanto sinto as cobertas me esquentarem. Eu não faço a menor ideia do que farei hoje, amanhã ou semana que vem. Isso poderia me assustar, mas a sensação que me invade no momento é bem diferente: eu me sinto livro. Apesar das inúmeras dúvidas, algo em mim grita que, finalmente, estou no caminho certo.

Pela primeira vez na vida, acordo completamente saciada.

Apenas lembrar do que Carrick fez com meu corpo ontem me transforma em uma mulher que só pensa *naquilo*. O modo como ele guiou através do meu prazer foi intenso demais, quase uma experiência extracorpórea. Não estou exagerando quando digo que cheguei a ver estrelas.

Eu me estico na cama, alongando meus músculos e deixando que a preguiça da manhã saia de mim. Bocejo alto e esfrego meu rosto.

Como é bom acordar assim…

Crio coragem e me levanto para ir ao banheiro. Ontem à noite, eu estava tão extasiada que nem prestei atenção quando tomei um banho antes de ir me deitar. Então, aproveito a oportunidade e olho para os lados, analisando cada detalhe. Diferente do meu banheiro rosa e com borboletas, este é luxuoso — para dizer o

mínimo. Todo branco, espaçoso e com um chuveiro de dar inveja a qualquer resort chiquérrimo do Rio de Janeiro.

Resolvo tomar outro banho para sentir mais ativa. Preciso, também, de um bom café.

Enquanto deixo a água lavar meu corpo, lembro-me de como Carrick foi atencioso comigo, mesmo depois de eu ter dito a ele que não iríamos além. Ele apenas me beijou, disse que eu era a mulher dos sonhos dele, me beijou mais um pouco e me prometeu que, a partir de agora, essa seria nossa realidade. Ah, e me beijou de novo.

Quando foi que eu virei uma mocinha que acredita em príncipes encantados? Porque é exatamente isso que ele está parecendo cada vez mais.

Sei que ainda temos um longo caminho a percorrer para que enfim possamos ficar juntos, mas o sentimento que cresce dentro de mim não me deixa duvidar de que conseguiremos chegar lá.

Saio do banho, me enxugo e vou à procura de alguma roupa para usar. Minha mala ficou em algum lugar da casa, completamente esquecida depois da nossa entrada triunfal neste apartamento.

Assim que entro na sala, meu rosto enrubesce só de lembrar o que fizemos aqui ontem. Olho para os lados em busca de algum sinal de Carrick, mas não o encontro.

— Carrick! — grito seu nome uma, duas, três vezes até me dar por vencida e decidir que ele não está em casa.

“Onde será que ele está?”, fico me perguntando. Quando vejo um bilhete com uma única rosa branca em cima da bancada da cozinha, não consigo conter o sorriso.

Minha Lola,

Nem saí de casa e já estou com saudade de você. Vê-la na minha cama é um teste para o meu autocontrole. Queria estar aí quando você acordasse, para te beijar, te lamber e te dizer quantas vezes fossem necessárias que você é a única que pode me fazer feliz.

A noite de ontem foi muito mais do que maravilhosa. Ela foi a primeira… perfeita…

Você é perfeita.

Fui cumprir com a minha promessa e volto mais tarde.

Eu sei que você ainda não está pronta para ouvir aquelas três palavras, mas, se estivesse, este seria um dos momentos em que eu as usaria.

C.G.

Depois, eu me censuro por acreditar que esse homem só pode ser a minha definição de príncipe encantado. Ele é muito mais do que apenas uma fantasia idealizada: ele é o meu felizes para sempre, e não vou ter medo de lutar para que possamos ficar juntos.

Capítulo 19

Carrick

Até eu poder relaxar, sabendo que Lola e eu estamos oficialmente juntos, terei que enfrentar diversos obstáculos. Por isso, resolvi começar com o que julgo ser o mais fácil. Ou melhor, o menos complicado.

Parado à porta do prédio de Shayla, tento formular na minha cabeça o diálogo que preciso ter com ela, mas sei que é inútil projetar algo que, provavelmente, não irá acontecer da forma como quero.

Entro na portaria e vejo que o porteiro está lá.

— Bom dia, senhor. Posso ajudar em alguma coisa? — ele pergunta, de pé ao lado da porta.

— Shayla Walsh, por favor — digo e ele me olha com curiosidade.

— E o senhor é…

— Carrick Griffin — respondo e sua expressão suaviza.

— Pode entrar. — Eu me espanto com sua mudança de atitude, mas resolvo não questionar.

Enquanto as coisas estiverem a meu favor, quem sou eu para reclamar?

Subo até a cobertura onde Shayla mora sozinha. Em um de seus monólogos sobre sua vida, ela me disse que se mudou recentemente, depois de ter voltado de Viena, onde ficou nos últimos dez anos.

Eu nunca vim aqui antes, sempre inventando desculpas para não precisar conhecer o ninho da cobra. Até porque, se estivéssemos sozinhos em algum lugar privado, seus avanços não seriam tão discretos — nem minha rejeição.

Bato na porta, mas ninguém me responde. Tento mais algumas vezes e continuo tendo o silêncio como resposta. Eu poderia ir embora agora, mas preciso começar a dar um jeito na minha vida. Então, testo para ver se a porta está realmente trancada. Giro a maçaneta e a porta se abre, permitindo a minha entrada. Solto um suspiro aliviado.

Está tudo silencioso e, por um minuto, imagino que ela não esteja aqui. Olho ao

meu redor e vejo o apartamento perfeitamente limpo e decorado. Parece mais um cenário de revista do que um lar de fato.

Quando eu tiver minha casa com Lola, ela definitivamente não será assim. Nossos filhos deixarão brinquedos espalhados pela sala — nos quais irei tropeçar e soltar um palavrão por causa disso —, os barulhos serão constantes — de preferência risadas —, e muitas fotos nossas irão decorar as paredes e as superfícies.

Meus pensamentos são interrompidos quando escuto uma porta se fechando em algum lugar mais pra dentro do apartamento. Aproveito meu último momento a sós para tentar organizar a minha cabeça, mas só uma coisa faz sentido agora: Lola. Preciso fazer o que for necessário para que as imagens na minha cabeça deixem de ser apenas fantasias e se tornem realidade.

Como eu posso ter me apaixonado tão perdidamente com apenas um beijo? Mas o que aconteceu ontem, o modo como ela se entregou a mim, fez com que tudo ficasse mais claro. Mais fácil.

Estou farto de tudo, mas Lola faz com que qualquer esforço valha a pena.

Respiro fundo e me preparo para o que será uma briga homérica.

Quando Shayla entra na sala, ela solta um grito assustado ao me ver. Vestindo apenas uma camisola pequena e preta, cheia de rendas, ela está praticamente nua, mas, por incrível que pareça, nada nela me afeta. É como se eu estivesse olhando para uma taça de cristal — é bonita, mas não sinto qualquer interesse em tocar. Qualquer outro homem no meu lugar já teria se aproveitado desse noivado, só que tudo que eu sinto quando olho para Shayla é repulsa.

— O que você está fazendo aqui?! — ela pergunta, cruzando os braços na frente do corpo.

— Eu vim conversar…

— Sobre o que, Carrick? Sobre como você trouxe uma estranha pra dentro da sua casa sem me consultar? Sobre o fato de ela descobrir que nosso noivado não é tão maravilhoso quanto disse aos nossos pais? O que você quer, Carrick, é me humilhar.

Eu podia tentar ser mais empático e buscar entender todo esse “sofrimento” de Shayla, mas depois de tudo que ela fez nos últimos meses, a última coisa que sinto por ela é compaixão. Desde que ela teve a audácia de pedir um cartão de crédito ilimitado para meu pai, todo e qualquer senso de empatia foi embora. Ela é mais uma das muitas aproveitadoras que já apareceram no meu caminho. A única diferença é que ela usa um anel de diamante no anelar, que diz que ela “tem o direito” de fazer isso. As muitas histórias fictícias que ela contou a meu

respeito para fazer com que as pessoas a admirassem também não contam a seu favor. Muito menos o fato de ela única e exclusivamente pensar em si mesma.

— Não, Shayla. Por incrível que pareça, o mundo não gira em torno de você. — As palavras me escapam antes que eu consiga retê-las. Seus olhos se enchem de raiva e eu sei que as coisas teriam sido menos complicadas se eu tivesse pensado antes de abrir minha boca.

— Se você acha que pode trazer sua amante para dentro de casa e eu não farei da vida dos dois um inferno, está muito enganado. — Seu tom agora é baixo, bem diferente do que ela normalmente usa.

— É sobre isso que quero falar. Você não sabe quem Lola é, muito menos se é minha amante…

— Claro que sei! Não sou burra, Carrick. Você já viu o modo como olha para ela? É claro que estava pensando no próprio pinto quando decidiu colocá-la sob o mesmo teto que você. Ou então estava pensando em fazer com que eu me sinta a mulher mais feia do mundo.

Não tento negar. Shayla pode não ser a mulher mais feia do mundo — longe disso —, mas não é linda para mim.

— Lola não é minha amante. Nunca vai ser. — Não digo que ela é o amor da minha vida ou que é a única mulher com quem pretendo ficar. Esse detalhe, Shayla não precisa saber.

— Por que você a deseja e não a mim? — A mudança brusca de assunto me pega desprevenido. Ando em direção a ela, parando logo à sua frente.

— Eu não amo você, Shayla. Você sabe disso. Nunca quis me casar com você nem disse que seríamos felizes juntos. Eu te avisei que eu *nunca* seria seu marido na prática. Tudo que eu estava fazendo era apenas para aplacar minha família. — Ela vai falar alguma coisa, mas eu continuo com minhas explicações: — Eu abri mão da minha vida para cumprir com o que minha família esperava de mim. Desde o nosso noivado, eu nunca cheguei perto de outra mulher, mesmo sem encostar um dedo em você.

— E, nela, você quer encostar? — Shayla pergunta de forma desafiadora. Sei que está procurando maneiras de deixar tudo ainda mais difícil, e não estou a fim de fornecer mais munição a ela.

— Eu não disse isso.

Lola já é um alvo aos olhos de Shayla. Não posso deixá-la ainda mais exposta. A última coisa que quero que Shayla saiba é que eu sou completamente apaixonado por aquela brasileira.

— Ela vai saber que nosso noivado é uma farsa, Carrick. Não vou ser capaz de

conviver com essa humilhação. — Agora, sua voz carrega um tom de mágoa.

Como é possível alguém pensar apenas em sua própria imagem? Por mais que Shayla tentasse se forçar para cima de mim durante esse pouco tempo que estivemos noivos, ela nunca agiu da mesma forma que ontem, na casa de meu pai.

— Lola já sabe, Shayla. E acho que está na hora de todo mundo saber também — dito as palavras que precisam ser expostas. Esse relacionamento é falso demais para ficar sendo mantido como perfeito.

— De jeito nenhum! Não vou aceitar ser tratada dessa forma, Carrick. — Shayla anda de um lado para o outro na sala, gesticulando como se fosse uma italiana raivosa em vez da Irlandesa contida que sempre foi. — Minha família e meus amigos jamais saberão que meu noivo me despreza a ponto de só aceitar meu toque quando estamos em público.

— Eu te avisei, Shayla! Você sabe disso. Mas não aguento viver nessa mentira. Estou cansado… exausto. Você sabe o que é não ter motivos para acordar de manhã? Não, claro que não… Diferente do que você imagina, eu não quero te humilhar nem fazer com que você se torne o centro das fofocas da elite de Dublin. E é só por isso que vou te dar uma chance de cancelar essa porcaria.

Assim como eu, Shayla também foi forçada a se casar e sabia, desde nova, que seu marido seria escolhido por sua família. Não importa se estamos no ano de 2019, certas tradições ainda vigoram.

— Se você quiser se separar de mim, ninguém irá rir de você — continuo. — Diz que eu sou brocha, que eu não sirvo pra nada, que sou incapaz de te fazer gozar. Me humilha o quanto quiser, mas termina essa farsa de noivado ou então termino eu.

Afasto-me dela e vou em direção à porta. As palavras presas em minha garganta finalmente foram postas para fora. A minha imagem não é importante, não devo nada a ninguém. Só quero a minha carta de alforria para que possa viver minha vida em paz — e com Lola ao meu lado.

— Uma semana, Shayla. Você tem uma semana para cancelar essa merda de casamento, senão eu o farei.

— Isso é uma ameaça, Carrick?

— Não, Shayla. Isso é uma oportunidade.



Lola

Estou sentada no sofá, zapeando pelos canais desconhecidos e procurando por algum programa para assistir, quando a porta da sala se abre e, por ela, Carrick entra. Eu me levanto para encontrá-lo no meio do caminho, mas sua expressão irritada me faz estancar no lugar.

— Oi…? — pergunto um pouco incerta.

Ele não me responde de imediato, mas fecha a distância entre nós e me puxa para um abraço apertado, erguendo-me do chão e enfiando a cabeça no meu pescoço. Posso sentir seu desespero, que vibra forte. Mas o melhor de tudo é sentir seu alívio no instante em que inala meu perfume.

Acaricio seu cabelo, tentando fazer com que ele saia desse estado e volte a ser o meu Carrick de sempre.

— Ei… Está tudo bem — sussurro palavras reconfortantes enquanto deixo minhas mãos passearem por ele, que me abraça com ainda mais força.

Não sei por quanto tempo ficamos assim, em silêncio e perdidos em nosso abraço, mas, lentamente, ele me recoloca no chão. Sinto falta do seu corpo no mesmo instante que nos separamos.

Isso, definitivamente, não é normal. Como eu posso sentir saudade de alguém que está logo na minha frente.

— O que aconteceu? — resolvo perguntar antes que eu vire uma banana e comece a me declarar.

— Eu fui ver a Shayla — ele diz e sinto meu corpo retesar com a informação. — Ei, não fica assim. — Carrick percebe meu desconforto e começa a se explicar: — Fui à casa dela para conversar, explicar a situação. Dei a ela o prazo de uma semana para pôr um fim nessa farsa que chamamos de noivado.

— E o que ela disse? — pergunto, tentando deixar de lado o ciúme que começa a me corroer por dentro. Só de saber que ele esteve a sós com sua noiva em um ambiente privado todo meu bom senso vai embora, deixando em seu lugar a sensação de que alguém está tentando tomar o que é meu.

Eu nunca me senti assim antes, nem sei como interpretar esse sentimento. Mas, agora, não é o momento de racionalizar. Até porque, se eu fosse fazer isso, perceberia as incoerências na minha frase anterior. Carrick não é meu… *ainda*.

— Claro que Shayla não aceitou meu ultimato, mas disse a ela que, se não terminasse com tudo, eu terminaria. E falei sério, Lola. Semana que vem, no jantar com meu pai, direi a ele que não irei me casar com Shayla. Se ela fizer isso antes, as coisas serão muito mais fáceis. Mas, pelo pouco que conversamos, ela não está muito inclinada a me ajudar.

Ao mesmo tempo que fico preocupada com o que ele acabou de me contar, não consigo evitar de me sentir aliviada por ele ter ido lá e dito que queria acabar com tudo entre eles. A gente sempre escuta homens prometendo, mas raramente cumprindo.

Meu maior medo é de ser resumida a apenas a amante de Carrick — e esse é um posto que jamais aceitarei. Ou eu o tenho pra mim ou nada acontecerá entre nós, e não importa o quão diferente foi o modo como fomos criados.

— Eu só não entendo por que você não pode simplesmente dizer que não está mais a fim de casar com ela. — Dou de ombros e vejo nos olhos de Carrick que há muito mais nessa história do que ele me contou.

— São as tradições e…

— Mas por que você não disse a seu pai que não iria seguir com elas antes de ele ter te imposto um noivado? Por que não fugiu quando era mais novo e se livrou de tudo que você despreza?

Assim que as palavras saem de minha boca, arrependo-me delas. Mas Carrick não parece afetado. Antes de dizer qualquer outra coisa, ele me puxa pela mão e me carrega para o quarto, onde começa a se despir lentamente.

Sério que ele quer fazer sexo agora?!

— Tira esse olhar do rosto, Lola. Eu apenas vou me deitar com você, na *nossa* cama, e te conto tudo que você quer saber. — A maneira que enfatiza a palavra faz com que algo se aqueça dentro de mim.

Maldito homem encantador.

Ele elimina o casaco e, em seguida, a camisa, deixando seu torso nu e fazendo com que eu comece a sentir coisinhas gostosas lá embaixo. A visão desse homem sem roupas na minha frente mexe demais comigo…

Já vi homens sem roupa antes — na praia, piscina, televisão, vídeos pornográficos… —, mas nunca nenhum deles fez com que eu me sentisse assim.

Eu acho que ele percebe exatamente a direção que meus pensamentos estão

seguindo, porque um sorrisinho torto desponta em seus lábios enquanto ele me encara.

Aquele sorriso é letal e faz com que algo dentro de mim resolva brincar de ginástica olímpica, saltando, pulando e dando piruetas. Eu preciso me segurar no lugar para não pular nele e descobrir exatamente até que ponto podemos ir.

Depois de estar nu da cintura pra cima, ele tira os sapatos e os coloca alinhados juntos à parede. As calças seguem o mesmo rumo, deixando-o apenas de cueca boxer.

Engulo em seco.

— Sua vez — ele diz, me olhando de cima a baixo, como se minhas roupas fossem um tremendo inconveniente.

Preciso de muita coragem para me despir na frente dele. Por mais que Carrick tenha dito inúmeras vezes que sou linda, parte de mim ainda não se sente tão confiante assim. Nunca fiquei nua na frente de qualquer pessoa — e, para ser sincera, nunca fui fã de trajes de banho muito pequenos, sempre optando por um maiô mais fechadinho.

A questão não é meu corpo em si, e sim mostrá-lo para quem eu não queria que o visse. Mas este não é o caso de Carrick.

Eu quero que ele me veja, quero que ele me deseje…

Com ele, eu quero tudo.

Por isso, deixo toda e qualquer insegurança de lado e começo a tirar minha blusa de manga comprida. Por mais que dentro de casa esteja quente por causa do aquecedor, eu ainda sou carioca, e sinto frio até quando está fazendo vinte graus.

Carrick não remove os olhos de mim enquanto coloco minha mão por baixo da blusa e começo a levantá-la lentamente. O frio toca a pele quente da minha barriga, deixando claro que estou prestes a fazer algo que nunca fiz antes. Passo a blusa pela cabeça e revelo meus seios, cobertos apenas pelo sutiã branco e simples.

— Linda… — ele sussurra, não sei se pra mim ou se para ele mesmo.

O próximo passo é remover minha calça. Passo o elástico da *legging* por meu quadril, descendo-a por minhas pernas.

Paro à sua frente e vejo a evidência de sua excitação. Seu membro se destaca na cueca, grande e rígida, pedindo para ser liberada de sua prisão.

— É impressionante como você é capaz de fazer com que eu me sinta bem, mesmo depois de uma manhã de merda.

Carrick se aproxima de mim, passando apenas as pontas dos dedos em minha

barriga. Jogo a cabeça para trás, absorvendo a sensação que seu toque causa. Um pequeno pedaço de sua pele em contato com a minha é capaz de fazer com que todo meu corpo fique em estado de alerta — eriçado, excitado, pronto para recebê-lo.

— Um dia, vou conhecer cada centímetro desse seu corpo. Vou te conhecer melhor do que conheço a mim mesmo e te dar prazer de todas as formas que eu for capaz. — Suas palavras saem em um sussurro, mas a força delas é maior do que a de um grito.

Minha respiração acelera sempre que seu dedo vai para uma área nova. O desconforto entre as minhas pernas aumenta, fazendo com que eu precise de muito mais do que apenas um dedo.

— Carrick… — chamo seu nome em uma súplica por mais.

— Eu ainda não te dei um beijo de bom dia, linda. Traz essa boca pra mim… — ele pede e não preciso de muito mais para me jogar em seus braços e me entregar ao nosso beijo do modo como sempre faço: por inteiro.

Somos apenas mãos e línguas, explorando um ao outro com tanto desespero que parece que ficamos afastados por anos.

Quando dou por mim, estou deitada na cama, com Carrick sobre mim, encaixado entre minhas pernas. Ele beija minha boca, meu pescoço, o vale entre meus seios… E eu me movo contra ele, buscando na fricção o alívio que preciso.

Neste momento, a conversa que deveríamos estar tendo é esquecida por completo. Teremos muito tempo para falar sobre tudo e qualquer coisa. Sou movida pela urgência de senti-lo junto a mim. Passei algumas horas longe dele e isso já foi o suficiente para me deixar carente por seu toque.

— Linda e minha… Um dia, você vai ser minha, Lola — ele diz, me olhando com tanto desejo que chego a estremecer.

— Eu já sou sua, Carrick. Sou sua desde aquele beijo.

Não conseguimos parar. Não conseguimos frear essa necessidade que sentimos um do outro. Nós nos beijamos por não sei quanto tempo até eu não aguentar mais. Estou doendo de tanta vontade de tê-lo dentro de mim.

Mas eu preciso de mais… Então, antes que eu repense minha atitude, deixo que minha mão passeie por entre nós, até entrar em sua cueca e segurar sua ereção com cuidado.

Na mesma hora, Carrick para de me beijar e solta um gemido alto. O som que ele emite é erótico demais para ser ignorado. Saber que meu simples toque faz isso com um homem como ele é suficiente para que eu me atreva ainda mais. Começo a masturbá-lo devagar, meus olhos presos nos dele enquanto

movimento minha mão para baixo e para cima em seu membro.

Carrick estremece sobre mim. Sua boca está entreaberta e seus olhos, semicerrados.

O fato de que uma virgem como eu é capaz de fazer com que ele se perca em prazer faz com que todas as minhas dúvidas sejam postas de lado. Meu movimento ganha ritmo, diferente de sua respiração, que parece cada vez mais descontrolada.

— Me mostra que você me quer do mesmo modo que eu te quero. — Mordo seu lábio inferior e aumento a velocidade, tudo sem tirar os olhos dele.

Neste momento, eu me sinto uma deusa da sensualidade, pronta para arrancar deste homem todo o prazer que ele tem para me dar.

— Porra, Lola… Eu vou gozar — ele confessa, e isso faz com que eu fique ainda mais excitada.

Gozar é ótimo. Fazer um homem como ele chegar ao orgasmo é melhor ainda.

— Grita meu nome para todo mundo nesta cidade saber quem está te fazendo gozar.

Ele nem tem tempo de rir da minha imitação, porque logo ele faz o que peço e grita meu nome, despejando sua excitação em minha mão e se rendendo de uma vez.

Capítulo 21

Carrick

Ao longo dos dias, Lola e eu acabamos entrando em uma rotina gostosa. Eu, claro, preciso trabalhar e acabo deixando-a mais sozinha do que gostaria. Nem tudo é perfeito.

Tenho buscado brechas que me permitam continuar na empresa mesmo que não me case com Shayla, mas, até agora, ainda não tive sorte. Enquanto isso, vou conversando com nossos maiores clientes e tentando aprender cada detalhe que faz o Whisky Griffin melhor do que os demais.

Eu praticamente cresci no prédio onde ficam os escritórios. Conheço todo mundo, sei o que cada um faz e tento sempre dar tudo que tenho para honrar o nome da família. Só que, ultimamente, eu postergo a hora de entrar e rezo pela hora de sair.

Eu costumava amar isso aqui, mas depois acabei odiando — acho que por motivos óbvios. Se a Griffin não fosse o símbolo de toda a minha abnegação, provavelmente me doaria de cabeça, mas ela não é; muito pelo contrário.

Saber que Lola estará lá em casa, me esperando, faz com que eu deixe de ser o funcionário do mês e passe a ter motivos para ser demitido por justa causa. Durante o trabalho, por mais que me esforce, minha mente sempre acaba me levando para ela.

Lola e seus beijos. Lola e seu cheiro. Lola e seu modo de fazer com que tudo na minha vida seja mais fácil.

Porém, na quarta-feira, meu pai entra no meu escritório de forma brusca, empurrando a porta a ponto de fazer com que ela bata na parede e assuste todos os funcionários que estão por perto — inclusive eu.

— Pai, o qu…?

— O que significa isso, Carrick? — ele pergunta, interrompendo a minha frase, e joga o jornal sobre minha mesa, ignorando os papeis que estavam ali.

A cena me traz memórias antigas; aquelas que eu gostaria de já ter esquecido, mas que continuam em minha mente. Engulo em seco, ignorando-as.

Olho para meu pai sem entender o que está acontecendo, rezando para que a nuvem em meu olhar, causada pelo susto, já tenha passado. Ele não me responde nem parece notar qualquer aflição que esteja fora de lugar. Olho para a imagem que decora a página principal do jornal sobre minha mesa: meu rosto perde a cor e o ar parece fugir dos meus pulmões.

— Eu preciso saber por que o meu filho, meu herdeiro, saiu na primeira página do Irish Times beijando uma outra mulher que não sua noiva? — O tom dele é baixo, bem diferente do rompante que deu ao invadir minha sala. — E o pior foi saber de tudo por Shayla.

— Pai, eu posso explicar — começo a dizer e ele solta uma gargalhada.

— É claro que você pode explicar e, pra ser sincero, estou pouco me fodendo para o que você tem a dizer. — Ergo uma sobrancelha, confuso com o que ele quer dizer com essa última afirmação.

Levanto-me da cadeira e dou a volta na mesa. Quando estou frente a frente com ele, recosto-me na escrivaninha e cruzo os braços, olhando para meu pai com seriedade e, ao mesmo tempo, curiosidade. Não desvio o olhar e espero que ele continue elaborando seu pensamento.

Meu tamanho supera o dele, assim como minha raiva. Hoje em dia, as coisas não são tão simples para ele… Meu pai pode continuar tentando me intimidar, mas sei que eu também posso tentar fazer o mesmo com ele.

— Aonde o senhor está querendo chegar? — pergunto, encarando-o com seriedade, e algo me diz que não vou gostar nem um pouco da resposta.

— Carrick, meu filho. Você sabe como as coisas são…

— Sei?

— Claro que sabe. Eu te criei pra isso. — Ele me encara de volta e solta uma risada. Vejo que está tentando usar o riso para mascarar o ódio. Algo que ele sabe fazer com maestria.

Este é Dailey Griffin. Eu, melhor do que qualquer outra pessoa, conheço o pai que tenho. E se ele entrou aqui a ponto de arrancar a porta, é porque tem algo o incomodando. Algo que vai além da foto no jornal. Por mais que, agora, ele esteja tentando suavizar seu comportamento anterior, já me preparo para o que virá.

— Por favor, me relembre do que aprendi. Eu saí no jornal com uma mulher. Grande coisa, isso já aconteceu várias vezes antes, com várias outras mulheres em vários outros jornais. Assim como Fergus, Tom, Rory… e, inclusive, você.

O sorriso no rosto dele se desfaz no instante que cito sua… indiscrição de alguns anos atrás, quando minha mãe ainda era viva. Meu pai imita meu movimento e

cruza o braço à sua frente, deixando nítida a raiva que sente no momento.

— Eu não devo explicações a você, Carrick, ou a qualquer outra pessoa. — Seu tom é baixo, ameaçador. Mas já estou acostumado. São quase trinta anos convivendo com ele. Sei exatamente até onde ele é capaz de ir para manter intacta a sua imagem de homem perfeito. — Até o seu noivado com Shayla Walsh, o que você fazia com seu tempo era problema seu. Mas, a partir do momento em que nossa família está atrelada à dela, então, *garoto*, preciso que você deixe de ser esse moleque e passe a ser o homem que te criei pra ser.

O modo como ele enfatiza a palavra deixa claro todo o desprezo que ele sente por mim. Sinto vontade de dar uma gargalhada com o que acabei de ouvir, mas resolvo me controlar. Ainda não está na hora de bater de frente com ele, porém, não consigo controlar minha vontade de, pelo menos, criar algum conflito.

— E o que seria esse tal homem? Alguém que só pensa nos negócios da família? Porque, vou ser sincero, *pai*, eu estou cansado de ouvir sempre a mesma desculpa para justificar as formas com que você controla a minha vida.

São anos ouvindo tudo que eu posso ou não posso fazer. Anos tendo cada passo meu ditado por ele. Anos sendo obrigado a fazer o que eu não quero em prol da imagem que os Griffin precisam manter.

— Se o seu problema é aquela brasileira que você tão rudemente levou para minha casa, então fique à vontade. Faça dela sua amante. Compre um carro, um apartamento, essas bolsas que mulheres gostam. Todo homem de verdade precisa de uma mulher de pernas abertas esperando por ele.

Eu vejo vermelho. Por uma fração de segundo, não posso acreditar no que acabei de ouvir. Mas depois me lembro que estamos falando de Dailey Griffin. Dou dois passos em sua direção, pronto para lhe dar um soco na cara pela ofensa à Lola, quando a porta do meu escritório se abre, interrompendo meu acesso de fúria.

— Senhor Griffin, o senhor Wilson está te esperando na sala de reuniões — minha secretária me avisa, fazendo com que eu dê um passo para trás e repense minha atitude.

O ódio ainda vibra dentro de mim. Vendo isso, meu pai ri da minha cara e dá um tapa no meu ombro, se virando de costas e seguindo a mulher que acabou de sair daqui. Mas, antes de cruzar a porta, ele se vira para mim novamente.

— Você vai se desculpar publicamente com Shayla, dizer que essa foi uma foto antiga, de uma ex-namorada sua ou qualquer outra coisa que lhe venha à mente. E vai fazer isso logo.

— E se eu não fizer?

— Você não vai querer nem saber…

Quando ele vira as costas, preciso de alguns momentos para controlar a minha ira. A vontade que sinto é de fazer com que volte para esta merda de sala para que eu possa deixar claro o que eu penso a respeito do que acabou de acontecer — com os meus punhos.

Mas não é isso que eu faço. Já tenho problemas demais para lidar sem ter que envolver uma ficha criminal por agressão.

Pego meu celular, que havia ficado esquecido no meu bolso durante a nossa conversa. Destravo a tela e vejo tenho duas mensagens não lidas. A primeira é de Fergus, dizendo para eu ver o jornal.

Ah, irmãozinho, eu já vi.

Mas é a segunda mensagem que me impacta:

Shayla: Eu disse que não facilitaria as coisas para você...



Lola

— Eu acho que estou bêbada — Ana diz pela terceira vez.

— Me conta uma novidade — respondo, revirando os olhos com a declaração que já me é tão familiar.

Finalmente criei coragem e liguei para minha melhor amiga. Durante esses últimos dias que estive aqui, optei por me manter afastada de qualquer coisa que pudesse estar acontecendo do outro lado do oceano. A não ser quando liguei para ela depois de aterrissar em Dublin, permaneci fora de alcance.

Não quero saber o que meu pai tem tentado fazer pra me encontrar, quais foram as consequências de eu ter fugido às vésperas do casamento e como Ana tem lidado com tudo isso. No momento, a única coisa em que preciso focar é meu relacionamento com Carrick. Isto é, se podemos usar a palavra relacionamento para definir *isso* que está acontecendo entre nós.

Impossível dizer que realmente deixei tudo para trás ou que não estou apreensiva com as repercussões de meus atos, mas, sinceramente, prefiro manter minha cabeça em uma coisa de cada vez — e o que mais me interessa agora é poder ficar ao lado do homem que amo sem que toda a vida dele vire de cabeça para baixo também.

— Lola, você está aí? — minha amiga grita do outro lado da linha. Pelo visto, ela estava falando alguma coisa e eu acabei a ignorando, completamente perdida no meio dos meus pensamentos.

— Sim, estou. Desculpa…

— O que está acontecendo com você? — Ana quer saber, seu tom agora bem mais sóbrio do que antes.

Se eu tiver que ser sincera, acho que Ana nunca fica realmente bêbada. Isso tudo é apenas mais uma das suas artimanhas para chamar atenção. Ou não. Sei lá. Mas quem sou eu pra julgar ou sequer apontar o dedo?

— Ai, amiga… Tanta coisa. Tanta coisa mesmo…

— Eu não estou com pressa. Começa a contar — ela diz e, então, eu conto.

Conto tudo. Sento-me no chão da sala, de frente para a lareira que aquece a sala gelada, e narro para a minha melhor amiga tudo que aconteceu nos últimos dias. Conto sobre Carrick, sobre quem ele é e o que esperam dele. Conto sobre Shayla e sua ameaça. Conto sobre mim e o modo que me sinto sempre que estou perto de Carrick. Conto sobre minha vontade de deixar que aquele homem faça comigo o que quiser, porque, além de mexer comigo como nunca aconteceu antes, algo nele me transmite confiança. Que, um dia, tudo vai ficar bem.

A coisa mais difícil que tive que fazer foi contar a Carrick cada detalhe do que me fez sair fugida do Brasil. Foi na segunda-feira, antes de sairmos da cama, que ele veio me pedir que explicasse a minha situação. Eu, relutante, acabei narrando cada detalhe do que aconteceu durante os meses que estivemos afastados.

Carrick quase pegou o primeiro voo para o Brasil, dizendo que iria matar meu pai. Precisei usar de táticas sujas (e deliciosas) para conseguir mantê-lo aqui. Garanti a ele que, contanto que estivéssemos juntos, ninguém poderia me tocar. Eu podia ver a ira em seus olhos. Seus punhos estavam cerrados e ele rangia os dentes. Se a situação fosse diferente, eu o acharia muito sexy. Só que a última coisa que quero é trazer mais problemas para a nossa vida.

— Ana, só de saber que ele vai chegar a qualquer momento, eu sinto as malditas borboletas no estômago. Fico nervosa, com as mãos suando e um tremendo desconforto entre as pernas. E ELE NÃO ESTÁ NEM AQUI — desabafo, deixando que a última parte saia em um grito frustrado.

— Lola, você já estava caidinha por ele antes de chegar aí. Imagina agora, que estão juntos sob o mesmo teto? — Sua pergunta é retórica e, mesmo assim, faz com que meu rosto queime de vergonha só de lembrar do que fizemos nos últimos dias.

Eu ainda não me sinto pronta para transar com ele, mas todo o resto… Nossa, estou nas nuvens.

Tem gente que, sabendo do que está rolando entre mim e Carrick, provavelmente diria que estou sendo hipócrita, que sexo não é apenas penetração. Mas algo na minha cabeça me impede de ir além, de dar o próximo passo sabendo que ele ainda está comprometido com outra mulher. Mesmo sendo contra sua vontade.

Mas como eu não devo mais satisfação a ninguém, então deixo que as coisas aconteçam no meu ritmo. No nosso ritmo.

— É mais do que isso, Ana — eu me permito dizer. — É o modo como eu me sinto quando estou com ele. — Respiro fundo, pensando em como explicar aquilo que para mim é tão óbvio, mas que, para ela, pode não ser. — Sabe por que eu nunca entrei em um relacionamento sério antes?

— Ahmmm, não…? — Sua resposta sai com um tom de pergunta.

— Porque eu nunca havia encontrado ninguém com quem eu gostasse de ficar mais do que fazer qualquer outra coisa — confesso, me embolando nas palavras.

— Não entendi. Seja menos poética — Ana pede.

— É bem simples. Não há nada nesse mundo que eu prefira fazer do que passar meu tempo com Carrick. Cinema ou Carrick? Carrick. Restaurante ou Carrick? Carrick. Festa ou Carrick? Carrick. Um livro ou Carrick? Carrick, e você sabe que eu amo ler. — Deixo aquilo que eu penso sair da minha boca, usando exemplos simples para explicar a ela que, não importa a opção, estar com ele é sempre melhor. — Eu quero estar com ele o tempo todo, não importa como ou onde. Estar com ele faz com que eu me sinta…

— Feliz — ela termina minha frase.

— Muito mais que isso, Ana. Faz com que eu me sinta completa. É como se, em toda a minha vida, estivesse faltando uma peça no quebra-cabeça. E eu finalmente a encontrei em Carrick.

— Uau… Você está apaixonada mesmo — Ana conclui e solta uma risadinha depois.

— Completamente, perdidamente, enlouquecidamente… Não posso deixar que nada me afaste dele, Ana. Nem Shayla, nem seu pai, nem *meu* pai… Nada nem ninguém.

— Eu estou muito orgulhosa de você, Lola. — Solto um riso abafado, não acreditando muito no que ela diz. — É sério. Você deixou tudo pra trás, encontrou o bofe, está morando com ele e determinada a rasgar os olhos da primeira mulher que pensar em entrar no seu caminho. Você é meu ídolo.

— Não, Ana. Sou apenas uma garota que encontrou seu príncipe encantado e não está disposta a ser infeliz de novo. — Dou de ombros, mesmo sem ela poder ver meu gesto. — Mas vamos mudar de assunto por um minuto — digo, temendo as informações que estão por vir.

Só de pensar no que aconteceu em casa quando eu saí, sinto meu corpo inteiro tensionar. Nem quero imaginar o que meu pai tentará fazer comigo quando me encontrar.

— Lola, eu não vou mentir pra você: as coisas ficaram feias — ela começa a contar. — Seu pai veio até a minha casa, querendo saber onde você estava. Eu, claro, me fingi de desentendida e disse que havia passado a noite inteira doente e nem me lembrava de ter visto você.

Ana deve ter procurado um lugar mais calmo para conversar comigo, porque o barulho diminui consideravelmente, fazendo com que eu escute melhor a

apreensão em sua voz.

— Ele estava irado, Lola. Fora de si. Meu pai teve que entrar no meio e pedir para que ele se retirasse de nossa casa.

Fico espantada com a revelação. Eu sabia que meu pai não reagiria bem… claro que não. Fernando Fernandes sempre tem o que quer, quando quer e porque quer. Simples assim. Sua fama o procede, e ele veste arrogância melhor do que muita modelo veste um biquíni — e isso é dizer muito.

Porém, a última coisa que eu esperava ouvir era que ele foi até a casa do seu melhor amigo tirar satisfação.

— Você não…

— É claro que eu não disse nada — ela termina a minha frase de forma ultrajada. — Mas meu pai vai descobrir em breve. Isso se ele já não descobriu. Não é muito difícil ligar os pontos.

Ela tem razão. Foi Ana quem pagou pela minha passagem e fez um saque de sua poupança para me dar algum dinheiro para poder me arrumar uma vez que chegasse aqui. Não somos duas pessoas experientes quando o assunto é *fuga*. Não pagamos nada em dinheiro nem usamos nomes falsos. Ela apenas me ajudou a sair do país, e como sou maior de idade, ninguém tem nada com isso. A não ser meu pai, Walter Magalhães (meu ex futuro marido) e Carrick. Sim, Carrick. Pois eu quero que ele faça parte da minha vida, hoje e sempre.

— Você tem alguma ideia do que está acontecendo por aí neste momento? — pergunto, a apreensão me corroendo por dentro.

— Está tudo muito quieto. Nem meu pai tem falado comigo direito.

— Ou seja, ele já descobriu — concluo.

— Talvez sim, talvez não. Mas fique de olhos abertos, ok? — Ana pede e posso sentir o medo em sua voz. Assim como eu, ela sabe do que meu pai é capaz. O dela não é tão diferente assim.

— Pode deixar…

A única coisa que me deixa menos ansiosa é o fato de ninguém saber da existência de Carrick. Apenas Ana sabe quem ele é, mas não disse a ela onde ele mora.

— Eu preciso que você… — ela começa a dizer, mas o barulho de chaves faz com que eu mude o foco da minha atenção.

Olho para a porta e vejo Carrick entrar, um ar desolado em seu rosto.

— Eu te ligo depois, Ana. Mas fica tranquila que eu estou bem.

Não dou tempo para ela dizer mais nada e jogo o aparelho sobre o sofá, ligação

encerrada, e corro para os braços do meu homem.

Carrick me puxa para si e me envolve em um abraço apertado, deixando claro com o gesto que o dia dele também não foi lá grandes coisas.

— O que houve? — pergunto, ainda com o rosto enterrado em seu peito.

Carrick não responde de imediato. Ele acaricia minhas costas e beija minha têmpora algumas vezes antes de se afastar um pouco de mim.

Em seguida, tira a carteira e o celular do bolso do terno, colocando-os sobre a mesa ao lado da porta — onde sempre deixa suas coisas — e depois pendura a peça de roupa no cabideiro.

Carrick pega a minha mão e me leva para a cozinha — sempre em silêncio — e me coloca sentada em um dos bancos da ilha. Ele vai até a geladeira, de onde retira uma garrafa de vinho branco, e nos serve duas taças.

— Você está me deixando preocupada — confesso enquanto o vejo dar um gole generoso no vinho.

— Oi, meu amor. Como foi seu dia? — ele pergunta, como se os últimos minutos não tivessem acontecido.

— Carrick… — digo em tom reprovador, para o qual ele abre um sorriso. Após colocar a taça em cima da ilha, ele vem novamente até mim e emoldura meu rosto com as mãos, me trazendo para um beijo leve.

— Senti muito a sua falta hoje — Carrick fala assim que nossos lábios se afastam, me deixando com um gostinho de quero mais.

Olho para ele com mais atenção, notando como seus olhos não estão com o mesmo brilho de sempre. É como se ele tivesse envelhecido um pouco neste curto período de tempo que ficamos afastados. O vinco entre suas sobrancelhas está mais profundo, deixando claro que está sendo consumido pelo estresse.

São muitas as perguntas que vagam por minha mente. A taça de vinho que ele serviu para mim continua intacta no mesmo lugar enquanto eu tento buscar respostas em sua expressão.

O medo de que algo muito ruim tenha acontecido me atinge em cheio e não consigo mais segurar o turbilhão de emoções que começa a tomar conta de mim. Então, em vez de perguntar mais uma vez o que aconteceu, decido que é a minha vez de tomar alguma providência com as minhas próprias mãos para que ele relaxe um pouco.

Eu o beijo. Sem pedir permissão, sem ter certeza se é disso que ele precisa no momento. Desço da bancada, fico na ponta dos pés e encosto minha boca na dele com mais força do que o normal.

Carrick sente a minha urgência e crava seus dedos em minha cintura, impedindo que eu me afaste.

As malditas borboletas no meu estômago ganham força, voando sem rumo e desesperadas por se libertarem. Emaranho meus dedos em seus cabelos macios e os puxo um pouco, tentando colocar cada vez mais meu corpo ao dele.

Eu preciso disso. Preciso dele. Sentir sua apreensão e não fazer nada é torturante. Quero que ele saiba que estou aqui, que sempre estarei. Preciso que ele entenda que, não importa a circunstância, o que nós temos é mais forte.

Somos língua, mãos e desejo. E amor. Muito amor.

Carrick me pega pela cintura e me coloca sobre a ilha da cozinha novamente, encaixando-se entre as minhas pernas. Ele desce beijos por meu pescoço, aproveitando suas mãos livres para percorrerem meu corpo.

— Só você, Lola. Só você pra me fazer desistir de tudo e enfrentar o mundo — ele diz entre beijos desesperados. — Qualquer coisa vale a pena… por você. Só você.

Suas palavras me assustam e excitam ao mesmo tempo, e eu sei que precisamos parar agora senão acabarei indo longe demais. Porque se ele disser essa frase para mim de novo, acho que serei reduzida a uma poça de desejo. É impossível não derreter.

Capítulo 23

Carrick

No instante que Lola me empurra com as pernas para longe dela, sinto a falta do seu calor. Olho para a mulher à minha frente sem entender muito bem o que está acontecendo.

Apenas de encostar nela e sentir seu gosto, parece que todos os meus problemas se dissolvem. Só ela importa.

Ela é minha coragem, porque sem ela eu jamais teria sido capaz de enfrentar meu pai, de tentar essa loucura de mudar minha vida.

Ela é meu sorriso, porque, nos últimos dias, tudo que eu faço quando estou ao lado dela é sorrir; das coisas simples, da forma como ela dorme, dos reality shows de decoração que ela cisma em assistir, de qualquer coisa que deixe claro que ela está feliz.

Ela é minha calma, porque só de estar ao lado dela as coisas parecem mais simples. É como se o mundo fosse posto em pausa apenas para que eu pudesse senti-la por completo.

Ele é meu maior desejo, porque cada passo que ela dá é um convite para que eu me delicie com suas curvas. Tudo nela me excita, desde o modo como me olha até a forma com que geme meu nome logo antes de gozar.

É… Lola é meu tudo.

Até nesses momentos de pura irritação, quando eu deveria estar cuspindo fogo pelas ventas, o fato de que ela está aqui faz com que as coisas não sejam tão ruins assim.

Shayla não quer se separar? Foda-se.

Meu pai está enchendo meu saco? Foda-se.

O nome da família está em jogo? Foda-se.

Nada disso importa, porque a única coisa que realmente merece toda a minha atenção é ela.

Mas agora fui afastado, impedido de sentir seu calor e seu gosto delicioso.

— Antes de você reclamar, preciso saber o que aconteceu — ela diz de forma autoritária, cruzando os braços na frente do peito.

Se qualquer outra pessoa olhasse para ela agora, acharia que é apenas uma mulher brava e mandona, exigindo algo de mim. Mas o modo como seu peito sobe e desce, acelerado com a respiração ofegante, e as pupilas permanecem dilatadas, ainda sob o efeito do nosso beijo, mostra que ela não está tão desinteressada quanto tenta aparecer.

— Pelo visto, temos uma mocinha muito manipuladora nessa casa… — atiço, olhando para ela e passando a língua por meus lábios inchados do nosso beijo.

— Não é isso, Carrick. Eu não queria que as coisas chegassem a esse ponto, mas…

Sei exatamente o que ela quer dizer — e, ao mesmo tempo, não tenho palavras para explicar. É só ela estar por perto que as coisas saem do controle. No instante que nossas línguas se encontram, a bolha nos envolve e viramos reféns desse sentimento que nos domina.

— Tudo bem… Eu juro que entendo. — Afasto suas pernas e me encaixo entre elas novamente. Dessa vez, eu me esforço para não começar algo que não podemos terminar. Mas não resisto à proximidade e dou um beijo em sua bochecha. — O que você quer saber, linda? — pergunto.

— Quero saber por que você chegou em casa desse jeito. O que aconteceu? — Lola nem hesita antes de perguntar. Pelo visto, minha tentativa de me acalmar antes de conversarmos não serviu de muita coisa e ela conseguiu perceber que tem algo me incomodando.

Só de me lembrar da conversa que tive com meu pai, o sangue começa a ferver.

Ele tinha que ser tão canalha assim?

As palavras que ele usou para se referir ao meu relacionamento com Lola foram, no mínimo, revoltantes. Se não fosse pela entrada de minha secretária no escritório, provavelmente estaria tendo essa conversa com Lola na delegacia, após ser preso por homicídio.

Nem sei como começar a contar a ela o que aconteceu. Não quero que Lola se sinta ainda mais culpada. Ela não tem culpa de nada, afinal. Ou tem, já que é por conta dela que estou disposto a largar tudo. Mas se não fosse por essa ideia idiótica dele de que eu me casasse com uma mulher “pré-aprovada”, para não dizer com todas as letras que iria me casar apenas de fachada, então nada disso teria que acontecer.

— Carrick, pelo amor de deus, para de enrolar e fala logo o que está acontecendo. Você está me deixando nervosa — ela diz, me encarando com

apreensão.

Dou um beijo casto em seus lábios e a puxo para a sala. Preciso estar sentado e com ela ao meu lado. Em vez de começar usando as palavras, pego o celular dela, que estava em cima da mesinha de centro, e procuro aquilo que meu pai mostrou quando invadiu minha sala.

Entrego o aparelho a ela, que parece não entender muito bem o que está acontecendo. Mas quando ela olha para a imagem que brilha na tela, seus olhos se arregalam e Lola fica completamente chocada.

— Isso… Isso…

— Aham. *Isso* somos nós nos beijando. Aquele maldito paparazzo não cumpriu com o que tinha combinado com Fergus.

Assim que meu pai saiu do meu escritório e eu consegui fazer com que meu cérebro voltasse ao normal, a primeira coisa que fiz foi ligar para Fergus e tentar entender por que diabos aquela foto estava estampando a capa de um jornal.

A capa! Vamos ser sinceros, não sou tão importante assim para ter minha imagem beijando uma mulher na capa de jornal. Na sessão de fofocas, talvez. Na capa, jamais. Fergus, que conhece metade da Europa, começou a investigar e descobriu que o babaca do paparazzo tinha um caso com uma das editoras do jornal, que, por sua vez, é amiga de Shayla. Bem o caso da prima do cunhado do vizinho da madrinha, mas que bate com a mensagem desaforada que ela me mandou.

Mesmo assim, a merda foi jogada no ventilador.

— Carrick… Como isso foi parar aqui? — ela me pergunta e eu explico a situação. Depois, complemento: — Eu estava trabalhando quando meu pai veio gritar comigo sobre isso.

— Eu não posso acreditar… — Lola coloca ambas as mãos sobre a boca, olhando para mim como se tivessem acabado de vazar um vídeo pornô dela na internet. Mas só de pensar na possibilidade de ela ter um vídeo pornô por aí, já começo a ficar nervoso. Mesmo sabendo que ela é virgem. Não importa. O mero pensamento de um outro homem tocando a minha mulher já é suficiente para que eu perca o controle.

Respiro fundo e tomo sua mão na minha.

— Ele veio exigir que eu me desculpasse publicamente com Shayla. Falou até que eu poderia manter você como amante, contanto que ninguém soubesse. Não é lindo? — O sarcasmo chega a pingar da minha boca. Jogo a cabeça para trás e a repouso no encosto do sofá.

— Mil desculpas, mas seu pai é um tremendo filho da puta — ela diz, me

pegando de surpresa. Não consigo resistir e acabo soltando um sorriso.

Adoro quando minha princesa resolve mostrar que, por trás de toda beleza e elegância, tem uma mulher com uma boquinha bem suja.

— Para de rir de mim, Carrick. — Lola cruza os braços na frente do corpo, rompendo nosso contato.

— Você é linda, sabia? — Puxo seu rosto para perto de mim e dou um beijo rápido em sua boca.

Ruborizada, ela balança a cabeça negativamente, demonizando minhas palavras e minhas ações. Eu deveria estar apreensivo, nervoso e em um nível de irritação além do normal de quando se volta pra casa após um dia cansativo no trabalho. Mas a presença de Lola deixa tudo melhor, e sou incapaz de tirar meus olhos de cima dela.

Lola é a mulher mais linda que eu já conheci na vida; nem sei quantas vezes eu já disse isso. Só que a cada vez que eu olho para ela, mais linda ela fica. Não consigo me acostumar com sua beleza e sinto como se precisasse olhar para ela a fim de ter certeza de que não estou louco. De que ela é real e está aqui, comigo, disposta a fazer o que for para que possamos ficar juntos.

“Como uma mulher como ela escolhe um cara como eu?”, fico me perguntando, mas não estou nem um pouco inclinado a encontrar respostas.

Escaneio Lola com cuidado, desde seus pés até seu olhar reprovador. Acaricio cada pedaço de seu corpo com meus olhos, desejando, mais do que tudo, poder vê-la nua à minha frente.

Não há nada de sensual no modo como ela está vestida agora — calça legging e uma camiseta minha —, mesmo assim, é fisicamente impossível parar de apreciar.

— Essa não é a hora de você ser encantador. Nem sedutor. Podemos voltar ao assunto? — ela diz, livrando-me do transe.

Eu estava falando de um assunto complicado, intenso, que sempre me faz mal, e, de repente, minha mente foi para um lado completamente diferente.

Lola é o contrapeso da balança. Mesmo quando tudo está ruim — até meus pensamentos — ela consegue fazer com que tudo seja bom novamente.

— Onde estávamos? — pergunto, querendo terminar logo com essa conversa para que eu e possamos curtir um pouco mais do nosso tempo juntos.

— Você disse que seu pai pediu que se retratasse com Shayla publicamente — ela relembra e eu faço que sim com a cabeça.

— É basicamente isso. Ele invadiu minha sala, disse que eu precisava honrar o

nome da família e pediu para que eu me desculpasse com ela. — Relaxo no sofá e fecho os olhos, respirando fundo para tentar mandar pra longe os demônios que sempre tentam surgir quando o assunto é Dailey Griffin.

Pego a mão de Lola e a acaricio devagar, deixando que a suavidade de sua pele traga alguma calma para este momento.

As lembranças de mais cedo acabam trazendo outras de muitos anos antes, o que sempre me deixa com um bolo na garganta.

— Posso perguntar uma coisa? — ela sussurra ao meu lado e posso sentir seus olhos me avaliando enquanto ainda estou com os meus fechados. — Por que você nunca tomou uma atitude antes? Por que nunca disse a ele que essa não era a vida que você queria? — É como se ela tivesse sentido para onde meus pensamentos estavam indo.

— Acho que poucas pessoas entenderiam a minha situação. — Esfrego o rosto com as mãos, soltando o ar de forma frustrada só de me lembrar do meu passado e permitir que ele invada meu presente. Mas esse é um dos talentos de Dailey Griffin. Mesmo sem estar aqui, ele é um fantasma que me persegue.

— Eu não sou qualquer pessoa, Carrick. — Sua afirmação me obriga a abrir os olhos e fita-la mais uma vez. Lola me analisa com cuidado, mas posso ver o amor se sobressair aos demais sentimentos que a devem incomodar neste momento.

Nunca fui um homem muito aberto. Meus problemas eram *meus* para resolver. A única pessoa em que sempre confiei é Fergus. Mas, agora, Lola entrou em minha vida e me dominou por completo.

Ela pede com o olhar que eu me abra, que eu explique por que diabos eu me deixei ficar noivo.

— Minha infância não foi como a da maioria dos garotos — começo a contar. Ela merece saber tudo sobre mim, assim como quero descobrir tudo sobre ela. — Meu pai sempre foi um cara controlador. Eu e meu irmão fomos criados para sermos de uma forma. A família, a destilaria, o nome que carregamos… Tudo sempre imposto na nossa cabeça como a única coisa a ser feita. Só podíamos nos comportar de uma forma: *que nem um Griffin* — repito para ela as palavras que foram marteladas na minha cabeça durante toda a minha vida.

Lola não consegue entender, porque não faz ideia do que meu sobrenome representa. Por mais que eu já tenha contado a ela, ainda assim fica difícil ter uma real noção. Junto com outras famílias, somos o mais próximo que a República da Irlanda tem de uma nobreza. Devemos seguir certos padrões, agir de determinada forma, casar entre um grupo seleto de pessoas.

Se eu dissesse não a tudo que tenho — a tudo que sou —, seria como um príncipe abandonando sua coroa. Isso, olhando do lado de fora da casa. Mas se alguém olhasse por trás das paredes de pedra, descobririam muito mais do que apenas regras e tradições.

— Eu poderia ter me rebelado, fugido, deixado tudo para trás… — faço uma pausa, criando coragem para contar a ela a parte mais dolorosa do meu passado — …mas não fiz por causa da minha mãe.

Lola permanece em silêncio. Ela sabe que está prestes a ouvir algo que a desagradará imensamente. Sua mão se aperta em torno da minha, incentivando-me a continuar. Mas são seus olhos que me impedem de me fechar novamente. Eles gritam por mais, curiosos e cheios de compaixão por algo que ela ainda nem sabe o que é.

— Ela era agredida diariamente. — Deixo que as palavras saiam da minha boca de uma só vez. — Não podia ir embora e deixá-la para trás, e ela se recusava a sair do lado do meu pai. Por ela, eu e Fergus ficamos. Minha mãe morreu pouco antes de eu te conhecer, e meu pai fez questão de que o testamento dela fosse exatamente do jeito que *ele* queria. Eu não tinha nada, Lola. Nem um centavo no bolso. Eu tinha vinte e oito anos na época. Ridículo, né?

Confessar a ela aquilo que mais me envergonha é possivelmente a coisa mais difícil que já fiz na vida. Muito mais difícil do que confrontar Dailey ou Shayla.

Memórias de minha mãe com um olho roxo quando eu tinha treze anos ou um braço quebrado quando eu tinha dezessete invadem minha mente, e eu estremeço só de lembrar o modo como ela o protegia, mesmo depois de sofrer em suas mãos.

Quando ficamos maiores, Carrick e eu começamos a impedir que ela fosse agredida fisicamente, mas sabíamos o que acontecia quando a porta do quarto deles se fechava. Ela não mais tinha hematomas; seus ferimentos passaram a ser na alma.

— Nunca, Carrick. Você fez o que achava certo e arcou com as consequências. Só isso — ela tenta me consolar, chegando ainda mais perto de mim e passando a mão por meu torso.

Preciso desviar o olhar dela.

— Ei… — Em vez de se afastar e permitir que eu me esconda atrás da minha vergonha, ela senta em meu colo, uma perna de cada lado do meu corpo, e pega meu rosto com as mãos, me forçando a encará-la. Mas Lola não diz nada, apenas encosta a testa na minha, naquele gesto que reflete muito do que temos.

— Eu olho para você, que deixou tudo pra trás com tanta facilidade, e me acho

um covarde por não ter feito o mesmo — confesso, acariciando seu rosto macio. Solto um riso de deboche, pensando em como ela consegue ser tão forte enquanto parece um anjo.

— Covardia seria ter deixado sua mãe para trás — Lola sussurra e imita meus movimentos.

Por alguns segundos, ficamos assim, parados, olhando um para o outro e deixando o impacto do momento nos envolver.

Tento buscar nela a força que eu preciso para continuar, para deixar tudo de lado e viver minha vida da forma que sempre quis.

Não, não da forma que sempre quis. Mas da forma que tenho sonhado desde que eu a beijei pela primeira vez e descobri que tudo pode ser melhor quando se tem algo pelo qual vale a pena lutar.

— Você ficaria comigo mesmo se eu não tivesse um centavo no bolso? — pergunto, apreensivo, revelando um dos meus maiores medos. Ser um homem com o meu status é bem complicado. A maioria das pessoas se aproxima apenas com interesse.

Já aconteceram várias vezes. Todos querem tirar algum proveito.

— Eu ficaria com você de qualquer jeito… Não consigo entender esse sentimento, mas também não estou a fim de racionalizar algo que me completa.

As palavras dela se encaixam perfeitamente no que eu sinto.

O momento nos envolve, nos impede de sequer pensar em algo que não seja *nós*.

Lola faz com que eu revele um lado meu que prefiro manter escondido. Ela faz com que eu queira ser melhor. Faz com que eu queira ter sonhos. Que eu viva com a nossa felicidade em mente.

Só de sentir seu peso sobre mim, sei que nada do lado de fora será capaz de impedir o que já acontece com tanta força aqui dentro. Trago seu rosto para mais perto do meu e deixo que meu desejo por ela fale mais alto do que qualquer outra coisa.

Como é possível se apaixonar assim com apenas um beijo? E se apaixonar ainda mais com cada beijo?

Capítulo 24

Lola

Nem abri os olhos ainda, mas os beijos que Carrick deixa ao longo da minha coluna são suficientes para me fazer acordar.

— Hmmmm… — murmuro, deixando que o arranhar de sua barba me cause sensações gostosas. Meu corpo inteiro formiga de desejo, mesmo ainda estando sob o efeito do sono. A blusa que eu uso está parcialmente levantada, permitindo o nosso contato.

O calor de Carrick sobre mim, suas mãos grossas acariciando as laterais do meu corpo, seu hálito quente brincando com a minha pele fria… Não consigo conter o gemido, que sai da minha boca como se fosse uma súplica. Eu preciso dele.

— Carrick… — Ele não perde tempo e se deita sobre mim, fazendo com que eu sinta cada centímetro rígido de seu corpo.

Carrick beija meu pescoço enquanto sua mão entra em minha blusa, acariciando minha barriga e subindo até meus seios. Como estou deitada, o acesso é mais difícil, porém senti-lo contra minha bunda, friccionando contra ele, me deixa enlouquecida de tesão. Rebolo no mesmo ritmo que ele, querendo mais, precisando de mais.

— Vira pra mim, Lola… — ele pede ao pé do meu ouvido, causando arrepios em minha nuca e fazendo com que eu trema só de pensar no que ele fará assim que eu fizer o que me pede.

Sou incapaz de resistir.

Devagar, ele mesmo me coloca na posição que quer, pairando sobre mim.

Assim como eu, Carrick está sonolento, mas isso não é motivo para conseguirmos resistir a essa necessidade que temos de ficarmos juntos, de sentirmos um ao outro.

Com uma perna minha de cada lado de seu corpo, ele se senta na cama, olhando para mim. Meus cabelos devem estar uma loucura, minha cara amassada também. Mas nada disso parece importar. Posso ver sua ereção delineando a cueca que usa, deixando claro que ele me quer tanto quanto eu o quero.

Lentamente, ele começa a remover minha blusa, deixando uma trilha de desejo por onde sua mão encosta. Eu tenho consciência de cada centímetro que ele toca. Nossos olhos não se desviam por um segundo sequer, mas quando estou despida à sua frente, Carrick não resiste e desce o olhar por meu corpo.

— Você. É. Linda. — Sua voz sai em um sussurro, mas consigo escutar cada palavra pontuada com perfeição. Ele não precisa gritar, porque a intensidade com que me olha fala mais alto do que qualquer palavra.

Minha umidade se contrai tanto com o impacto das palavras que chego a sentir dor. Sou capaz de gozar só com elas, principalmente quando noto que, em sua cueca, há um pequeno círculo mais escuro onde a ponta de sua ereção fica. Ele é grande, grosso e está assim por minha causa.

Sinto vontade de esfregar uma perna na outra para ver se isso é capaz de aliviar o incômodo que esse vazio me causa.

Não falamos nada, apenas nos olhamos. Carrick está lindo com o cabelo bagunçado de quem acabou de sair da cama. Seu peito nu, completamente exposto para mim, faz com que minha boca se encha de água com a vontade que sinto de passar a língua por cada músculo definido que ele exibe.

Mas chega uma hora que não conseguimos mais. Essa energia entre nós é tão esmagadora que toda nossa contenção deixa de existir, nos obrigando a ficarmos colados um ao outro. Carrick desce seu corpo sobre o meu, esmagando meus peitos contra si, e me beija com tanta lascívia que preciso me segurar nele, trazendo-o sempre para mais perto.

Uma linha não passaria entre nós, mais ainda não é o suficiente.

Quando sua língua entra na minha boca, ele solta um gemido alto e começa a se mexer, simulando o que aconteceria caso não estivéssemos com duas pequenas peças de roupa nos separando do prazer.

Sua mão vai para a minha bunda, apertando uma nádega com força e juntando-me ainda mais a ele. Sinto cada centímetro de sua ereção roçar contra mim. Meus sentidos estão aguçados com tudo que é Carrick. Seu cheiro, seu gosto, seu toque… E quanto mais eu tenho, mais eu quero.

Sou tomada por um impulso que nunca senti antes. É muito mais que desejo ou necessidade. É ele… esse maldito homem que veio até mim para me mostrar o que estava faltando na minha vida e tudo que posso ter quando estou com ele.

Deixo que minhas mãos penetrem sua cueca e sinto sua bunda musculosa contrair com meu toque. Imito seu movimento e o puxo para mais perto de mim — tudo isso sem romper o beijo.

A fricção é tanta que não consigo mais aguentar. Carrick sente que estou à beira

do abismo e intensifica seus movimentos, fazendo com que eu caia de vez, gritando seu nome e rezando para que ele esteja sempre pronto para me pegar em cada uma das quedas.

— Adoro sentir seu gosto na minha boca. É o melhor café da manhã que existe. — Deitada em seu braço, suas palavras sujas fazem com que eu precise enterrar meu rosto em seu peito só para que ele não veja a reação que elas me causam. Ele ri com a minha atitude ingênua, mas reforça o abraço. — Amor, você acabou de gozar duas vezes na minha boca. Essa não é a hora de ficar com vergonha.

Carrick beija o topo da minha cabeça, ainda rindo às minhas custas.

Passamos a manhã inteira na cama, um explorando o corpo do outro até que a exaustão nos tomasse. Agora, estamos assim, deitados, abraçados, curtindo a sensação gostosa de estarmos completamente saciados.

Ele lambeu, chupou e estimulou cada pedaço do meu corpo, me transformando em uma louca que geme alto e só sabe pedir por mais. Tem sido assim todos os dias desde que cheguei e não sei por quanto tempo mais serei capaz de resistir. Ou melhor, quanto tempo mais precisarei esperar que ele se livre de toda essa bagagem indesejada e eu não precise mais resistir.

Nunca pensei que as coisas pudessem ser assim. Quando as pessoas diziam que sexo é bom, eu não imaginava um bom *excepcional*. E olha que eu e Carrick ainda estamos nas preliminares. Se é tão bom assim agora, imagina depois? Nunca vou querer fazer mais nada da vida.

— Hoje é sábado… — Carrick diz do nada, fazendo com que eu erga a cabeça para poder olhar para ele. — Tenho que ir jantar na casa do meu pai — ele conclui o pensamento após ver a minha cara de quem não estava acompanhando o raciocínio.

As palavras dele fazem com que o clima leve pare de existir.

Sábado. O jantar na casa do pai, o ultimato que ele deu a Shayla. Hoje é sábado.

Sinto um nó na garganta só de pensar no que está prestes a acontecer. Carrick parece sentir meu corpo tensionar, porque ele logo me vira para que possamos ficar cara a cara.

— Você não precisa se preocupar com nada, Lola. Não existe qualquer possibilidade de isso que temos acabar por conta dos desejos de meu pai ou Shayla. Somos pra sempre, entendeu?

Por mais que eu queira ficar tranquila com sua promessa, sei que não é tão fácil assim. Não estou duvidando do que temos, mas tenho medo de que isso não seja

o suficiente. Mas o medo de perder o homem da minha vida me dá forças para que eu lute, para que eu não ceda às expectativas e obrigações.

Num impulso, eu o empurro para que se deite de costas e monto sobre seu corpo. Estou nua em cima dele, mas isso não importa. Nada importa.

— Nem se você quisesse eu deixaria que saísse da minha vida. Você, Carrick, é meu. — Faço questão de mostrar com a minha boca o que essas palavras querem dizer.

Capítulo 25

Carrick

Entrar na casa do meu pai depois de ter passado a melhor semana da minha vida ao lado de Lola parece errado.

Esta é a casa onde todos os meus pesadelos acontecem. É aqui que fui mais infeliz, onde tive minha vida planejada e todas as minhas vontades foram retiradas de mim. Onde vi minha mãe minguar até não aguentar mais e acabar morrendo. Os médicos podem ter dito que foi um infarto fulminante, mas eu sei que ela morreu de tristeza. Pior ainda é trazer Lola novamente para cá.

Dessa vez, foi ela quem insistiu. Passamos uma manhã inteira na cama — rindo, nos amando e nos entregando a esse sentimento —, mas a tarde foi cheia de discussões. Eu não queria que ela viesse para esse maldito jantar, só que Lola estava irredutível. Tentei argumentar, explicar meus motivos para querer que ela ficasse afastada.

Esse mundo em que eu vivo é tóxico demais, enquanto ela é tudo que há de mais puro e belo. Não quero que se contamine nem que sofra por estar exposta a essa merda toda.

Lola não quis nem saber. Ela disse que iria junto comigo.

“Estamos juntos, não estamos?”, ela perguntou, usando nosso relacionamento como uma forma de chantagem.

Agora, estamos aqui, esperando que a porta seja aberta.

— Senhor Griffin — Oliver me saúda no instante em que me vê. Seu sorriso genuíno ainda presente em seu rosto.

— Olá, Oliver. Como você está nesta noite?

— Muito bem, senhor. Seu irmão chegou há pouco, não tem três minutos.

Eu me sinto aliviado ao ouvir que Fergus já está aqui. Vou precisar da ajuda dele caso precise tirar Lola desta casa antes que algo de terrível aconteça com ela.

— Muito obrigado por avisar. Você lembra da Lola?

— Senhorita, é um prazer revê-la. Posso pegar seus casacos?

E assim nós seguimos com o mesmo ritual que ocorre todos os sábados à noite.

Lola cumprimenta Oliver e o entrega seu casaco, revelando o vestido azul claro que está usando hoje. Além de me convencer a vir, ela também me obrigou a sair com ela para que pudesse comprar algo “decente” para usar — palavras dela.

Passei uma hora em uma loja, esperando que ela se decidisse entre todas as roupas que experimentou. Teria sido muito pior se ela não tivesse desfilado para mim com cada uma das peças que escolheu, inclusive uma lingerie bem indecente.

Foi um parto para que ela me deixasse pagar pelas compras. Ela só ia levar o vestido — alegando que era a única coisa que estava precisando no momento —, mas eu sabia que, na verdade, estava precisando de muito mais, já que saiu do Brasil trazendo apenas algumas peças de roupa que pertenciam à sua amiga.

No fim das contas, consegui o que queria e acabei comprando mais do que ela pediu, o que fez com que Lola ficasse irritada comigo, dizendo que eu não deveria ter feito aquilo.

O vestido que escolheu para hoje é de tirar o fôlego. Lola consegue ser elegante e sensual ao mesmo tempo, o que me deixa sem saber como me sentir. Na frente, ele é completamente fechado, mas atrás, deixa em evidência grande parte das suas costas. Dessa vez, ela optou por algo menos justo, mas o tecido é tão fino que não precisa estar colado ao corpo para mostrar as curvas que a minha mulher tem.

Ela anda na minha frente e eu preciso me controlar para não puxar aquela bunda redonda para mim. Respiro fundo e ordeno que meu corpo não reaja a ela e a seu andar sedutor.

No instante em que entramos na sala onde os convidados se reúnem, acabo tendo uma surpresa.

Não tem ninguém lá.

— Senhor Griffin — Oliver fala —, todos estão no salão de baile.

Arregalo os olhos com a notícia. Meu pai nunca serve seus jantares no salão de baile da mansão. Ele o reserva para ocasiões especiais.

A não ser que…

Esse não é um jantar normal de sábado, com alguns convidados.

Essa é uma festa para mais de duzentas pessoas. Todas bem vestidas, com taças de Champagne na mão e sorrisos falsos no rosto. É isso que constato no instante em que a porta dupla é aberta por um dos serventes.

Lola olha para mim sem saber o que está acontecendo, mas antes que eu consiga

dizer uma palavra sequer (mesmo que eu tivesse alguma em minha boca), Fergus aparece na nossa frente. Assim como nós, ele também parece bem confuso.

— Ainda bem que você chegou. Lola, queria dizer que é bom te ver, mas estaria mentindo. Ou melhor, é bom te ver, só seria melhor se as circunstâncias fossem outras — meu irmão fala rápido, se embaralhando com as palavras. Nunca vi Fergus tão fora de si, e o motivo para tal comportamento é o que me deixa ansioso.

Olho para os lados e noto que todos os convidados sorriem ao me ver, mas torcem o nariz para Lola, que parece indiferente ao que acontece ao nosso redor. Seu foco está todo em mim e em Fergus, que ainda não se recuperou.

— O que diabos está acontecendo aqui, Fergus? — pergunto, tentando diminuir a apreensão no tom que uso.

— É a Shayla… Cara, ela pirou e…

Mas antes que possa continuar com suas explicações, a mulher indesejada vem ao nosso encontro.

— Meu amor, você chegou. — Assim como fez na última vez que nos encontramos, ela se joga em cima de mim, ignorando a presença de Lola ao meu lado.

Só que dessa vez eu estou preparado, e quando ela tenta me puxar para um beijo, eu me afasto imediatamente, fazendo com que ela se desequilibre com a falta de apoio. Mas antes que ela chegue ao chão, Lola segura seu braço, oferecendo a Shayla o equilíbrio que ela precisava para se manter de pé.

— Para com a palhaçada, Shayla. Eu disse a você…

— Senhoras e senhores, o noivo chegou! — Escuto a voz de meu pai e viro-me para descobrir de onde vem.

Um palco improvisado foi colocado próximo à última parede da sala. Meu pai está lá, microfone na mão e seu olhar fixo em mim. Por mais que ele esteja sorrindo, sei que a última coisa que sente no momento é felicidade.

— Carrick e Shayla, nosso casal preferido, venham até o palco. — Todos os convidados aplaudem euforicamente, mas sinto a tensão percorrer o corpo de Lola, que olha para mim como se pedisse socorro.

— O que está acontecendo, Fergus? — pergunto mais uma vez para o meu irmão, que apenas faz um sinal negativo com a cabeça.

Logo, estou sendo empurrado para o palco, com uma Shayla sorridente ao meu lado. Ela pega a minha mão e me puxa no meio das pessoas, acenando para todos como se fosse a Miss Irlanda 2019.

Tento encontrar Lola, mas não consigo me virar. Também não vejo Fergus. Várias mãos me empurram e me impedem de voltar para o lado da minha mulher. Sinto alguns tapas no ombro, como se me cumprimentassem por algo que eu nem imagino ter feito.

Quando chego ao palco, as pessoas aplaudem com ainda mais força. Uns, inclusive, gritam “uhul” — o que, sinceramente, nunca esperei que acontecesse dentre os que estão presentes.

Meus pelos se arrepiam, mas, desta vez, a sensação é completamente diferente de quando Lola suga meu mamilo. Tem algo errado aqui; algo muito errado e tenho certeza de que irei odiar.

— Por favor, uma salva de palmas para os noivos! — meu pai grita, como se fosse um maldito mestre de cerimônias animando a plateia.

Todos intensificam os aplausos, menos Lola, que continua com uma expressão assustada de quem não está entendendo porra nenhuma do que se passa. Eu a encontro no meio das pessoas, parada ao lado de Fergus, e mantenho meu olhar fixo no dela. Preciso que ela veja o assombro em minha expressão, que entenda que eu não tenho nada a ver com essa loucura do meu pai.

Meus pensamentos são interrompidos quando sinto a mão de Shayla no meu peito, me acariciando como se eu fosse realmente seu noivo. Aos olhos de todos, eu até posso ser. Mas Shayla sabe muito bem que nada jamais irá acontecer entre nós. Só que, neste momento, ela parece ignorar completamente tudo que eu disse.

Tento me afastar de seu toque, mas ela não aceita muito bem minha recusa, porque faz de tudo para continuar mantendo a pose de *casal do ano*. As mãos dela sobre mim parecem erradas; são erradas. Ela não tem o direito de me tocar, de sentir meu coração acelerado, de entender o que se passa aqui dentro — tudo isso pertence a Lola.

— Quando eu os convidei para virem aqui hoje, já tinha recebido uma notícia maravilhosa da minha futura nora e simplesmente precisava compartilhá-la com todos. Mas então eu pensei, por que parar por aí? — Todos riem da forma carismática que meu pai fala. Todos, menos eu. Olho para Fergus e Lola e suas expressões são iguais à minha. — Por isso, temos uma surpresa mais do que especial a todos. Hoje não é apenas uma festa. Hoje é muito mais do que isso.

Meu pai bate palma duas vezes, como se estivesse dando início a alguma coisa. É então que todo o ar me falta e meus joelhos ameaçam parar de funcionar. Pela mesma escada que usei há pouco para chegar até o palco, um padre sobe em nossa direção.

Vejo a movimentação com o canto do meu olho e noto que dois homens carregam um pequeno altar para cá.

Os convidados arfam com a surpresa.

— Senhoras e senhores, hoje é o dia de presenciarem o casamento mais esperado do ano! — Enquanto todos aplaudem euforicamente, animadíssimos com o que acabaram de descobrir, eu sinto meu coração acelerar de tal forma que penso por um momento que ele vai pular pra fora do meu peito.

Dou um passo para trás, olhos arregalados e punhos cerrados, não acreditando que acabei de ser encurralado desta forma.

Shayla, vendo minha revolta, apenas me oferece um sorriso do tipo que diz “eu te avisei”. Mas antes que eu possa fazer qualquer outra coisa, meu pai fala novamente:

— Mas essa não é a nossa única boa notícia. Shayla… — Ele oferece o microfone para a víbora à minha frente.

— Carrick, meu amor… Eu estou grávida!

Eu sei que as pessoas na sala estão fora de controle de tanta animação, mas meus ouvidos parecem ter parado de registrar qualquer outra coisa depois de terem escutado a única frase que não faz o menor sentido.

Meu minuto de choque é suficiente para que ela venha até mim e cole seus lábios nos meus. Mas é esse gesto que faz com que eu saia do estado hipnótico e tome consciência do que está acontecendo.

— Padre, por favor. — Meu pai indica o altar, ainda sob a comemoração das pessoas no salão.

Olho para onde Lola deveria estar, mas não a encontro. Apenas Fergus está lá, olhando para mim com tanto medo que posso sentir daqui sua aflição.

Dessa vez, meu coração acelera por um motivo diferente. Estou a algumas batidas de distância de um ataque cardíaco, porque se Lola acreditou em alguma coisa que aconteceu aqui, então tudo entre nós pode estar acabado.

Neste momento, tenho duas opções. A primeira é correr atrás da mulher que eu amo e explicar a ela que tudo não passa de uma tremenda armação e a segunda é resolver essa merda de uma vez por todas.

O terremoto de emoções que sou no momento não me permite simplesmente sair daqui e deixar que as coisas fiquem como antes. Não posso ir atrás de Lola agora. Da próxima vez que estivermos juntos, não haverá mais nada em nosso caminho.

Todo o respeito que tinha por meu pai — mesmo que mínimo —, pelo nome da

minha família e por Shayla se desfaz, me impulsionando a tomar medidas drásticas.

— Padre, por favor — repito as palavras de meu pai, fazendo com que o senhor grisalho olhe para mim.

Toda a apreensão de antes evaporou junto com a última gota de sanidade que me mantinha afastado de um possível escândalo envolvendo o sobrenome Griffin.

Eles foram longe demais e precisam arcar com as consequências de seus atos.

— Se vocês acham que hoje é o dia do meu casamento… — a "plateia" (porque foi nisso que todas essas pessoas se tornaram ao virem presenciar o show de meu pai) começa a vibrar, mesmo sem saber quais serão minhas próximas palavras — …vocês se enganaram. Na verdade, foram enganados.

Eles se entreolham, curiosos, e sinto meu pai vir em minha direção. Mas antes que ele consiga interromper meu discurso, eu me viro para Shayla.

— Eu avisei que seria mais fácil para você se cancelasse tudo. Juro que não queria te fazer passar por esse escândalo, mas eu. Não. Vou. Me. Casar. Com. Você — digo entredentes, pontuando cada uma das palavras para que não haja dúvidas.

— Carrick, cala a boca. — É a vez de meu pai interromper, me puxando pelo ombro para que eu me vire para ele.

— Chega, Dailey. Chega! Minha resposta é não. Não pra você. Não pra essa farsa de noivado. Não para esse título de herdeiro de um império. Não pra essa gravidez inexistente. Não pra tudo. Eu não vou mais ser uma marionete presa às suas cordas.

Meu pai está incrédulo e, ao mesmo tempo, irado. Seus olhos frios me encaram, assim como sua boca se contorce com o desgosto. Mas se ele está se sentindo assim, o problema é dele. Eu estou me sentindo muito pior. Há meses. Anos. Décadas. Não posso aguentar essa palhaçada por nem mais um segundo sequer.

— Shayla não está grávida — digo para as pessoas no salão, que observam cada movimento nosso como se fôssemos animais raros recém-chegados ao zoológico. — É impossível ela estar esperando um filho meu, sendo que jamais tivemos relações sexuais. — Um coro de "aaahhhh" e "oooohhh" segue meu discurso.

— Isso é mentira! Você está rejeitando seu filho, seu sangue! — Shayla grita, puxando meu braço. — Como você é capaz de fazer isso?!

Lágrimas falsas enchem seus olhos e eu só penso em parabenizá-la por esta tremenda atuação. Se ela não fosse uma filha da puta focada em destruir minha felicidade, seria uma excelente atriz. Digna de Hollywood.

— Diga o que quiser, pense o que quiser, espalhe as mentiras que quiser, Shayla. Você não é minha noiva, nunca será minha esposa e jamais terá um filho meu.

Escuto as pessoas arfarem com minha explosão de realidade, mas não paro para olhar. Não quero saber quem está presenciando a cena. Fodam-se eles. Foda-se o mundo.

— Carrick Griffin, muito cuidado com suas próximas palavras. — A voz de meu pai sai ameaçadora, mas, milagrosamente, não tenho mais medo dele ou de suas ameaças. Passei do ponto de me importar com o que ele pode causar à minha vida.

Desde que minha mãe morreu, nada mais me prende a ele ou a essa vida imposta. Não mais. Não quando Lola virou o centro do meu universo e me fez enxergar que eu merecia muito mais do que estava sendo ditado para mim.

— Ou o quê? Ou você me corta da herança? — debocho e não consigo mais conter a risada. Isso tudo é uma palhaçada. — Quer fazer isso? À vontade. Não farei nada para tentar mudar sua mente pequena.

Ele se choca com as minhas palavras, mas logo se recupera e dá dois passos na minha direção.

— Eu te criei para ser melhor do que isso. Te criei para ser um Griffin, não um moleque de merda que só pensa no próprio pau. Você tem responsabilidades com sua família, Carrick, e irá cumprir com cada uma delas. — Seu tom sempre controlado não está mais presente. Ele saiu do prédio no instante em que Dailey percebeu que não iria ser o vencedor desse jogo.

— Não. Você me criou para ser igual a você. E isso, *papai*, é a última coisa que quero na vida. Jamais serei um homem sem escrúpulos como você.

Se meus reflexos não fossem bons, não teria conseguido escapar do soco que meu pai tenta me dar. Mas consigo ser mais rápido do que ele. Antes que seu punho atinja meu rosto, o meu se conecta com o maxilar do homem que sempre tentou moldar minha vida, pouco se importando para a minha felicidade.

Dailey Griffin vai ao chão com o impacto que eu o atingi.

Ver meu pai assim deveria me causar revolta, mas tudo que sinto no momento é alívio.

Sob centenas de olhares, desço do palco, deixando todo esse drama para trás. Deixando toda uma vida para trás. Caminho até a porta, passando por Fergus no caminho e trocando um olhar significativo com ele, e rumo em direção ao meu futuro.

Preciso encontrar Lola.

Capítulo 26

Lola

Abro os olhos e sinto uma pontada, fazendo com que eu solte um grunhido de dor. A luminosidade é grande demais para que eu consiga enxergar com clareza o local onde estou.

A última coisa que me lembro é de ouvir Shayla dizer que estava grávida de Carrick, e só de pensar nisso meu estômago se revolta e eu sinto vontade de vomitar. Mas talvez não seja apenas por isso que esteja passando tão mal.

Uma dor de cabeça intensa me impede de pensar direito. Meu corpo está mole, sem forças.

O que aconteceu comigo?

Tento retomar minha memória.

Mantenho os olhos fechados e busco reproduzir a cena na minha cabeça.

Dailey Griffin anuncia o casamento e Shayla, a gravidez. As pessoas parecem enlouquecidas com a notícia. Eu não sei o que está acontecendo, mas isso só pode ser uma brincadeira de muito mau gosto.

Quando Fergus, que se manteve ao meu lado por todo esse tempo, segura minha mão, ele pode sentir o gelo que me corrói por dentro. Olho para ele, que retribui minha expressão de pânico.

— O que está acontecendo? — pergunto, precisando ouvir dele algum comentário sarcástico e otimista.

— Eu não sei, Lola. Mas de uma coisa tenho certeza: meu pai foi longe demais.

Meu corpo inteiro se revolta com a ideia de Shayla estar realmente esperando um filho do homem que eu amo, porque isso significaria apenas uma coisa: Carrick mentiu para mim durante todo esse tempo.

Quando Fergus nota minha agitação, ele se coloca à minha frente, ambas as mãos nos meus ombros, e fixa seus olhos azuis — iguais aos do homem que eu amo e que, agora, está prestes a se casar com outra mulher na minha presença — em mim.

— Fica calma e, pelo amor de Lúcifer, não piore as coisas.

Meu corpo inteiro treme com a possibilidade de Carrick ficar ali em cima e aceitar o que seu pai preparou para ele.

Medo.

Pânico.

Raiva.

Mais medo.

Mais pânico.

Mais raiva.

É um ciclo vicioso, um looping de emoções fortes demais para serem simplesmente controladas. Entrego minha bolsa de mão a Fergus, sem condições de carregar qualquer coisa comigo. Mal consigo me manter em pé. Se eu não sair daqui agora, vou sucumbir ao terror que insiste em tomar conta de mim.

É com essa sensação que eu finalmente consigo abrir os olhos. Meu coração parece lutar para sair do peito e o suor banha meu corpo.

— Carrick… — sussurro o nome do homem que mudou minha vida quando me beijou pela primeira vez, tentando me sentir mais próxima dele, mesmo que com apenas essa palavra.

Será que ele se casou? Onde ele está? E, principalmente, por que não consigo me lembrar de nada além do ar gélido que respirei assim que pus os pés do lado de fora da casa de Dailey Griffin?

Nada.

Não me lembro de nada. Não sei que dia é hoje nem onde estou no momento.

Olho para os lados, assustada até o último fio de cabelo, e tento encontrar alguma coisa que me dê alguma pista para que possa me localizar.

Mas acaba que não preciso me esforçar muito para descobrir que estou… em casa.

Não na casa que gostaria de estar — o apartamento de Carrick em Dublin, onde fomos felizes por uma semana, mas na casa de onde fugi quando achei que tudo estivesse perdido.

Este não é o quarto onde dormi durante toda a minha vida. Embaixo de mim, não tem um colchão macio e um travesseiro de pena de ganso. Estou no chão, deitada em um tapete vermelho, no escritório do meu pai.

Tento me levantar, mas ainda estou muito fraca. Minhas pernas não parecem aceitar os comandos que meu cérebro envia — apesar de eu conseguir senti-las muito bem. Minha respiração acelera só de pensar no que pode ter acontecido

nas últimas horas (ou dias, como vou saber?).

A janela está aberta e o sol do verão carioca entra com toda a força. Normalmente, a cortina escura impede a sala de ficar tão clara, mas acho que não foi a intenção de ninguém deixar as coisas mais fáceis para mim.

Decidida a sair daqui, respiro fundo e uso toda a força que resta no meu corpo, mas o máximo que consigo é me arrastar até a parede mais próxima, onde apoio as costas para permanecer sentada.

Será que tudo isso não passou de um sonho? Que bebi demais na véspera do meu casamento e acabei caindo bêbada aqui, onde sonhei todos os acontecimentos da última semana?

Não, não é possível. Carrick não foi apenas fruto da minha imaginação. O que vivemos, por mais maravilhoso que tenha sido, não pode ser considerado só uma fantasia.

O modo como ele me olhava, me abraçava e sussurrava coisas doces e sujas no meu ouvido não foi um sonho. Não pode ter sido.

— Ele é real. O que nós vivemos foi real — digo para mim mesma, impedindo meu maldito cérebro de sequer cogitar algo diferente.

A sensação de desespero começa a me assolar de novo, mas antes que eu consiga ter um ataque cardíaco, a porta se abre de uma vez, fazendo com que eu envelheça uns dez anos de tanto susto.

— Até que enfim você acordou… — meu pai diz, olhando para mim com tanto descaso que chego a estremecer.

— O que eu estou fazendo aqui? — pergunto e sinto minha boca seca. Parece que comi um punhado de areia. Minha garganta grita por água, mas jamais pedirei alguma coisa a ele.

— Olha, olha, filhinha… Você finalmente está em casa. — Ele abre os braços como se fosse um anfitrião dando boas-vindas aos convidados.

Continuo sem entender o que está acontecendo. Eu estava em Dublin e, agora, estou… aqui. No Rio de Janeiro.

— Você me drogou… — a conclusão escapa da minha boca antes de eu conseguir racionalizar o que estou dizendo.

— É claro que não, meu anjo! Eu sou seu pai, jamais faria algo assim com você. — Sua falsa indignação me causa repulsa, mas tento não demonstrar o que se passa na minha cabeça no momento. A última coisa que quero é que o Doutor Fernando tenha mais munição contra mim.

— Onde está minha mãe? — exijo saber.

— Passando o fim de semana em Teresópolis com algumas amigas. Só volta na terça-feira — ele explica com um sorriso conspiratório no rosto. Em seguida, solta o ar em alívio. — Uma pena… Ela estava morrendo de saudade. Você quase nos matou de preocupação, filha.

O ato de pai amoroso e preocupado não me convence nem um pouco. Eu o conheço muito bem para saber exatamente quando está sendo sincero ou não — e, neste caso, *sincero* é o último adjetivo que usaria para descrevê-lo.

Olho para os lados, tentando buscar alguma coisa que possa me dar esperanças de que tudo vai ficar bem. É claro que não encontro nada, apenas mais motivos para me apavorar, porque, de repente, outra pessoa entra na sala: Walter Magalhães, o homem com quem deveria ter me casado.

A vontade que sinto agora é de gritar. O que será que esses dois vão fazer comigo?

— Olá, Lola. Senti sua falta no nosso casamento — ele diz, me olhando com escárnio.

Não respondo. As palavras sumiram da minha boca e meu cérebro está trabalhando em ritmo acelerado para poder juntar todas as peças desse quebra-cabeça.

— Alguém virá te ajudar a se preparar para a cerimônia. A princípio, ela será feita aqui em casa. Mas fica tranquila que vai dar tudo certo.

Os dois sorriem para mim antes de me deixarem sozinha novamente.

Fiquei sem explicações… sem saber o que aconteceu nem o que vai acontecer. Minhas pernas continuam fracas, mas agora acho que a fraqueza é decorrente da palavra cerimônia.

— Ai, meu deus… — sussurro para mim mesma, colocando a mão sobre a boca para tampar o grito de horror que tenta sair de dentro de mim.

Meu pai me trouxe de volta pra casa e vai me forçar a casar com Walter Magalhães. Dessa vez, não terei escolha. Apenas nós estaremos aqui. Até minha mãe ele mandou embora. Não tenho ninguém para me ajudar a fugir do meu futuro.

Capítulo 27

Carrick

Quando eu saio da casa do meu pai, o primeiro lugar que vou é para a *nossa* casa — minha e de Lola. Mas ela não está lá, e, de acordo com o porteiro, a última vez que ele a viu foi quando saímos juntos para a festa.

Então, vou correndo para o segundo lugar em que sei que ela iria: o Temple Bar. Foi lá que nos conhecemos, lá que nos reencontramos. O bar mais turístico de Dublin tem um pouco da nossa história.

Mas o pânico me toma quando vejo que ela também não está lá. Pergunto aos amigos de Fergus, mas ninguém a viu.

Em seguida, vou para o rio Liffey. De repente, ela está apreciando a vista.

Não.

O pequeno restaurante perto de casa onde tomamos um chá da tarde na terça-feira.

Não.

A loja onde ela fez um desfile de lingerie para mim.

Não. Inclusive, estava fechada.

Meu coração bate descompassado, o pânico toma conta de mim.

Será que ela acreditou nas palavras de Shayla? Será que ela realmente acha que menti para ela?

Mas antes de pensar em qualquer outra coisa, meu celular toca no bolso do terno que estou usando.

O nome de Fergus brilha na tela e dou graças a deus que é ele quem está me ligando agora.

— Car… A Lola… — Sinto o desespero em sua voz.

— Onde ela está, Fergus? Para onde ela foi? — A minha urgência é nítida no modo como faço as perguntas. Ando de um lado para o outro na rua, como se procurasse por um caminho a seguir. Mas o único caminho que preciso é o que me levará direto a ela.

— Em primeiro lugar, eu preciso que você fique calmo — ele diz, mas seu tom não condiz com as palavras que saem da sua boca, porque Fergus pode estar qualquer coisa neste momento, mas calmo com certeza não é uma delas.

O modo trêmulo como fala me deixa ainda mais ansioso do que estou.

— Fala logo, Fergus. Onde está minha mulher?

Não tenho tempo para ficar calmo, muito menos para esperar que Fergus ache que estou em condições de ouvir o que porra aconteceu com Lola.

— Eles a levaram, Car… Alguém colocou Lola em um carro e saiu voando da mansão.

— Quê?! Como você sabe disso? Quem a levou? — Enquanto falo, caminho na direção do meu carro, pronto para ir até o último nível do inferno se isso significar encontrar o amor da minha vida.

Não consigo descrever como me sinto ao ouvir a frase de Fergus. Em pânico? À beira de um colapso? Nada parece suficientemente forte para chegar aos pés do sentimento assolador que me invade.

Mas essa não é a hora de fraquejar.

— Logo depois que você saiu, eu fui atrás. Não queria ficar e ver o espetáculo que acontecia enquanto você marchava para fora daquela casa desgraçada. Mas quando cheguei à porta, Oliver veio correndo em minha direção. Olhos arregalados, boca escancarada e tremendo da cabeça aos pés.

Eu posso imaginar a cena em minha mente. De todas as pessoas que trabalham para o meu pai, posso dizer com toda certeza que Oliver é o que tem mais… alma. Ele genuinamente gosta de mim e de Fergus. Desde que éramos crianças, ele dava um jeito de nos ajudar a escapar das merdas que fazíamos.

— E o que ele disse, Fergus? — Destranco a porta do carro com o alarme na chave e começo a dirigir. Para onde, eu não faço a menor ideia. Mas não posso ficar parado. Não até ter Lola em meus braços novamente.

— Oliver viu tudo, Car. Ele viu quando um homem chegou por trás de Lola e colocou um pano sobre sua boca e nariz. Viu quando ela ficou inconsciente. Viu quando ele e seus comparsas enfiaram nossa brasileira no banco de trás de um carro e saíram de lá cantando pneu.

A descoberta faz com que eu precise parar o carro. Tudo em mim se revolta com o mero pensamento do que pode estar acontecendo a ela neste momento.

Minha Lola…

Meu amor…

Minha vida…

Solto o celular no banco do carona e deixo que a raiva me tome. Esmurro o volante e grito até não ter mais forças no meu corpo. Um milhão de hipóteses se conjuram na minha mente; uma mais revoltante que a outra.

Bem longe, escuto meu irmão gritando meu nome, mas preciso de um minuto até conseguir me controlar minimamente para poder falar com ele. Quando pego o telefone, escuto seu desespero.

— Carrick! Porra, Carrick. Fala comigo.

— Estou aqui. Nós precisamos agir rápido, Fergus, antes que seja tarde demais — declaro. Meu tom agora mais tranquilo e o oposto do que acontece dentro de mim.

— Ok… Ok…

— Peça a Oliver as imagens da câmera de segurança. Em segredo. Depois, me encontre na delegacia. — É quase uma ordem, mas não preciso pedir duas vezes. Sei que meu irmão não irá hesitar em me ajudar.

— Você vai à polícia? — ele quer saber.

— Vou. Do que adianta ser um Griffin se não puder usar minha influência para alguma coisa? Eu vou até o presidente se for preciso.



Duas, três, quatro horas se passam até eu ter alguma resposta mais concreta do que diabos aconteceu à mulher da minha vida. São as piores quatro horas da minha vida.

Eu sofreria aquele tempo que fiquei longe de Lola mais cem vezes se isso fizesse com que ela não passasse por nada isso.

— Senhor Griffin — o chefe da Garda Siochána, a polícia irlandesa, me chama e eu me levanto da cadeira em um supetão.

— Rowan, alguma notícia?

— Pedimos alguns favores aos nossos colegas do SDU e eles finalmente trouxeram informações. De acordo com eles, sua namorada foi levada até um aeroporto particular, onde embarcou em um jato para o Brasil.

— Filho da puta! — Dou um soco na mesa do policial e acabo derrubando uma caneca de café, ensopando alguns papeis. No momento, estou pouco me fodendo.

— Sabemos que sua namorada é brasileira, senhor Griffin, mas este não é o principal problema.

— E qual seria ele?

— Um dos caminhos mais fáceis a seguir até encontrarmos o culpado é se formos atrás do dinheiro — ele diz. — Meu amigo da SDU — ele diz, se referindo à divisão especial de detetives e um setor específico da Garda — fez isso, e o senhor não vai gostar nem um pouco do resultado da pesquisa.

Eu me preparo para receber o nome do responsável pelo sequestro de Lola, mas, no fundo, eu já sei quem é. Faço um sinal com a cabeça, indicando que Rowan me diga de uma vez o nome do desgraçado que já tem uma lápide pronta para ele no cemitério.

— O mandante do sequestro é Dailey Griffin, seu pai.



As horas seguintes se passam como um borrão. A Garda está do meu lado, mas se tratando de uma questão internacional, a burocracia é muito mais complexa do que acontece normalmente.

Só que eles não entendem que tudo que eu preciso é saber se a minha mulher está bem.

É por isso que, em vez de estar na delegacia com eles, eu estou dentro de um avião, sentado na poltrona cor de creme da primeira classe e tentando engolir o líquido transparente no meu copo, que definitivamente não é água.

Olho para o lado e vejo Fergus dormindo. No instante que avisei que viria para o Brasil em busca de Lola, meu irmão disse que não aceitaria ser deixado para trás. Ele não pensou duas vezes antes de se juntar a mim e entramos no primeiro voo que conseguimos.

Essa espera está me matando. Ficar horas e mais horas em um voo não está ajudando em nada a apaziguar a ansiedade que me consome. Estou nervoso, agitado, tamborilando os dedos no copo de vidro enquanto o tempo passa e o avião me leva para mais perto de Lola.

Quando a angústia está beirando o descontrole, meu celular vibra no meu bolso. Pego o aparelho e vejo um número desconhecido piscando na tela. Mas de uma coisa eu tenho certeza: é uma ligação internacional.

Não faço ideia de qual possa ser o prefixo do Brasil, mas não hesito em atender, na esperança de que seja alguma coisa relacionada à Lola.

— Carrick Griffin — a voz feminina do outro lado chama meu nome antes mesmo que eu possa dizer alô.

— Sou eu. Com quem eu falo? — exijo saber.

— Sou Ana Lombardi, a melhor amiga da Lola. — Meu coração dá um triplo

mortal dentro do meu peito. Aperto o copo na minha mão com força, e é tudo que posso fazer para não me levantar do assento.

— Ana… Onde ela está? — Minha pergunta sai desesperada.

— Em casa… Eu não sei exatamente o que aconteceu, Carrick…

— Me conta tudo — peço.

Ana começa a narrar a história. De acordo com ela, seu pai e o de Lola são amigos há anos. Ela ouviu uma conversa entre os dois por acaso, e o tal Fernando disse que Lola estava em casa. Quando o pai de Ana perguntou o que aconteceu, o maldito explicou que havia descoberto que a filha estava envolvida comigo — tudo por causa daquela foto que saiu na capa do jornal — e entrou em contato com o meu pai.

A amiga de Lola ouviu boa parte da conversa em que Fernando admitiu ter feito um pacto com o meu pai, dizendo que a manteria longe de mim caso ele a retornasse para o Brasil.

Os pormenores da situação, ela não descobriu, mas essa informação já esclarece muito.

— Como você conseguiu meu número? — pergunto.

— Eu tinha o número da Lola. Liguei para ela, queria saber se estava bem. Mas quem atendeu foi um senhor. Oliver, eu acho. Pelo visto, ela esqueceu a bolsas em algum lugar antes de ser sequestrada.

Graças a deus pelos pequenos milagres. Pelo menos assim, temos base para continuar com o plano de trazê-la de volta. Melhor ainda, tenho um endereço. Assim que desligar a ligação com Ana, ligarei para Rowan e contarei tudo para que ele comece a tomar as providências necessárias.

— Obrigado, Ana. Eu estou sobrevoando o Atlântico neste exato minuto.

— Eu sei que é impossível, mas venha rápido. De acordo com Fernando, ela se casa amanhã com o crápula de quem fugiu semana passada.

Eu poderia ficar sem palavras. Poderia chutar o assento na frente do meu ou arremessar o copo de vidro contra a janela do avião. Mas ao invés de fazer isso, eu solto uma gargalhada sombria.

— Se ele acha que pode tirá-la de mim, está muito enganado. Lola é minha. — Meu tom é baixo, ameaçador.

Está pra nascer o homem que vai conseguir me manter longe do amor da minha vida.

Capítulo 28

Lola

Minhas mãos tremem — e agora não é por causa do efeito das drogas que me mantiveram desacordada por quase um dia inteiro. Dois homens estão dentro do quarto onde me arrumo para o meu casamento.

Nada como coagir uma mulher a se casar com um par de lutadores de MMA (ou, pelo menos, é o que parecem) armados. Eles sequer desviam o olhar quando a mulher que está comigo me ajuda a entrar no vestido. Um vestido enorme, com uma saia cheia e tomara que caia. Muitos brilhos, rendas e glamour. Tudo para um casamento forçado na sala do apartamento do meu pai.

Eles olham para mim com uma mistura de desejo por eu estar pelada e vontade que eu me rebele para que possam me machucar. Porque as instruções foram claras: se ela tentar fugir, façam o que for necessário para ela ficar.

Eu nunca pensei que um contrato fosse suficiente para tamanha loucura. Mas, sinceramente, acho que o que está em jogo é o ego de Walter Magalhães e a "honra" de Fernando Fernandes. Não que meu pai tenha qualquer honra, mas deve ser essa a desculpa que está usando para justificar suas ações.

A mulher — cujo nome não fiz questão de descobrir — aplica minha maquiagem com cuidado, mas as lágrimas que escorrem de meus olhos a impedem de fazer um trabalho decente.

— Shhh, vai ficar tudo bem — ela sussurra para mim e posso sentir sua aflição. Assim como eu, ela não está aqui porque quer. É apenas mais uma refém dos planos doentios dos outros homens que estão na casa.

Mas suas palavras são vazias, mentirosas… Ela sabe que nada vai ficar bem.

Por um segundo, penso em deixar que os lutadores de MMA tenham algo com o que se preocupar. De repente se eu tentasse fugir… Meu fim seria o mesmo, muito provavelmente.

Mas algo dentro de mim grita para que eu não desista ainda. Que preciso manter a esperança viva.

Fecho os olhos para que a mulher possa passar a sombra, mas, na verdade,

preciso ter a imagem de Carrick para conseguir suportar essa angústia devastadora.

O lindo rosto dele aparece para mim. Seus cabelos castanhos e sedosos, pelos quais amo passar meus dedos enquanto estamos abraçados na cama. Seus olhos muito azuis, que parecem enxergar cada pedacinho da minha alma. Seu sorriso relutante, que não aparece para qualquer um, mas que sempre está presente quando estamos juntos.

Nossos beijos, abraços, carícias.

Seu gosto, seu cheiro, seu toque.

Eu não sei o que farei se tiver que viver mais um dia sem ele ao meu lado. Eu não sei mesmo.

Como é possível se apaixonar tão completamente por uma pessoa, a ponto de ser capaz de ignorar o resto do mundo?

Porque é isso que acontece quando estou com Carrick: o mundo deixa de existir e, em seu lugar, restamos apenas nós. Nós e nosso amor. Nós e nosso beijo. Nós e o sonho de que, um dia, seremos felizes juntos.

O corpete do vestido aperta meu peito, me sufocando. Eu preciso respirar de novo, e só conseguirei fazer isso quando Carrick estiver ao meu lado mais uma vez.

As lágrimas agora descem como uma cachoeira. O fluxo é intenso, desesperado.

Nada mais é capaz de me tranquilizar.

Saber que Carrick está em algum lugar do mundo e não poder estar ao lado dele é pior do que sentir uma faca perfurar meu peito.

— Carrick, eu preciso de você — sussurro para mim mesma, pedindo com todo meu coração que o universo escute minha súplica.

De repente, a porta se abre e penso que pode ser Carrick vindo me resgatar. Mas meu coração despenca quando descubro que não é ele quem está procurando por mim, e sim meu pai.

Ele me olha de cima a baixo, como se precisasse ter certeza de que sou eu e que estou pronta para o que vai acontecer em seguida. Quando dá um aceno de aprovação, sei que a hora chegou.

As lágrimas continuam escorrendo e não tento mais contê-las. Se ele quer que eu me case, então terá que ser desse jeito. Não vou buscar esconder minha profunda tristeza.

Que todos eles vejam o que estão fazendo e se lembrem de que me forçaram a encarar esse destino maldito.

Meu pai coloca meu braço no seu, levando-me em direção à sala.

Que irônico…

A maioria das garotas da minha idade sonha com esse momento. A marcha nupcial ao fundo enquanto seu pai a leva para o altar, onde o homem com quem você passará toda a sua vida está te esperando, com um sorriso no rosto e o coração cheio de promessas.

Não vou dizer que sempre tive esse sonho. Casamento, amor, filhos… Tudo isso carrega o peso do "para sempre", e eu preferia não refletir sobre o assunto. A garota dentro de mim pensava apenas no agora, ou então num futuro próximo.

Até Carrick…

Com ele, o temido *para sempre* não é suficiente. Posso passar a vida inteira ao lado dele e tenho certeza de que não será o bastante para que eu me sinta satisfeita. Não apenas pelo homem maravilhoso que ele é, mas principalmente pela maneira com que ele faz com que eu me sinta. Ao lado de Carrick, eu sou completa. Feliz. Tranquila. Sou uma mulher que sabe o que quer, que não tem medo de desejar. Eu me entrego a ele da mesma forma que ele se entrega a mim. É tudo tão intenso — sempre foi, desde a primeira vez que cruzamos nossos olhares — que não faço ideia de como serei capaz de viver com menos do que tudo.

Porque é isso que Carrick representa para mim: tudo.

Não adianta nada ele ser meu se eu não for dele em troca. Meu corpo, minha mente, minha alma e, em especial, meu coração. É tudo dele e jamais alguém conseguirá arrancar esse amor de dentro de mim.

A esta hora, ele pode estar casado com Shayla. Em alguns minutos, estarei casada com Walter. Não sei se um dia nos veremos novamente, mas nada disso importa. Ou melhor, nada disso é capaz de mudar um mínimo detalhe do que pulsa dentro de mim, sempre chamando seu nome.

Carrick.

Carrick.

Carrick.

É com esse pensamento em mente que sou guiada para a parede oposta da sala da casa de meu pai, onde Walter Magalhães espera por mim. Ao lado esquerdo dele, um outro homem de terno nos aguarda. A única outra pessoa na sala é a mulher que me ajudava a me vestir. Sei que o capanga um e o capanga dois estão em algum lugar — provavelmente bloqueando a saída —, mas não me dou ao trabalho de procurar por eles.

A cada passo que dou em direção ao meu futuro, mais lágrimas escorrem por meu rosto maquiado. A cada passo que dou em direção ao meu futuro, mais o amor que sinto por Carrick reverbera dentro de mim.

A caminhada parece não ter fim — não quero que tenha fim —, mas, em algum momento, sou colocada de frente para Walter, que me oferece um sorriso malicioso. Ele olha para mim de cima a baixo, passando a língua pelos lábios como se insinuasse que tem toda a intenção de me devorar em breve.

Neste instante, em vez de me acovardar e começar a tremer, uma decisão resoluta brota em mim — e eu também rio para ele. Se o sorriso de Walter é malicioso, então o meu só pode ser definido como perverso. Há poucos minutos, eu estava em pânico. Agora, estou decidida a não cair sem antes brigar.

Walter percebe a mudança no meu olhar.

Nem escuto as palavras que o juiz — ou seja lá quem meu carrasco for — usa para nos casar. Mas uma parte é clara para mim:

— Você, Lola Fernandes, aceita este homem como seu legítimo esposo?

— Eu não tenho escolha, certo? Porque se eu tivesse, diria que não. Que não me casaria com esse verme nem que fosse o último ser desta merda de mundo. Mas sei que o que eu digo agora não está sendo levado em consideração. — Minhas palavras de repúdio saem altas e firmes.

Walter empalidece com elas, engolindo em seco. Mas ele não vai desistir. Claro que não…

Nem me preocupo em ver a expressão que meu pai usa no momento. Dane-se ele. Se não está feliz com a minha resposta, então deveria ter pensado algumas vezes antes de me condenar a uma vida de tristeza e mágoa.

— Excelente! — o carrasco diz, fazendo como achei que faria e ignora toda e qualquer coisa que eu possa ter dito.

Mas Walter entendeu o recado: eu não sou uma presa fácil.

— Walter Magalhães, você aceita… — ele continua falando, mas isolo o som. Tudo que eu escuto são as batidas frenéticas dentro do meu peito.

Isso está realmente acontecendo.

No instante em que o maldito tenta alcançar minha mão para colocar a aliança em meu dedo, parece que o inferno vem à terra. Não consigo entender muito bem o que está acontecendo, mas vejo dezenas de policiais invadindo o apartamento — um atrás do outro, todos com armas em punhos e gritando coisas que não consigo entender.

Tento sair do meio do caos, só que Walter me puxa pelo braço, me forçando a ir

com ele. Mas, felizmente, não vamos longe, porque a massa de policiais aponta as armas para o homem que estava prestes a destruir minha vida. Antes que ele consiga me fazer de refém, forço meu braço para sair de seu aperto e corro para a direção da porta.

Vozes altas, pessoas sendo algemadas, comparsa um e comparsa dois desarmados: tudo isso para de ser registrado no instante em que vejo Carrick à minha frente — e é como se a bolha que sempre nos envolve quando estamos juntos começasse a se erguer ao nosso redor.

Os sons se encerram, o medo vai embora.

Ele está aqui.

Carrick veio por mim.

Capítulo 29

Carrick

— Eu acho que estou bêbada — Ana diz, sorrindo para mim e para Lola.

— Mas você nem bebeu! — minha mulher exclama, deitada na cama do hospital.

O dia de hoje foi intenso demais, e fiz questão de que Lola viesse ser atendida pelo melhor médico da cidade. Nem sei qual sua especialização, mas isso é irrelevante.

Assim que consegui tirar Lola do meio do caos de policiais, a primeira coisa que exigi foi que ela viesse para cá. Precisava ter certeza de que meu amor estava bem. Pelo menos fisicamente. Faz horas que estamos no hospital, onde insisti para que fizessem todos os testes possíveis e imagináveis nela.

Lola não aguentava mais tanto exame quando Ana irrompeu pela porta do quarto privativo, pedindo que se afastassem da amiga dela e a deixassem respirar.

Em seguida, Fergus entrou também, e agora estamos aqui.

— É claro que eu não bebi e não é por isso que estou bêbada — Ana fala, jogando o cabelo para trás. — Estou bêbada de tanta beleza vindo desse delicioso espécime irlandês.

Seu olhar está fixo em Fergus, que arregala os olhos com a resposta cândida da morena.

— Como é?

— Ah, até parece que você não tem espelho em casa. — A resposta pega todo mundo de surpresa e preciso me controlar para não gargalhar. Eu olho para Lola, que está tão embasbacada quanto eu. — Não cansa, ser tão bonito assim? Daqui a pouco, vai me dizer que, além disso tudo — ela aponta para o corpo do meu irmão, que está completamente chocado —, você também carrega um pacote enorme dentro da calça.

Ninguém responde.

Pela primeira vez na vida, alguém deixou Fergus sem palavras.

Não consigo mais segurar e começo a rir alto. Lola se junta a mim, enquanto meu irmão continua sem reação.

— Essa vida é muito injusta mesmo. — Ana joga as mãos para o alto, como se desistisse de tentar entender algum dilema.

Mas antes que algum de nós consiga interromper a diarreia verbal de Ana, a porta é novamente aberta e, por ela, o médico entra.

Felizmente, ele fala inglês, o que facilitou bastante a minha vida.

— Aqui estão seus papeis, Lola. Você já pode ir pra casa — ele diz e me estende uma folha branca, com muitas coisas escritas. Porém, não consigo entender uma palavra sequer.

— E ela está bem, doutor? — pergunto pela milionésima vez no dia e ele, como em todas as outras, me oferece um sorriso, tentando me reassegurar de que não tem nada de errado com ela.

— A saúde dela está perfeita — o médico afirma. — Fiquem tranquilos que ela está cem por cento.

O doutor Schneider dá algumas explicações dos resultados dos exames, sempre me garantindo que não há motivo algum para retê-la por mais tempo em uma cama de hospital. Em seguida, ele nos deixa a sós, alegando ter pacientes para atender.

Dessa vez, não contesto. Solto o ar, aliviado por ouvir que posso levar Lola para casa. Finalmente.

Enquanto passamos o dia no hospital, Fergus foi a um hotel, onde fez nosso check in.

Rowan, o chefe da Garda, me ligou algumas vezes para garantir que tudo estava certo e que Fernando Fernandes, Walter Magalhães e Dailey Griffin (não consigo mais chamá-lo de pai; não depois de todo o caos que ele causou) estão detidos para interrogatório e sofrerão as consequências de seus atos.

De acordo com ele, estão juntando todas as provas necessárias para colocar aqueles três desgraçados na cadeia por um bom tempo. Eu sinceramente duvido que isso vá acontecer. São homens muito influentes e com mais dinheiro do que moral. Mas uma coisa é certa: se a justiça não lidar com eles, darei meu jeito para que nunca mais se aproximem de Lola ou de mim.

Oliver também já me mandou uma mensagem e disse que o assunto mais falado em Dublin é o fim do meu casamento com Shayla. Ótimo. Quero que todos saibam.

Fergus pede licença e diz que vai esperar lá fora. Sei que ele vai cuidar da conta

do hospital para mim enquanto ajudo Lola a se arrumar. É muito bom saber que posso contar com ele nessas horas. Sempre estivemos um ao lado do outro nos momentos mais conflituosos de nossas vidas.

As memórias de nossa infância tentam tomar minha mente, mas não deixo que elas entrem. Neste momento, nada pode me afastar do meu presente.

Viro-me para Lola e, em vez de encontrá-la sorrindo, vejo-a morder o lábio inferior com apreensão.

— O que foi, linda? Qual o problema? — pergunto espantado, correndo para me colocar ao seu lado.

— Não é nada…

— Está doendo? Com alguma vertigem? — Minha preocupação começa a me dominar, e ela enxerga isso. Tanto que coloca a mão no meu rosto e faz que não com a cabeça.

— Não, Carrick. Eu estou bem. Prometo.

— Então, por que essa expressão? — quero saber.

Acaricio seu rosto com delicadeza, tentando buscar em cada vinco que se formou em sua testa a resposta para a minha pergunta. Lola pode dizer que está bem, mas tem alguma coisa a incomodando.

— Eu não quero sair daqui usando aquele maldito vestido de noiva… — ela sussurra, mas é como se tivesse berrado, porque o impacto de suas palavras me atinge em cheio.

Não quero lembrar da cena que presenciei algumas horas atrás.

Lola estava lá, deslumbrante em seu vestido de noiva. Mas ele não era para mim, não foi o vestido que escolheu para dizer o grande *sim*. Apesar do luxo e suntuosidade, a tristeza em seu rosto fazia com que aquele fosse o vestido mais odioso de todos.

Eu nunca me senti tão mal na vida. Tão… impotente. Foram horas esperando alguma resposta positiva da polícia brasileira. Mas quando ela finalmente chegou, vários policiais se empilharam em carros e foram para o apartamento onde Lola estava sendo mantida refém.

Do lado de fora do prédio, três seguranças armados tentavam impedir a entrada de qualquer pessoa, mas a polícia agiu rápido e conseguiu imobilizá-los sem muita dificuldade. No corredor também tinham mais alguns homens. Dessa vez, eles nem se preocuparam em colocar algum tipo de disfarce.

Tudo aconteceu muito rápido. Em um minuto, eu estava dentro do carro junto com o delegado e mais dois homens. No outro, Lola estava vindo em minha

direção. A maquiagem borrada deixava claro que ela havia chorado muito, provavelmente pensando no que o destino guardava para ela.

No instante em que a vi, todas as minhas preocupações foram embora. Eu jamais deixaria que algo acontecesse a ela.

“Mas você deixou… Você deixou que ela fosse embora”, minha mente me atormenta e sei que terei de conviver com essa culpa pelo resto da minha vida. Só que, agora, tudo que posso fazer é cuidar de Lola da melhor maneira possível — e se isso quer dizer que a deixarei irritada com tantos papericos, que seja.

O problema é um maldito vestido de casamento? Então, darei um jeito de encontrar algo para ela usar. Nem que, para isso, eu precise tirar as roupas do meu corpo e oferecê-las a ela.

— Se você acha que eu viria para cá sem nada, é porque não me conhece direito — Ana fala antes que eu consiga assegurar Lola de que ela nunca mais irá colocar aquele vestido de novo.

Ana pega uma muda de roupa de dentro de sua enorme bolsa com desenhos de porcos espinhos (?!) e a oferece a Lola. No instante em que ela pega as peças, lágrimas começam a fazer uma poça em seus olhos.

— Amor, o que foi? — Não consigo conter minha preocupação. Lola olha para mim de forma carinhosa e abre um sorriso.

Em seguida, ela se vira para a amiga.

— Você realmente é a minha fada madrinha, sabia?

— Só se for uma fada madrinha bêbada e cheia de tesão em cima de um certo irlandês que está lá do lado de fora. — Ana tenta fazer piada com a situação, mas vejo suas bochechas enrubescerem.

— Não… Você é muito mais do que isso, Ana. Você não hesitou em me ajudar quando mais precisei. Ajudou Carrick a me encontrar e, agora, está me ajudando mais uma vez. — Lola para de falar, mas continua olhando para amiga. Vejo tanta ternura entre as duas que, se a situação fosse outra, cogitaria em deixar as duas a sós. Mas, neste momento, sou incapaz de sair do lado dela. — Talvez você tenha razão e não seja uma fada madrinha… — Lola continua —, mas com certeza é a melhor amiga que uma garota poderia pedir.

Acho que Ana não sabe aceitar muitos elogios, porque assim que Lola acaba de falar, ela pede licença e diz que vai para casa. Não antes sem pedir que Lola ligue para ela várias vezes para deixar claro de que está realmente bem.

Ajudo minha princesa a se trocar e preciso focar para não soltar um grunhido quando ela fica apenas de calcinha e sutiã na minha frente.

Calma, Carrick… Vocês terão tempo para isso.



— Agora que tudo isso acabou, que tal curtirmos uma praia? — Fergus sugere, subindo e descendo as sobrancelhas. Estamos de frente para o hotel, que fica localizado em uma das praias mais famosas do Rio. — Quero ver se as brasileiras vão me tratar tão bem quanto eu as trato lá em casa.

Não consigo prender a risada, que sai mais alta do que esperava. Mas algo no modo como meu irmão fala faz com que eu pense que ele não está sendo tão sincero quanto normalmente é.

Olho para o meu lado e vejo Lola sorrindo para Fergus também. Acaricio seu rosto, aliviado por estar com ela de novo. As poucas horas que passamos afastados foram suficientes para me mostrar que nunca, em hipótese alguma, aceito ficar longe de Lola.

“Como se você não tivesse repetido isso duzentas vezes na última semana”, minha consciência fala comigo, mas resolvo ignorá-la.

Ela agora sorri para mim, aquele sorriso que é só meu, que usa apenas quando estamos sozinhos. Seus olhos brilham com promessas e sentimentos.

As coisas podem não ser perfeitas no momento, só que nada disso importa.

O pesadelo passou, mas agora precisamos viver com a consequência dele. Eu não sei o que acontecerá comigo caso eu decida voltar para a Irlanda. Lola não sabe como sua mãe irá reagir quando descobrir o que seu marido fez. São muitas incógnitas e nenhuma resposta. Porém, repito que nada disso importa.

Problemas sempre irão aparecer. Contratempos. Pessoas que não nos querem bem. Dificuldades. Medos. Inseguranças.

Que venham todos. Contato que ela esteja ao meu lado, nada será capaz de abalar o que construímos em tão pouco tempo, mas com tanto amor.

É então que eu me lembro das três palavrinhas que ela nunca me deixou dizer.

— Eu te amo, Lola — confesso e parece que um peso foi erguido dos meus ombros. Mas o melhor de tudo é ver a reação dela ao ouvir aquilo que quis dizer desde o momento em que nos reencontramos. — Eu te amo mais do que tudo nessa vida.

— Eu também te amo, Carrick.

Abaixo a cabeça, ignorando tudo e todos que estão ao nosso redor, e selo nossos lábios em um beijo. Como sempre, é aquele beijo.

Ela é o amor da minha vida. Minha princesa. E, caramba, eu vou fazer de tudo

para que ninguém possa estragar nosso *felizes para sempre*.

Capítulo 30

Lola

Eu não aguento mais ser tratada como se fosse feita de vidro. Não sei quantas vezes na última semana eu disse isso a Carrick, mas ou ele não se importa ou não está convencido de que eu esteja realmente bem — e isso me deixa ainda mais irritada.

Eu estou bem. Tudo está bem. A justiça brasileira não deixou barato o que aconteceu comigo. Eles estão condenando meu pai e Magalhães por organização de quadrilha e sequestro. Os dois estão em prisão preventiva, esperando o julgamento. Mas com todas as provas que foram coletadas, duvido que conseguirão escapar.

Porém, Dailey é quem nos preocupa no momento. O desgraçado fugiu da Irlanda. Não sei onde ele está nem o que pretende fazer. Rowan e Holt, um detetive da SDU, estão fazendo tudo que podem para trazê-lo de volta e fazer com que ele pague pelos seus crimes, mas ainda não disseram nada concreto.

Apesar disso, duvido muito que ele volte atrás de nós. Seu rosto saiu na mídia internacional como fugitivo da justiça irlandesa. Uma hora ou outra, alguém irá encontrá-lo.

Ando de um lado para o outro do quarto, esperando que o motivo da minha frustração saia do banheiro para que eu possa descontar nele tudo que me irrita no momento.

Na verdade, estou pronta para me jogar em cima daquele homem delicioso e exigir que ele acabe com o meu sofrimento.

Só que quando a porta do banheiro se abre, todo o ar é expulso dos meus pulmões.

Carrick sai de lá usando nada mais, nada menos do que uma toalha branca enrolada na cintura. Gotículas de água escorrem por seu torso bem definido, e então descubro que estou morrendo de sede.

Todo aquele corpo exposto para mim. Aquele peitoral perfeito, rígido. A vontade que sinto no momento é de montar nele e acompanhar com a língua o caminho

que a água percorre até chegar embaixo da toalha.

Eu engulo em seco, tentando não me fazer de idiota na frente do homem mais delicioso que já vi na vida.

Esta não é a primeira vez que vejo Carrick sem camisa, mas algo neste momento faz da experiência algo bem mais íntimo. Ele está tão exposto, tão… doméstico após tomar um banho, que algo em mim grita que eu vá até lá para explorar cada um de seus músculos.

— Lola… — Não respondo ao seu chamado. Estou muito preocupada em analisar o homem que representa a realização de cada uma das minhas fantasias mais eróticas. — Você está encarando…

— Aham. — É a única coisa que consigo dizer.

Levanto o olhar e encontro Carrick me avaliando com cuidado, como se não entendesse o que está acontecendo.

— Carrick, eu estou pronta — exponho as palavras que estiveram presas na minha garganta desde que dormimos juntos pela primeira vez neste bendito hotel.

Se dormir ao lado dele foi uma tortura, acordar nos braços de Carrick foi o paraíso. É sempre assim. Sempre essa mesma sensação de estar em casa, não importa a cidade, a cama ou a situação.

Sentir seus braços fortes me mantendo colada ao seu corpo, sentir sua rigidez contra minha bunda… É perfeito e, ao mesmo tempo, um furacão de pensamentos e vontades que jamais havia sentido — e não consigo mais resistir.

— Mas você não estava pronta… O que aconteceu? — A voz dele sai trêmula, mas não sei se é de preocupação.

— Acho que ninguém cresceu tanto em algumas semanas quanto eu… — Passo as mãos pelo cabelo, sem conseguir tirar os olhos de cima dele.

— Lola, por favor, não se sinta obrigada. — As palavras de Carrick pausam minha análise completa de seu corpo magnífico.

Será que eu ouvi direito?!

— Obrigada? Estou praticamente implorando! — Não aguento e acabo explodindo. Será que ele não enxerga meu estado? Será que ele não sente minhas mãos explorarem seu abdômen todas as noites enquanto ele dorme? Será que ele não percebe que, sempre que estou ao seu lado, sinto-me vazia, sentindo desesperadamente sua falta dentro de mim?

— Mas quando você disse que queria esperar, eu pensei que tivesse dúvidas… sobre mim, sobre nós…

A vulnerabilidade em sua voz faz com que as perguntas na minha cabeça se calem e outras comecem.

Como um homem desses pode se sentir assim? Como ele acha que eu sou capaz de racionalizar esse sentimento tão intenso que me domina por completo?

Ele esfrega a mão pelo peito, deixando-me com inveja. Quero poder sentir sua pela contra a minha, seus músculos tremerem sob meu toque.

— As dúvidas nunca foram em relação a você — falo com cuidado, me aproximando dele. — Eu não estava esperando para perder a minha virgindade por conta de algum princípio ou algo do tipo. Eu apenas… não tinha encontrado alguém que me fizesse querer mais. E você me faz querer tudo, Carrick. O que me fez esperar foi a situação. — Preciso deixar isso bem claro. Ele não pode manter certas dúvidas na cabeça, principalmente quando eu posso fazer algo para que ele não mais as tenha. — Não queria me entregar para você, sabendo que corria a chance de nunca mais tê-lo em minha vida novamente.

— Você nunca correu esse risco — ele retruca de imediato, terminando de fechar a distância entre nós e tomando meu rosto em suas mãos. — Sou seu desde o momento em que te vi pela primeira vez.

— Então, o que você está esperando?

Dessa vez, ele não responde, mas eu posso sentir a agitação que começa a nos envolver. Estamos a poucos centímetros de distância um do outro, mas o ar entre nós é quente, úmido, fazendo com que respirar seja quase impossível.

O silêncio impera no quarto, mas tenho certeza de que ele consegue ouvir as batidas descompassadas que acontecem dentro do meu peito.

E é então que tudo muda.

Carrick começa a acariciar meu rosto tão suavemente que é quase impossível sentir. Mas minha conexão com ele é forte demais para ignorar algo tão monumental.

Fecho meus olhos e inalo seu perfume… Uma mistura de sabonete, colônia masculina e o indescritível aroma de Carrick.

Ele é minha droga, e eu não consigo mais ficar sem minha próxima dose.

Apenas com a ponta do polegar, ele traça a lateral do meu rosto, deixando minha pele quente e precisando de mais. Tudo é tão suave e, ao mesmo tempo, tão intenso. O toque é quase uma brisa, mas funciona como uma ventania.

Meu corpo inteiro entra em estado de alerta, querendo mais, precisando de mais.

— Carrick… — sussurro seu nome e ele inclina minha cabeça para trás.

— Eu posso esperar o tempo que for preciso, Lola…

— Não espere mais. Não vou aguentar… — Ele escuta a súplica em minha voz e solta um grunhido baixo.

Mas, então, sinto a ponta de sua língua começar o passeio torturante pela lateral do meu pescoço, indo do meu maxilar até o lóbulo da minha orelha. Seus lábios são como penas em minha pele, enchendo-me de beijos leves e cheios de promessas.

Com as mãos trêmulas, seguro em seus ombros, precisando do apoio para me manter de pé.

Prendo a respiração, ansiando para que ele continue…

— Minha Lola… Só minha…

Suas mãos se juntam à tortura e descem por meu corpo, acariciando cada curva e deixando rastros de desejo por onde passam. Meus peitos estão pesados, necessitando de seu toque. Mas Carrick não tem pressa. Ele toma o tempo necessário para que eu fique completamente acesa.

— Por favor, Carrick… Por favor… — Não tenho medo de implorar. Já posso sentir a umidade em minha calcinha e estou à beira de um colapso.

Meus gemidos parecem fazer com que ele entenda minha necessidade e Carrick toma minha boca em um beijo. Aquele beijo.

O beijo que não esconde o que sentimos, o que precisamos e o que mais desejamos.

Nossas mãos estão em todos os lugares, apertando, puxando, acariciando tudo que conseguem encontrar.

Não sei como acontece, mas, de repente, sinto minhas costas contra o colchão macio da enorme cama do quarto do hotel. O peso de Carrick sobre mim faz com que tudo fique ainda mais real. Ele se encaixa entre as minhas pernas e me devora com a boca.

Estou fora de mim, me esfregando contra ele, arranhando suas costas e gemendo seu nome várias e várias vezes enquanto ele beija meu pescoço e massageia meu seio.

— Estou desesperado por você, linda… — Carrick diz assim que se afasta. Mas antes que eu consiga protestar sua ausência, sinto suas mãos na barra do meu vestido e meu coração parece dar um pulo no peito. — Mas é só pedir que eu paro, está bem?

Não consigo encontrar minha voz. A expectativa do momento é muito forte. Por isso, faço que sim com a cabeça e o deixo me despir. Primeiro, vai embora o vestido, deixando-me completamente exposta para ele, usando apenas uma

pequena calcinha azul.

Carrick emite um som grave de dentro da garganta, parecendo apreciar a visão à sua frente.

— Todas as noites que você dorme ao meu lado, em algum momento, preciso me levantar e ir ao banheiro para tentar aliviar um pouco da tensão, principalmente depois de perceber que você estava me olhando. Quando você está por perto, meu corpo grita para estar junto do seu — ele fala, acariciando seu membro ereto, que está em evidência, mesmo por trás da toalha.

Não resisto à tentação e, com apenas um puxão, eu o deixo nu.

Minha boca saliva com a vontade de provar cada glorioso centímetro dele.

Estou inchada, encharcada, desejando que cada centímetro dele esteja logo dentro de mim, porque não sei por quanto tempo irei aguentar essa ausência.

Muito devagar, como se quisesse admirar o show, Carrick remove minha calcinha e respira fundo quando me vê por completo. Não é a primeira vez que nos despimos, mas é a primeira vez que sabemos aonde vai dar.

Ele geme como se sentisse dor. Eu quero dizer a ele que sei exatamente como ele se sente, mas não existe qualquer coerência dentro de mim no momento. Meu corpo grita ritmado por ele.

Carrick.

Carrick.

Carrick.

— Linda — ele diz, passando as mãos grossas por minhas pernas macias.

— Carrick, por favor. Não aguento mais ficar longe de você. — Ele escuta o desespero em minha voz e se deita sobre mim, distribuindo beijos em qualquer lugar que consegue alcançar.

Gemo seu nome, peço por mais, finco as unhas em suas costas.

— Se eu estiver dentro de você, então preciso que você entenda que nunca mais irei deixar que vá embora — ele diz, sua voz presa em um tom agonizante.

— Eu não quero ir embora. Nunca.

— Durante toda a minha vida, fui negado aquilo que queria. Mas você chegou e me trouxe de volta à vida. Duas vezes, Lola. — Seus olhos estão presos no meu. — Na primeira vez que eu te vi e na vez que você voltou por mim.

Eu não tenho como negar. Quando fugi do Brasil, poderia ter ido para qualquer lugar do mundo, mas foi aquele beijo que me fez voltar para Carrick. Aquele beijo que me fez não desistir de tudo que poderíamos ser.

— Você me fez voltar a viver. Eu sempre serei seu, linda Lola. E você, será

minha também? — Sua pergunta cândida me pega de surpresa, mas eu entendo o que ele está tentando dizer.

Não é uma questão de posse. É uma questão de entrega.

Em vez de responder com palavras, coloco minha mão entre nós e seguro sua ereção, guiando-a para minha entrada.

Os sons que ele faz, como se fosse morrer de tanta necessidade, me incentivam a continuar. Não preciso mais implorar.

A ponta dura e arredondada de seu membro brinca com a minha entrada e Carrick empurra um pouco. Estou tão molhada que ele desliza para dentro. Mas o meu homem é grande, grosso, delicioso, e precisa fazer esforço para conseguir ficar por inteiro em mim.

Sinto uma pontada de dor, mas a ignoro. O prazer é muito maior.

Gememos alto, nos beijamos de qualquer jeito, nos mexemos em sincronia, sempre querendo mais.

Eu posso sentir Carrick em todos os lugares, fazendo com que eu finalmente entenda o que é sentir prazer. O orgasmo vem rápido e forte, mas ele continua com seus movimentos fundos e longos, arrancando tudo que tenho a oferecer.

Quando ele goza, os olhos fixos nos meus, vejo sua boca se mexer, formando um “eu te amo”.

Epílogo

Lola

Três anos depois daquele beijo

— Eu odeio você, Carrick. Odeio com todas as minhas forças. Ahhhhhhh!

O grito escapa da minha boca quando a dor se intensifica ainda mais.

— Você pode me odiar o quanto quiser, Lola, contanto que continue me amando. Porque eu te amo mais do que tudo neste mundo e estou muito orgulhoso de você.

O filho da puta tem que bancar o príncipe encantado até quando estou quase morrendo?

Os últimos anos foram o paraíso. Depois da confusão toda que aconteceu, finalmente tivemos a chance de recomeçar. Dessa vez, juntos. Eu resolvi abandonar a faculdade de Jornalismo e ainda estou em busca da minha paixão na vida. Por enquanto, estou trabalhando com Carrick na empresa, que ele assumiu depois do pai ter desaparecido. Ou estava.

Nós nos mudamos para a mansão onde Carrick cresceu. Ele disse que, agora, ela seria realmente um lar. Criamos muitas memórias, redecoramos, fizemos amor em todas as partes… o que nos trouxe até aqui, comigo gritando de dor.

Escuto uma risada vindo da direção onde minhas pernas estão e vejo a pessoa mascarada me olhando com divertimento.

— Está na hora, Lola. Eu preciso que você faça força agora — a médica me incentiva e Carrick segura minha mão.

— Você consegue, linda. Traz nosso filho para o mundo. — Ele fala como se fosse fácil.

Carrick Beija o topo da minha cabeça, me dando a força que preciso para tirar essa melancia alienígena de dentro de mim.

Respiro fundo, tentando esquecer a dor intensa que contrai minha barriga, e começo a empurrar. Não consigo respirar, mas isso não importa muito agora. Carrick diz palavras de apoio, fazendo com que eu não pare de me esforçar.

“Você é linda.”

“Você é o amor da minha vida.”

“Isso mesmo, meu amor, você consegue.”

— Só mais um empurrão, Lola. Seu filho está chegando — a médica diz. Não sei de onde tiro a força necessária, mas logo escuto um choro agudo e toda a dor vai embora.

Carrick não sabe para onde olha, se para mim ou para nosso filho, e posso sentir sua alegria daqui.

— Venha fazer as honras, papai. — Ele beija o topo da minha cabeça, um sorriso emocionado brincando em seus lábios trêmulos, e vai em direção a nosso filho para cortar o cordão umbilical.

Eu já passei por muita coisa nesta vida, mas nada foi capaz de me preparar para este momento. Carrick vem até mim, carregando Adam no colo. No instante em que o segurou, meu pequeno pedacinho de gente parou de chorar. É como se ele também estivesse hipnotizado por Carrick. Meu marido é devastadoramente bonito, mas o modo apaixonado com que olha para nosso filho faz dele algo além do que as palavras podem definir.

Não consigo tirar os olhos dos dois, que parecem estar começando a formar um laço antes mesmo de terem consciência disso.

Algo neste momento faz com que eu tenha um *flashback* do dia em que eu e Carrick nos casamos. Talvez seja o excesso de amor, a total entrega ou simplesmente o fato de que foi naquele mesmo dia que engravidei.

A cerimônia foi pequena, mínima — apenas eu, Carrick, Fergus e Ana. Não tinha padre ou juiz de paz. Foi meu cunhado quem se ordenou na internet e acabou realizando nossa cerimônia.

Eu não tinha como colocar um vestido de noiva novamente. Por isso, aproveitei uma tarde de verão, com sol e calor (o máximo de calor que a Irlanda tem a oferecer) e fizemos um pic nic no parque, onde nos casamos.

Ridículo? Talvez. Romântico? Com certeza não. Mas, para ficarmos juntos, já havíamos sobrevivido tanta coisa que pouco importava onde e como nos casaríamos. Era apenas um objetivo: ficarmos juntos.

Carrick estava lindo — relaxado e sorridente — quando Fergus anunciou que havia se ordenado na internet. Foi então que ele olhou pra mim e disse:

— Quer se casar comigo agora, linda?

E eu, claro, disse que sim. Ele já havia me pedido em casamento antes. Na verdade, ele me pediu em casamento logo depois de fazer amor comigo pela

primeira vez, com a praia de Copacabana servindo de testemunha. Mas eu nunca conseguia ter coragem de marcar a data — com medo do maldito vestido.

A solução foi perfeita… E, hoje, estamos aqui, recebendo nosso filho.

Carrick não desvia o olhar de Adam, tentando balanceá-lo em seus braços fortes. A cena poderia ser engraçada se não fosse pela intensidade de amor que emana deles. Carrick, grande e desajeitado, traz Adam, pequeno e curioso, até mim.

Meu coração flutua de leveza, e assim que Carrick coloca meu pequenininho em meus braços, sinto a nossa bolha ao redor de nós três. Ela, que era só nossa, agora tem espaço para mais um.

Fecho os olhos antes de olhar para Adam. Eu preciso me preparar para esse momento, memorizar cada sensação, cada imagem…

Mas o peso da criança no meu colo — o fruto de tudo que há de melhor em Carrick e em mim — faz com que eu sinta a necessidade de abrir os olhos e encontrar o que será a razão da minha vida.

Eu perco o ar com o impacto. Olhos acinzentados me encaram com tanta atenção que sinto como se estivessem tentando me perguntar sobre tudo o que eu tenho a oferecer. Estou paralisada.

Mesmo agora, ainda com aquela carinha de quem acabou de nascer, Adam é muito parecido com o pai. O mesmo formato do rosto, a boca desenhada e os olhos tão intensos.

Não consigo conter minhas lágrimas. Também não quero. Este é o melhor momento da minha vida.

— Eu não posso acreditar que você finalmente está com a gente — sussurro para Adam, que continua me avaliando. Acho que ele precisa ter certeza de que serei uma boa mãe.

Quero dizer a ele que ninguém jamais irá amá-lo como eu. Assim como eu amo seu pai, com toda a minha alma, amarei Adam também.

Ele veio para nos mostrar o que é ter uma família de verdade. Não aqueles que tentam nos moldar ou nos forçar a fazer algo. Mas pessoas que nos amam pelo que somos e que não medem esforços para nos fazerem felizes.

— Bem-vindo ao mundo, filho — Carrick diz ao meu lado e dá um beijo na testa de Adam. Em seguida, ele se vira para mim, um sorriso bobo estampado no rosto.

Mesmo depois de horas de parto, de dor, de agonia, o modo como Carrick me encara não me deixa ter dúvidas de que ele estará ao meu lado para sempre. O rosto, que agora é tão familiar, se acende com a consciência do que acabamos de

trazer ao mundo — e eu mal posso esperar para ter uma vida inteira ao lado deles.

— Eu te amo. Obrigado por fazer de mim o homem mais feliz de todos. — Carrick me beija.

Dessa vez, não é aquele beijo. É muito melhor. É um beijo que diz que nós três seremos *felizes para sempre*.

Nota da Autora

Quer saber cada detalhe do que aconteceu? Então, fique ligada que a história de Fergus e Ana chega em breve.

Enquanto ela não vem, que tal dar uma chance aos meus outros livros?
- Casada Por Acidente
- Embrulhado Pra Presente

Série Famosas Últimas Palavras
- Nunca Vou Me Apaixonar
- Noite de Núpcias
- Nunca Vou Me Entregar
- Nunca Vou Me Iludir

Série Mãe Solo Procura
- Uma Chance Para Amar
- Deixa-me Te Amar
- Aprendendo a Amar (lançamento previsto para 2019)

Série Meus Amores (em parceria com Luísa Aranha)
- Meu Vizinho Indiscreto
- Meu Mecânico Indecente
- Meu Professor Insaciável
- Meu Amor Improvável (lançamento previsto para 2019)

Próximos lançamentos
- Maldita Mulher dos Meus Sonhos
- O Preço da Fama

- O Preço da Coroa
- A Guerra dos Lobos

Agradecimentos

Michele Costa, Renata Moreira, Mel Troti e Andressa Beauvilain: vocês são maravilhosas! Muito obrigada por estarem ao meu lado, aturando minhas loucuras. Principalmente quando eu chego no meio do livro e resolvo reescrever a história. Amo cada uma de vocês!

Sissi… sei lá… Queria ter palavras mais bonitas para dizer o quanto sou grata por você fazer parte da minha vida. Eu te amo, você é incrível e estou louca para pôr todos nossos projetos em prática. Arrasa a porra toda, viada!

Flávia Veras, obrigada por, apesar da distância, fazer questão de estar sempre comigo. Obrigada pelo *pep talk* quando eu estava à beira de um colapso balzaquiano. Obrigada pela festa de aniversário que você preparou com tanto carinho. Você é sensacional.

Eu não vou esquecer da pessoa mais especial de todas: você. Sim, você mesmo. Você que leu esse livro e outros livros meus também. Sabia que você está fazendo meu sonho virar realidade? Por isso, sinta-se abraçado, beijado e reverenciado. Serei eternamente grata por tudo que você tem feito por mim.

Minhas leitoras maravilhosas! Obrigada pelo carinho, por todas as mensagens, todas as vezes que vieram conversar comigo no Instagram e dizer que amam meus livros. Com vocês ao meu lado, sei que posso continuar na luta. Amo vocês.

Obrigada, gente! De verdade.

Nos vemos no próximo livro, que, de acordo com meu cronograma, será lançado dia 23/02/18.

Sobre a Autora

A carioca Mari Monni sempre foi viciada em livros. Hoje, não é diferente. Desde que resolveu que iria começar a publicar, ela tem lançado livro atrás de livro, todos eles com um toque de humor, sensualidade e com finais felizes garantidos.

Odeia escrever sobre si mesma em terceira pessoa e se sente muito chata toda vez que tem que fazer isso.

Apaixonada por café, coca cola e batata frita, essa capricorniana é completamente viciada em trabalho. Só deixa as coisas de lado quando precisa ficar com sua filha humana e seu filho canino.

Se quiser conhecer mais sobre a autora e se juntar à sua lista de e-mail para receber aviso de promoções e cupons de desconto, entre no site e se torne um *#stalkerdamari.*

www.marimonni.com.br

Siga a autora nas redes sociais e fique por dentro do que está acontecendo e de quais serão seus próximos lançamentos:

Instagram: @marianamonni

Twitter: @marimonni

Facebook: Livros da Mari Monni